



Universidade Federal de Roraima
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação - PRPPG
Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Territorialidades e Saberes
Amazônicos - PPGCOM

Luan Correia Cunha Santos

**Deglutimos um podcast? (Trans)territorialidades amazônicas como
(re)existências nos processos de disputa da podosfera brasileira**

Boa Vista - Roraima

2022

Luan Correia Cunha Santos

Deglutimos um podcast? (Trans)territorialidades amazônicas como (re)existências nos processos de disputa da podosfera brasileira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, Territorialidades e Saberes Amazônicos, da Universidade Federal de Roraima, para obtenção do título de mestre em Comunicação Social.

Orientadora: Lisiane Machado Aguiar

Boa Vista, 2022

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

S237d Santos, Luan Correia Cunha.

Deglutimos um podcast? (Trans)territorialidades amazônicas como (re)existências nos processos de disputa da podosfera brasileira / Luan Correia Cunha Santos. – Boa Vista, 2022.

163 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Lisiane Machado Aguiar.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social.

1 - Podcast. 2 - Podosfera. 3 - (Trans)territorialidades. 4 - Resistências. 5 - Produções amazônicas. I - Título. II - Aguiar, Lisiane Machado (orientadora).

CDU - 301

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária/Documentalista:
Maria de Fátima Andrade Costa - CRB-11/453-AM

Deglutimos um podcast? (Trans)territorialidades amazônicas como (re)existências nos processos de disputa da podosfera brasileira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, Territorialidades e Saberes Amazônicos, da Universidade Federal de Roraima, para obtenção do título de mestre em Comunicação Social.

Profª Dra. Lisiane Machado Aguiar - UFRR (orientadora)

Profª Dra. Vângela Maria Isidoro de Moraes - UFRR (banca examinadora)

Profª Dr. Nivaldo Ferraz - Universidade Cruzeiro do Sul (banca examinadora)

Boa Vista, 28 de fevereiro de 2022.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, as gerações que me antecederam e que, de alguma forma, construíram os caminhos que me fizeram chegar até aqui. Em especial, meus bisavós, Maria Julia dos Santos, Paula Cunha, Walter Cunha e José Correia, meus avós Rosinda Correia, Maria Lúcia Gama, Jocelino dos Santos e Silvío Cunha.

Minha mãe, Karen Correia, por ser meu porto seguro, a primeira a acreditar em meus sonhos e manter uma força extraordinária para me motivar e ajudar mesmo nos momentos mais difíceis.

Meu pai, Jocenildo Santos, por toda a compreensão e dedicação à família, que foram fundamentais para que eu pudesse seguir os caminhos da vida científica.

Meus irmãos, Jullia, Denner, Diogo, Eva e Maia, pela inspiração e carinho incondicionais, mesmo com a distância física muitas vezes imposta.

Meu padrasto Jimmy Faria e minha madrasta Suellen Reis, por sempre me fazerem sentir em casa e cuidarem tão bem das nossas famílias.

Minha tia Fátima e prima Marcelle pela compreensão e por todas as horas de telefonema quando as coisas não estão tão bem.

Aos amigos que me acolheram em momentos tão desafiadores, e que compõem a família que a vida forma. Em especial Ariene Susui, Jaqueline Rocha, Victor Hugo, Matheus Valente, Eduardo Fredi, Francisco Eduardo, Samantha Rufino, Ana Lucia Montel, Clayton Demarchi, Iran Barros, Nathalia Affonso, Itallo Franzo.

Agradeço todos os comunicadores que protagonizaram as produções aqui apreciadas e que confiaram a mim, seus ensinamentos, histórias e afetos.

Agradeço também ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima, pela oportunidade de realizar o sonho deste importante passo acadêmico, e pela confiança em mim depositada.

A Universidade Federal de Roraima, que durante seis anos foi a minha casa e transformou minha vida. A Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, pela bolsa concedida.

Agradeço ao Prof^o Nivaldo Ferraz pelas excelentes contribuições na banca de qualificação e por sua disposição em compor a banca examinadora desta dissertação.

Ao Prof^o Dr^o Simão Farias por todos esses anos de caminhada acadêmica que resultaram em grande admiração e também por ter aceitado o convite para suplência da banca.

A Profª Drª Vângela Moraes, por todos os momentos e conhecimentos compartilhados nesta caminhada de seis anos na UFRR, pela amizade, pela força e inspiração.

A minha companheira de jornada, orientadora, Profª Drª Lisiane Aguiar, por ser uma luz nessa caminhada, por inspirar os passos, pelo ombro sempre amigo, humano e empático, pela dedicação, por todo o carinho e por nos demonstrar, através de seus gestos, que o caminho do afeto, da acolhida e do diálogo são libertadores e revolucionários.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo estudar a podosfera, entendendo o podcast como uma linguagem híbrida e como um território em constante disputa. Para isso, analisamos como as pesquisas realizadas no âmbito da pós-graduação em comunicação no Brasil tem conceituado e executado pesquisas sobre podcast. Também fazendo um mapeamento das produções com maior audiência, no serviço de streaming “Spotify”, buscando nesse processo, compreender como estão inseridos nos processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização da podosfera brasileira. Com base nas experiências de produção de podcasts protagonizados por sujeitos amazônicos, buscamos oferecer contribuições para a compreensão das potencialidades do podcast e da comunicação como parte de um movimento de emancipação de sujeitos. Dessa forma, adotamos a perspectiva antropofágica como metodologia de construção comunicacional decolonial a partir da ética, da estética e da política na sua relação com estruturas sociais e de poder. Logo, desenvolvemos uma crítica da podosfera buscando compreender as experiências estéticas comunicacionais nos seus trânsitos entre a produção e consumo de podcasts. Conclui-se que, a gambiarra, como movimento crítico, evidencia a fragilidade de uma mídia supostamente universal. A podosfera é esse ponto de sobreposição de (re)existência de sujeitos subalternos, ao mesmo tempo que é espaço de disputas e tensionamentos de diferentes sujeitos.

Palavras-Chave: Podcast; Podosfera; (trans)territorialidades; resistências; produções amazônicas.

ABSTRACT

This research aims to study the podosphere, understanding the podcast as a hybrid language and the podcast as a territory in constant dispute. For this, we analyze how the research carried out in the context of postgraduate studies in communication in Brazil has conceptualized and carried out research on podcasts. Also mapping the productions with the highest audience, on the streaming service "Spotify", seeking in this process, to understand how they are inserted in the processes of territorialization, deterritorialization and reterritorialization of the Brazilian podosphere. Based on the experiences of producing podcasts carried out by Amazonian subjects, we seek to offer contributions to the understanding of the potential of the podcast and of communication as part of a movement for the emancipation of subaltern subjects. In this way, we adopted the anthropophagic perspective as a methodology of decolonial communicational construction based on ethics, aesthetics and politics in their relationship with social and power structures. Therefore, we developed a critique of the podosphere seeking to understand the communicational aesthetic experiences in their transits between the production and consumption of podcasts. It is concluded that the gambiarra, as a critical movement, highlights the fragility of a supposedly universal media. The podosphere is this point of overlap of (re)existence of subaltern subjects, at the same time it is a space for disputes and tensions of different subjects.

Key-words: podcast; Podosphere; (trans)territorialities; resisters; Amazonian productions

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 01: Objetos das Produções acadêmicas por ano | 43 |
| Gráfico 02 - Estudos de podcast no repositório Capes por ano | 44 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| Tabela 01: Natureza dos objetos compreendidos em estudos da podosfera no campo da comunicação: | 40 |
| Tabela 02: Objetos de estudo da podosfera | 40 |
| Tabela 03: Definições de podcast em pesquisas da comunicação | 73 |
| Tabela 04: Quadro de conceituações na pesquisa | 76 |
| Tabela 05: Podcasts que estiveram entre os 15 mais escutados de 1º de janeiro a 15 de janeiro de 2020 no Spotify: | 94 |
| Tabela 06: Podcasts que estiveram entre os 15 mais escutados de 1º de novembro a 15 de novembro de 2020 no Spotify: | 98 |
| | 156 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| Prefácio: (trans)territorialidades na pesquisa | 9 |
| Introdução | 25 |
| Podosfera | 36 |
| 1.1 Delimitação do território | 45 |
| 1.2 (trans)territorialidades nativas | 52 |
| 1.3 Podcast Insikiran | 58 |
| Linhas do tempo da podosfera brasileira | 70 |
| 2.1 Linhas Nativas | 75 |
| 2.2 Descendentes do rádio | 85 |
| 2.3 Territorialidades Econômicas e políticas da Posdosfera | 90 |
| (trans)territorialidades | 101 |
| 3.1 Podcast Jardim Floresta | 110 |
| 3.2 Gambiarras, Disputas e Tensionamentos | 116 |
| Desestabilizações Epistêmicas e Contribuições Amazônicas | 121 |
| 4.1 Epistemologias Periféricas | 132 |
| 4.2 Comunicação e a interface epistêmica da alteridade | 137 |
| 4.3 Podcast dos Comunicadores Indígenas de Roraima: Evidências da (trans)territorialidades | 142 |
| Considerações | 151 |
| Referências | 155 |

Prefácio: (trans)territorialidades na pesquisa

Encaramos a (trans)territorialidade como aquela que, simultaneamente, envolve territórios híbridos em si mesmos, possibilitando articulações simultâneas com outros territórios (HAESBAERT; MONDARDO, 2010).

A estética antropofágica que norteia a metodologia e a materialidade deste texto nos convida a pensar diversas experiências que se entrecruzam e se transformam nesse constante movimento. Esse fazer, surge também como um acordo que buscamos estabelecer desde já entre autor-pesquisador e você, leitor: Ao longo desta dissertação exploramos as potencialidades que a própria comunicação e a estética do fazer científico na área nos possibilita. Por isso, o principal fio condutor deste texto são as experiências, muitas vezes narradas em primeira pessoa. Elas irão nos conduzir por todo o processo teórico-metodológico, levantamento de dados, discussões e análises que a integram.

Uma das justificativas para essa escolha, é a nossa compreensão do que é a pesquisa e quais são seus propósitos. Não temos uma compreensão da pesquisa como uma prática isolada dos sujeitos pesquisadores. A produção científica se dá no contexto de múltiplas interações e (trans)territorialidades de subjetivações éticas, estéticas e políticas de seus sujeitos produtores. Logo, seu produto, o conteúdo científico, se dá a partir das próprias (trans)territorialidades. Se dá nas experiências, nos afetos, nos processos de tomada de decisão, na imaginação teórica e nos movimentos políticos epistemológicos que acionamos nas construções de nossos objetos (LARROSA, 2002; BONIN, 2018; MALDONADO, 2013; BRAGA, 2016; AGUIAR, 2020).

Tal perspectiva, urgente na produção científica e no processo de delimitação do próprio campo de estudo da comunicação nos convida a problematizar: Quais as condições de nossa pesquisa? Quais especificidades das temporalidades por nós vivenciadas? Quais as delimitações deste território e seus processos de desterritorialização, reterritorialização e (trans)territorialização? Se chegamos até aqui, tivemos um percurso, que também pode ser combinado como uma intersecção

de outras trajetórias. Fazendo mais uma vez uma referência à antropofagia, qual ainda vamos aprofundar nossa percepção, trazer essas experiências junto com outros processos da pesquisa é como deglutir e devolver outras perspectivas a partir das experiências do próprio sujeito antropofágico. É também reconhecer que, esses processos se entrecruzam, e se juntam na criação de algo outro. E então, esse outro, passa a ser o produto de nosso estudo.

O que deglutimos? Podemos dizer que influências externas: Os autores e textos que compõem nosso referencial teórico; os pesquisadores que, no âmbito da pós-graduação no Brasil, se dedicaram a estudar o podcast; as produções de podcast, especialmente aquelas inseridas na plataforma Spotify Brasil, nossas referências epistêmico-metodológicas. Podemos *também* dizer os processos internos: Se somos o resultado de nossas experiências, estas constituem o ser antropofágico-pesquisador enquanto ele tem contato e faz sua constante devoração, e nessas experiências se expressam também, as produções de podcasts experimentais na Amazônia; as oficinas e palestras ministradas sobre podcast; a observação e apoio técnico a outras produções; a participação em eventos, a socialização da pesquisa em diálogos com outras perspectivas.

Falamos de experiências *também*, pois, o conjunto destas que formam o sujeito pesquisador, se dá também em outros âmbitos, estes que não costumam aparecer nos trabalhos acadêmicos. Não é nosso objetivo traçar uma dissertação sobre esses processos, porém, ao longo de nosso caminho, alguns deles puderam ganhar certa materialidade em nossas reflexões. Este prefácio, então, busca organizar essas outras experiências, que compõem a materialidade desta pesquisa. Embora nossos relatos estejam por todo o texto, consideramos como mais digestivo trazer no prefácio algumas premissas do sujeito pesquisador que poderiam densificar o texto mais a frente. Traçado esse nosso acordo, trazemos algumas problematizações.

Existe um começo? Apoiados em um pensamento rizomático podemos dizer que existem infinitas possibilidades (DELEUZE, GUATTARI, 1990). No platô processual de 2020, quando aprovado no programa de mestrado em Comunicação, Territorialidades e Saberes Amazônicos da Universidade Federal de Roraima? Ou ao

ingressar no ingresso no Curso de Comunicação Social - Jornalismo, também da UFRR? Ou quando, ainda em 2016, integrante mais novo do Núcleo de Pesquisas Semióticas da Amazônia - NUPS, tracei o desejo de um caminho acadêmico, que orientou os anos seguintes de faculdade e de certa forma, os passos que ainda são dados aqui?

Outra possibilidade de narrar esse trajeto pode se dar em outros territórios: em Santos, minha cidade natal, quando em 2014 ingressei na UFRR pelo SiSU; ou até mesmo quando meus bisavós portugueses, em 1950 decidiram mudar-se para o Brasil, saindo de Granja Nova; ou seguindo o outro lado da linha genealógica, quando meus avós deixaram Simão Dias, em Sergipe, para trabalharem como empregados domésticos em São Paulo.

O que busco com esse movimento, não é a origem, mas sim traçar algumas perspectivas que norteiam o fazer epistêmico-metodológico desta pesquisa. É um esforço de epistemologizar e traduzir em palavras alguns dos processos de tomada de decisão, subjetivações e caminhos que nos levam ao trajeto desta pesquisa. Um fazer metodológico que nos instiga a questionar cada vez mais os nossos próprios fazeres metodológicos, enquanto estes são executados. De certa forma, o que podemos chamar de autofagia dos processos antropofágicos.

E quais são essas premissas?

a) Autoria coletiva e confluência de saberes - Premissa primeira da antropofagia.

A antropofagia nos fala de um constante devorar de outros conhecimentos, que tem um “ponto” de encontro o sujeito antropófago, ao qual lhe cabe o processo de deglutir e transformar esse encontro em algo outro. É justo dizer que, seguindo processos antropofágicos nesta pesquisa, o que encontramos neste trabalho são recortes dos processos de deglutição do pesquisador, ao qual uma série de normatizações sociais e científicas possibilitaram o espaço da escrita e da divulgação acadêmica.

Nesse caso, não me cabe dizer que o conhecimento aqui produzido foi um processo individual meu, mas sim, o resultado de múltiplos encontros e múltiplos conhecimentos advindos dos processos de outros sujeitos, com diferentes territorialidades, temporalidades e materialidades.

No meu primeiro Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação Social - ENECOM, em 2017, sediado na Universidade Federal de Juiz de Fora, tive um acesso consciente às falas que me convidaram a problematizar a autoria dos conhecimentos produzidos na academia. Na época, minha cognição levou-me a pensar nos processos de plágio e outras conexões nesta via. Hoje, minha interpretação desse processo é outra.

O conhecimento aqui colocado é muito mais fruto de minha interação com múltiplos sujeitos, de múltiplos territórios e que se encontram aqui - Uma vez que encaramos a (trans)territorialidade como aquela que, simultaneamente, envolve territórios híbridos em si mesmos, possibilitando articulações simultâneas com outros territórios (HAESBAERT; MONDARDO, 2010). Esses territórios não são forjados aqui, mas sim delimitados e, de certa forma, territorializados. Esta é uma forma mais subjetiva de dizer que este é um fazer científico coletivo, assim como toda ciência é. E que, por isso também, conclamamos uma ciência formal com aberturas mais democráticas, uma vez que suas construções são coletivas por vocação.

Encontram-se aqui saberes advindos de pequenas vilas de Portugal, saberes afro-brasileiros que viajaram do Nordeste até São Paulo, saberes periféricos, saberes caiçaras, saberes elitistas, saberes amazônicos, saberes indígenas, saberes roraimenses, saberes acadêmicos, e muitos outros. Minhas vivências como pesquisador, as relações e comunicações que criamos ao longo da vida, as pessoas e experiências que nos tocam, tudo isso se traduz nos óculos epistêmico-metodológico que os sujeitos pesquisadores utilizam para construir seus trabalhos. Para as normas, meu nome será creditado como autor deste texto e desse encontro de pensamentos, mas eles são de tantos, fruto das experiências de muitos, diversos. E é cada vez mais necessário que coloquemos essa característica múltipla de autoria de nossos pensamentos. Não buscando uma regra geral, mas incentivando a participação e o reconhecimento da produção coletiva de conhecimento humano. Estamos todos construindo uma única história, de todos os humanos e não humanos. Dos seres e das coisas. Buscamos uma evolução coletiva que perpassa em reconhecer que os saberes são, de fato, coletivos, para além das lógicas colonialistas que um dia delimitaram um uso e propriedade.

Podemos utilizar um exemplo: quantas vezes utilizamos os saberes tradicionais indígenas em diversos trabalhos científicos e até hoje, referenciamos esses saberes coletivos, construídos por várias mãos, tido como saberes dos povos e não dos indivíduos, como pensamentos ou experiência de um autor específico branco europeu? Este é mais um aspecto que as organizações indígenas estão a passos na frente de não-indígenas. O conhecimento é de todos, feito por todos e para todos. Somente assim é possível reconhecer a confluência de saberes do antropófago.

O sujeito da antropofagia não é assim chamado porque cria as diferentes identidades das quais se alimenta, mas sim porque deglute essa diversidade. Ele é sujeito dessa transculturação, ao mesmo tempo que é passível dela. Mas, essa transculturação tem como premissa de que os saberes são de outros e que ali, se encontram e se transformam. Quatro anos depois do ENECOM 2017, infelizmente já não me recordo quem foi o sujeito de tais problematizações. E talvez, esse tenha tido outras inspirações. Assim pretendemos também seguir com este conhecimento. Que ele não seja estanque, mas passível de inspiração, aprimoramentos e atualizações, sempre necessárias. Afinal, a ciência que se faz para o coletivo, precisa ser feita pelo coletivo.

E também vale ressaltar aqui que, reconhecemos diferentes saberes, não apenas aqueles normatizados como científicos pela academia. Estamos falando de algo semelhante à “ecologia dos saberes” de Boaventura de Souza Santos (2010). O fazer científico precisa buscar o diálogo com outras epistemologias, e assim, possibilitar outras interpretações, outras construções do possível. Ou, quando as lógicas dominantes são de violência e apropriação, pensar formas de efetivar o impossível.

b) (trans)territorialidades em pesquisar sobre comunicação

Em dado momento da pesquisa seremos chamados a traçar genealogias que nos ajudam a compreender a construção de objetos aos quais temos nos debruçado. Relembramos a genealogia que fizemos de um podcast antropofágico, usado como fase anterior deste estudo, quando na apresentação da Monografia “Podcasting

Macunaíma: atualizações da antropofagia para a linguagem híbrida do podcast”; traçamos a genealogia epistêmica do podcast, quando buscamos trabalhos no campo da comunicação com sua temática; Construimos de algum modo uma pequena genealogia de audiência de podcast em determinado recorte temporal. São alguns convites para um olhar específico. Tendo em vista que o pesquisador não está isolado de sua pesquisa, mas pelo contrário, construindo-a pelas experiências, afetos e subjetividades, tanto quanto, os processos mais normatizados da pesquisa, não há como não pensar as possibilidades de uma genealogia do sujeito pesquisador imerso em tantas outras propostas.

Esses processos genealógicos se fundem: genealogias do pesquisador, cartografias sentimentais, genealogias da pesquisa, cartografias epistêmico-metodológicas do podcast da e na pesquisa. Reservamos um momento para traçar os movimentos que construíram outras genealogias nossas. Porém, aqui, cabe nessa fase ainda inicial, as especificações que nos fazem buscar a efetividade de um fazer antropofágico.

Quando falamos de uma teoria antropofágica e como esta se relaciona com uma ética, estética e política, falamos mais uma vez das experiências e afetos. Algumas vezes fui convidado pela minha orientadora, Prof^a Dr^a Lisiane Machado Aguiar, para fazer algumas falas em turmas de Iniciação à Pesquisa Científica e Metodologia da Pesquisa em Jornalismo em suas aulas na graduação. Conversas livres, em que evidenciava alguns aspectos de minhas experiências no campo da pesquisa. Nessas conversas, buscava sempre evidenciar que a pesquisa ocorre para mim, como um processo contínuo, pautado especialmente nas vivências paralelas mas intrínsecas da pesquisa. Vivências afetivas, carregadas de produções de subjetividades. “Faço pesquisa até e especialmente quando ‘não estou pesquisando’”, é o que costumo dizer quando sou convidado a falar do assunto. E me refiro aos encontros, diálogos, caminhadas, exercícios, contatos de inspiração. Mas começo a me questionar, o que é de fato fazer pesquisa em comunicação? Como se delimita esse campo? Vejamos alguns exemplos.

Nas horas “dedicadas à pesquisa”, estou sozinho em meu quarto. Tento forjar o ambiente mais calmo possível. As madrugadas são atrativas por isso, uma vez

que, boa parte da escrita da dissertação do mestrado não ocorreu em Boa Vista - RR, mas sim na casa de minha mãe, em Santos - SP, por conta das outras dinâmicas impostas pela pandemia da COVID-19. A casa de minha mãe é viva e um reduto específico de comunicações. Fato inicial desta constatação é que ela está em reforma. Pelos recursos limitados, é um processo que já dura mais de quatro anos e segue. Meu padrastrô é quem faz os serviços todos, e às vezes, me pede ajuda para carregar alguns materiais do térreo até o primeiro andar, onde se concentra a maior parte dos cômodos. Às vezes escrevo, enquanto sou perpassado pelo som do martelo, da serra e de uma série de outros instrumentos de obra que não vou saber nomear, mas sei reconhecer seus ruídos. Outro fator, é minha irmã de três anos (enquanto escrevo esse relato). Maia é criativa, alegre, espontânea e uma comunicadora nata. Acredito que tais características já deixam a entender que ela impõe uma dinâmica na casa o que inclui participar de histórias de princesa, pular corda ou simplesmente correr. Talvez por conta de ter passado seis anos longe de minha família, morando em Roraima enquanto fazia a graduação e partes do mestrado, desenvolvi uma característica com meus irmãos: eu sempre os escuto quando eles querem me dizer algo. Para mim é importante ouvir o que as pessoas têm a dizer, especialmente quando essas pessoas estão em processo de desenvolvimento. Eu quero que saibam que, o que eles têm a dizer me importa, uma vez que eles têm a vontade de compartilhar comigo. Completa a dinâmica que minha mãe é professora e proprietária de uma escola de dança, localizada no andar debaixo da casa. Então há música, há dança, há pessoas das mais variadas idades e histórias, corporalidades e temporalidades, e elas frequentam a casa, ainda que em escala bem menor do que em tempos pré-covid. Apesar disso, me esforço para escrever e encontrar territórios de calma, mas o que tem acontecido com frequência é que tenho me adaptado ao caos.

Nas horas de estudo, leio, escrevo, ouço podcasts, assisto vídeos. Essas horas são produtivas. Mas há momentos em que saio do quarto e me proponho conversar. Puxo um assunto, escuto as pessoas. Com frequência me perguntam quando retornarei para Roraima ou o que estou fazendo, sobre o que estou pesquisando. Esses momentos para mim são preciosos, pois quando falo da minha

pesquisa, especialmente para pessoas que estão academicamente distantes de um mestrado, é quando tenho as melhores inspirações. Pela estética da minha escrita, não posso ter alegria acadêmica maior do que quando sinto que consegui me fazer entender para um interlocutor que não estuda comunicação. Geralmente essas conversas são indicadas por: “inclusive, escutei tal podcast”, ou “tenho o hábito de ouvir podcasts enquanto faço tal coisa”. A pesquisa ocorre nessas conversas, quando falo com outros sujeitos, quando sou questionado por estes, quando sou convidado a criar maneiras de me explicar, quando o meu mundo científico solitário no quarto ganha forma com a interação com outro ser humano.

Daí surge o questionamento, e de certa forma, algum tipo de justificativa para a narração extensa e detalhista desses processos percorridos por este pesquisador: “será que não estou estudando comunicação de forma mais efetiva quando estou, de fato, me comunicando com outros sujeitos, do que quando estou sozinho, lendo e escrevendo de maneira virtualmente solitária¹?”. Quando estou fazendo comunicação, quando me comunico, de alguma forma estou fazendo pesquisa. Essas etapas que são tão importantes e intrínsecas ao fazer metodológico muitas vezes não aparecem nos trabalhos. Por vezes não são ensinados. Desencorajados. Os recortes humanos, sociais, subjetivos, as cartografias dos desejos, os percursos e suas imperfeições acabam por ser excluídos, em nome de uma objetividade acadêmica, herdada por um positivismo e pela normatividade de outras áreas da ciência que não as humanidades. Buscamos aqui seguir na contramão. E por isso, os pressupostos metodológicos são assim apresentados. Pois são condicionantes da pesquisa.

Na oportunidade de elaboração desta pesquisa, na etapa da pesquisa da pesquisa em que pude estudar de maneira detalhada dissertações e teses que abordam podcast, cadastradas no repositório de dissertações e teses da capes,

¹ Defino a categoria de virtualmente solitária a partir dos apontamentos de Benjamin (1985) que nos indica o fazer de um ator do cinema, em que, ao atuar diante da câmera, assim o faz pensando a reação de um público, ainda que este se configure apenas como possível, ou virtual. O público não está ali, mas sua presença já é considerada no ato do fazer, moldando as ações do ator. Da mesma forma o pesquisador. Apesar da solidão da escrita, já a faz considerando a presença de um orientador(a), ou membros de uma banca, comunidade acadêmica, etc. Aquelas pessoas não se encontram presentes no momento da escrita, mas sua presença já é constatada. A virtualidade solitária é um processo que considera que a pesquisa é socializada, mas que seu momento de escrita e leitura é solitário.

pude observar uma carência neste aspecto. A grande parte metodológica dos trabalhos se resume a uma explicação de uma teoria, uma tentativa de encaixe dos fenômenos comunicacionais relacionados ao podcast, em teorias metodológicas que parecem rasas, se considerarmos as potencialidades da linguagem. É necessário acionarmos nossas imaginações metodológicas para conseguirmos dar conta de fenômenos cada vez mais complexos de nossas contemporaneidades. Existem infinitas possibilidades.

c) Genealogias do pesquisador

Em um dos momentos em que a pesquisa ocorre de maneira despretensiosa, estava conversando com a minha bisavó de 90 anos (a mesma já vacinada com as três doses, e fazendo uso de máscaras e estando cerca de 1,5 metros de distância), e ela me contava histórias de Granja Nova, a comunidade pequena em que ela nasceu em 1931. No meio daquela conversa, minha imaginação genealógica já acionada, começou a pensar a trajetória de deslocamento que me fez chegar até aquele ponto.

Granja Nova era uma antiga freguesia do concelho de Tarouca, em Portugal. Tinha 396 habitantes em 2012 quando minha bisa e minha avó estiveram lá pela última vez. Era composta por comerciantes, descendentes de árabes comerciantes que atravessaram o mediterrâneo e se instalaram em Portugal. O pai de minha bisa era vendedor de tamancos. Ela veio para o Brasil de navio quando minha avó tinha 2 anos. Aqui, a família se estabeleceu e teve um certo sucesso comercial na segunda metade do século XX. Meu bisavô foi o primeiro vendedor de alumínio da região, sendo um grande fornecedor para serralheiros de toda a baixada santista. Minha avó, por sua vez, sempre foi muito estudiosa, embora isso fosse questionado pelo pai. Queria ser médica, mas nunca teve muitas oportunidades para tal. Depois que conheceu meu avô, logo tiveram filhas, minha mãe e minha tia.

Do outro lado da família, não sei muito sobre o que veio antes de meus bisavós paternos. Mas sei que vieram de um lugar bem pobre do Nordeste, e desconfio que a falta de informação sejam resquícios da escravidão. Minha avó sempre gostou de estudar, mas precisou interromper os estudos na terceira série,

para trabalhar no campo e ajudar a sustentar seus doze irmãos. Meu avô nunca frequentou a escola e só sabia assinar seu nome. Ambos saíram de Sergipe e vieram para São Paulo, junto com alguns irmãos em busca de melhores empregos. Ela teve toda sua vida laboral fazendo faxinas, enquanto meu avô era auxiliar de carpinteiro. Ele faleceu cinco dias depois de se aposentar.

Em alguma rua do bairro Marapé, em 1994, com 14 anos, meus pais se conheceram. Em 1997 eu nasci. Embora tenham se fixado até o momento em Santos, seu filho mais velho, aos 17 anos decidiu ir para Roraima fazer faculdade e depois mestrado. A minha genealogia, até onde alcancei neste momento, é composta pelos deslocamentos, pela adaptação, constantes processos de migração. Assim como eu, diversas outras famílias no Brasil e no mundo.

O que nos ajuda a elucidar que o nosso fazer se dá nos trânsitos e cruzamentos. Nos jogos de negociação, no encontro das culturas, na criação do novo possibilitado pela junção. Em determinados territórios, esses encontros são mais evidentes, como no caso do Brasil, por conta de um histórico de colonização e neocolonização. Em outros lugares, um pouco mais diluídos ou propositalmente camuflados. Mas em nosso movimento está uma chave de nossa ética, estética e política.

A escolha de um fazer antropofágico se dá justamente por ser uma teoria capaz de acionar esses constantes trânsitos. O sujeito antropofágico é necessariamente desestabilizador, o que implica constante movimento, de consumo, de reconhecimento do outro, através da alteridade e de criação, regeneração através da degeneração criativa. Cito essas passagens porque, como já antes elucidado, os processos em que se dá essa pesquisa é uma confluência de saberes vindos de Granja Nova, de Simão Dias - e já compreendendo estes como híbridos, mas também de Santos - SP, Boa Vista - Roraima e todas as transculturações presentes nesses territórios e as possíveis a partir deste agente antropofágico que os escreve.

“Só a antropofagia nos une. Lei do homem, lei do antropófago” (ANDRADE, 2011). Nosso fazer só poderia ser feito a partir desses reconhecimentos. Só assim é possível delimitar as necessidades e características que norteiam o porquê de nosso fazer científico. O constante devorar do outro e a relação do “eu” é o que justifica um

processo de autofagia da antropofagia. Não no sentido limitante, mas de compreensão.

d) (trans)territorialidades dos regimentos internos

Tentamos organizar. Formulamos teorias, regimentos, regras, planejamentos. Traçamos o rumo e onde pretendemos chegar. E então a vida se impõem, nos obrigando a refazer os cálculos e nos adaptarmos. A vida tem se impondo mais rápido do que a velocidade que estamos tentando traçar regras. A ciência tem tentado compreender esses movimentos e são esses questionamentos que nos movem. Em 2020, uma outra realidade se impôs, e esse relato precisa estar contido na pesquisa, pois o afeta, mais uma vez.

Na segunda semana de aula, do primeiro semestre do mestrado, fomos orientados a ficar em casa. A princípio a Universidade Federal de Roraima anunciou uma quarentena de 3 semanas, mas o regimento online segue até o momento em que escrevo esse relato, quase dois anos depois. A pandemia impôs desafios à pesquisa: desafios afetivos e psicológicos, diante da calamidade de saúde pública vivenciada, com milhares de mortes diárias, a perda de pessoas próximas e queridas, o medo pela vida e pela saúde daqueles que nos afetam; desafios operacionais, uma vez que todos os sistemas de ensino pensados em modelo presencial tiveram de ser submetidos ao novo, à adaptações sem muito tempo e recursos de planejamentos. Desafios de ordem cronológica, uma vez que nossas temporalidades foram demasiadamente afetadas; Desafios de ordem regimentar, como considerar a realidade inédita vivenciada diante dos regimentos rígidos, formulados em um tempo que nem se sonhava os horrores dos dias atuais?

Cabe aqui, algumas colocações, entre elas, a necessidade de interromper as aulas em março, e sua retomada somente em agosto. Na época, inclusive, me coloquei contra a forma como as imposições normativas traçavam esse retorno. Não houve, em algumas esferas uma preocupação efetiva em como as temporalidades foram afetadas pela pandemia. Essas imposições nos fizeram cursar dois semestres de aulas entre agosto de 2020 e fevereiro de 2021.

Durante esses tempos de pandemia, os desafios acadêmicos também tenham até sido sentidos de forma mais amena, comparado a outros. No meu caso pessoal, contraí COVID em 2020, que embora leve, me deixou de cama por uma semana. Junto a ela, somam-se ao meu histórico recente, dengue, dois acidentes de bicicleta, H3N2, e alguns problemas de saúde de familiares, não relacionados à covid, mas sim sua idade avançada. Essas experiências somam-se a muitas outras que envolvem a pesquisa e por isso aqui explícitas. Mais à frente no texto, os desafios da pesquisa diante destes cenários serão apontados, mas cabe aqui também esse registro de ordem mais pessoal.

Em dado momento da pesquisa, falamos de resistência, porque o próprio fazer dela, nas condições vivenciadas, com os históricos sociais disponíveis, é uma prática de resistência. A ética crítica metodológica desta pesquisa, é resistência. A estética desse texto e todos os intertextos que a permeiam, é resistência. O ato político a que fazemos coro, a partir de nossas experiências e afetos, é resistência. Fazer ciência no Brasil, em 2021 é um ato de resistência, e isso precisa estar registrado de maneira explícita.

Enfim, é importante mais uma vez considerarmos que esses processos se encontram na pesquisa. Quando falamos de (trans)territorialidades, estamos dialogando com esse encontro de múltiplas territorialidades, que estão em constante movimento, em constante trânsito. Territorialidades *da* e *na* pesquisa. Ressaltamos também a potencialidade criativa desse encontro, capaz de articular essa diversidade e através dela, criar algo outro, transculturado. É nesse trânsito, nesse constante movimento que a antropofagia e as (trans)territorialidades se encontram para que neste trabalho, possamos observar os tensionamentos e conflitos da podosfera brasileira.

e) Experiências da trajetória acadêmica

A construção da pesquisa se confunde um pouco com a minha trajetória formal acadêmica. No Curso de Comunicação Social - Jornalismo (CCOS) da Universidade Federal de Roraima (UFRR), passei a integrar dois grupos de pesquisa em 2016: O Observatório Cultural da Amazônia e Caribe - AmaZoom, e no Núcleo

de Pesquisa Semióticas da Amazônia (NUPS). Nestes primeiros anos de pesquisa, pude me inserir em alguns projetos transdisciplinares.

O tema em que mais desenvolvi estudos durante 2016-2018 foi as representações em redes sociais de pessoas que transitam entre os gêneros em Roraima, trabalho desenvolvido em conjunto com o Prof. Dr. Vilso Júnior Santi do CCOS-UFRR, a Prof. Me. Elisângela Martins do curso de artes visuais da UFRR, Prof. Dra. Franciele dos Santos Rodrigues, do curso de Ciência Sociais também da Universidade Federal de Roraima e com a colega acadêmica Yara Walker da Silva. Durante este projeto, estivemos atuando em conjunto com a Associação de Travestis e Transsexuais de Roraima - ATERR, de forma a desenvolver trabalhos de comunicação e capacitação, como oficinas de fotografia e produção de vídeo. Também tivemos a oportunidade de produzir o documentário comemorativo dos 10 anos da instituição, lançado em agosto de 2016.

Como fruto das pesquisas desenvolvidas e dos diálogos produzidos dentro e fora do âmbito acadêmico, conseguimos sistematizar algumas experiências no formato de artigos. Sendo eles: “Movimento ‘enviadescer’ no ciberespaço: o discurso de Linn da Quebrada no YouTube”, apresentado no XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte e posteriormente publicado na íntegra nos anais do evento; “Enviadescer no Ciberespaço: Linn da Quebrada e a Representação Trans no YouTube”, publicado na Aturá-Revista Pan-Amazônica de Comunicação.

Tais experiências também foram utilizadas para desenvolver o projeto de Iniciação Científica PIBIC-UFRR-Voluntário “Recepção das Representações de Trânsito entre os Gêneros no Facebook em Roraima”, em que durante um ano, pude estudar de forma sistemática as representações de pessoas trans vinculadas à ATERR na rede social, juntamente com a instituição. O resultado da pesquisa foi publicado em formato de capítulo no livro “Interfaces da Mobilidade Urbana” publicado pela editora da UFRR, e organizado por integrantes do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar de Fronteiras - GEIFRON.

A partir de 2017, também pude integrar o grupo GEIFRON e realizar pesquisas sobre migração em Roraima, acompanhando de perto a intensificação da migração venezuelana para o estado. Mais uma vez, essa parceria se deu em

condições transdisciplinares e transmetodológicas, com a colaboração de pesquisadores de outros campos das ciências sociais e também com atores externos. Uma das primeiras contribuições desse processo, foi o artigo “Mediações e cibercultura: estudo de comentários em matéria jornalística sobre imigração venezuelana em Roraima”, escrito em co-autoria com a Prof. Dra. Vângela Maria Isidoro Morais, professora do Curso de Comunicação Social - jornalismo UFRR. O artigo foi publicado também na Aturá-Revista Pan-Amazônica de Comunicação, servindo como referência para o artigo “A migração venezuelana para o Brasil: Uma breve análise geográfica” dos autores Ygor Felipe Távora da Silva e Antonio Jorge Barbosa da Silva.

O interesse no assunto de migração, aliou-se a ações de extensão, promovendo e organizando diversas oficinas de capacitação para o público migrante e para jornalistas e comunicadores sobre migração e refúgio. Entre elas “Oficina de Podcast como Ferramenta de Comunicação Descentralizada”, promovida junto com o Fundo de População das Nações Unidas - UNFPA; e a “Podcast: Uma ferramenta descentralizada na prática da comunicação comunitária e intercultural”, promovida junto ao II Colóquio Regional de Sociedade e Fronteira.

Ainda em 2017, também elaboramos um conjunto de spots contra a xenofobia, sendo protagonizado por mais de vinte vozes migrantes, como uma iniciativa de difundir informações sobre a migração no estado e diminuir a onda de violências simbólicas, que na época eram crescentes por conta da intensificação da migração venezuelana. O projeto levou um grupo considerável de migrantes para dentro dos estúdios da Universidade Federal de Roraima. Lá, houve um intercâmbio com os alunos, que conheceram suas histórias ao mesmo tempo que apresentavam as estruturas do laboratório de áudio e juntos, gravaram os spots, com base em histórias reais. O projeto envolveu não apenas migrantes venezuelanos, mas também europeus, africanos e migrantes vindos de outras regiões e estados do Brasil. O projeto foi vencedor do EXPOCOM regional norte na categoria de comunicação e inovação em 2018.

Em 2017, começo a estagiar no laboratório de áudio do Curso de Comunicação da UFRR, onde intensifico meu interesse em trabalhar com podcast

como ferramenta de comunicação alternativa e subversiva. Em nossas primeiras experiências práticas, elaboramos uma série de podcast chamada “PYMYDY: polinizando conhecimentos”, em que apresentava todas as etnias indígenas do estado de Roraima. Tal produção teve a participação de 16 alunos do curso de jornalismo e contou com diversas entrevistas, e teve como protagonistas narrativos alunos indígenas do próprio curso. O projeto foi vencedor do EXPOCOM regional norte e nacional na categoria de Produção em Áudio Jornalismo no ano de 2018, chegando a ser veiculado em tocadores de podcast na internet e também transmitido de forma síncrona pela Rádio Universitária, no mês de janeiro de 2018.

Em 2018, demos início ao projeto “Podcasting Macunaíma”, que buscava adaptar a obra de Mário de Andrade “Macunaíma: herói sem nenhum caráter” para o formato de podcast narrativo, utilizando uma metodologia antropofágica para produções híbridas em comunicação. O projeto envolveu a participação e protagonismo de diversos alunos indígenas do curso de jornalismo e de outros cursos da UFRR. Buscou-se também utilizar músicas e signos sonoros indígenas de diversas regiões amazônicas para compor a produção. Ao todo foram produzidos 9 episódios, com duração média de 30 minutos, que estão disponíveis em tocadores na internet como o YouTube e Spotify. O projeto ganhou o prêmio EXPOCOM de Comunicação e Inovação no Intercom Norte em 2019, e foi relatado com mais detalhes nos artigos: “Podcast antropofágico: uma proposta metodológica para produções sonoras em comunicação” publicado no livro “A influência da Comunicação”, lançado pela editora Atena; “Podcasting macunaíma: Estética antropofágica na Experiência de Adaptação da Obra de Mário de Andrade” publicado pela revista científica *Pensares em Revista*; “Metodologia Antropofágica: problematizações sobre a experiência da crítica em pesquisas do campo da comunicação” divulgado no ALAIC 2020.

Outra experiência que nos deu base para o projeto aqui proposto, foi o podcast INSIKIRAN, produzido em 2019 pela turma do 4º semestre de Gestão Territorial Indígena, do Instituto Insikiran, da Universidade Federal de Roraima. O podcast foi a finalização da disciplina de Comunicação Comunitária e cidadania intercultural, ministrada pelos professores Simão Farias de Almeida e Vângela Maria

Isidoro Morais. Após algumas aulas de capacitação sobre a linguagem podcast, os alunos puderam montar seus roteiros e fazer a gravação dos blocos temáticos que compuseram o episódio único. Durante as gravações, além dos relatos nas línguas maternas Wapichana e Macuxi, e do conteúdo produzido pelos protagonistas, também foram utilizados instrumentos tradicionais indígenas para a composição das trilhas do podcast.

Essas e outras experiências de produções de podcast nos levaram ao convite feito pela coordenação de comunicação do Conselho Indígena de Roraima, CIRR a ministrar uma oficina de produção de podcast no Iº Encontro Estadual de Comunicadores Indígenas, realizado em janeiro de 2020. O objetivo foi apresentar a linguagem como possibilidade de ferramenta de luta e resistência. A parceria rendeu também outras oficinas de capacitação interna dos comunicadores indígenas do CIRR, e durante a pesquisa de mestrado, pudemos desenvolver os primeiros pilotos do podcast da instituição, que servirá como ferramenta de informação e combate de *fakenews* para as centenas de comunidades, através do envio e disseminação pelo whatsapp.

Somam-se a estas experiências, a direção e coordenação do projeto AmaCast, que ofereceu oficinas de capacitação em produções de podcast para alunos da UFRR e comunidade civil de Boa Vista. Deste projeto, destaca-se a produção de três temporadas do podcast Caixa Branca, com protagonistas de diversos cursos da instituição, falava sobre cultura pop roraimense. Durante a segunda temporada, o projeto fez a cobertura das manifestações de Maio de 2019, através do “Caixa na Rua” e foi escutado em mais de 68 países. Destaco nesse prefácio essa trajetória de projetos e produções, porque elas oferecem perspectivas para a posterior elaboração do projeto que resultou nesta dissertação.

Introdução

As experiências vividas durante esses anos em Roraima, nos mostraram as potencialidades que a linguagem podcast oferece ao potencializar vozes, espaços, experiência, estéticas e políticas que dificilmente encontram espaços em veículos convencionais, como rádio e televisão. Durante os primeiros anos da pesquisa pudemos trabalhar com grupos de migrantes, comunicadores indígenas, pessoas que transitam entre os gêneros, pessoas LGBTQIA+ e diversos outros sujeitos que imprimiram suas singularidades e especificidades no fazer de podcast.

Ao mesmo tempo, essas experiências, principalmente o “Podcasting Macunaíma” por conta de seu tempo de produção e a escrita de uma monografia, nos levaram a socializar conhecimentos sobre a linguagem podcast em eventos, publicações e outros espaços. Entrando em contato com as produções acadêmicas, pudemos perceber algumas divergências que instigaram nossa pesquisa científica.

As primeiras problematizações acerca dessa possibilidade de utilização do podcast, foram publicadas no artigo “A estética da podosfera brasileira: Os devires e atualizações de uma comunidade sensível”, publicado na revista INICIACOM. Além disso, as experiências de podcast e possibilidades de comunicação decolonial resultaram a monografia “Podcasting Macunaíma: Atuações da antropofagia para a linguagem híbrida do podcast”.

Começamos a ser muito questionados sobre questões que, para nós, não eram uma problematização efetiva dentro da pesquisa, como: “podcast é rádio?” “Você considera o podcast como um gênero radiofônico?”, “Como as empresas de jornalismo podem se beneficiar das experiências por vocês narradas na hora de capitalizar com o podcast?”, entre outras. Esses questionamentos nos tiraram, de certa forma, de um lugar de conforto e nos fizeram perguntar: “O que tem sido discutido sobre podcast nos estudos de comunicação no Brasil?”.

Ainda de forma não sistemática, fomos atrás das primeiras constatações, e então descobrimos que, talvez o nosso “lugar de conforto” era divergente do que se estudava sobre a linguagem em outros territórios. Soma-se a esta perspectiva, o fato

de estarmos dentro de uma temporalidade privilegiada, que possibilitou acompanhar de perto as transformações que a popularização cada vez mais crescente do podcast tem agenciado na sociedade. Começamos então a notar os tensionamentos. Existiam pesquisas que não davam conta dos fenômenos contemporâneos conectados ao fazer podcast, assim como existiam pesquisas que buscam esses fenômenos, mas não conseguiam criar ou acionar referenciais e metodologias que pudessem abranger essas transformações da podosfera. Ao mesmo tempo, a partir de Roraima, nossas vivências e pesquisas transdisciplinares queriam dialogar com esse cenário, por compreender que podem oferecer contribuições para o campo.

Assim, chegamos a construção de nosso problema de pesquisa: *“Como as (trans)territorialidades evidenciadas nas experiências de produção de podcast na Amazônia articulam (re)existências antropofágicas nos processos de disputas da podosfera brasileira?”*

Quando falamos sobre as experiências de produção de podcast na Amazônia, mais especificamente em Roraima, estamos nos referindo ao conjunto de processos comunicacionais e sociais que envolveram nossas pesquisas desde 2018. Elas serão o fio condutor de nosso trabalho, o menu que guiará nosso banquete antropofágico e, a partir dessas, estaremos em constante processo de devoração com outros saberes, conhecimentos e experiências, tanto em seu sentido epistêmico como empírico. Ao deglutir essas influências “externas” juntamente com nossas experiências amazônicas, buscamos devolver algo outra, composto por outras perspectivas para encarar os estudos de podcast e da comunicação.

Elencamos tais experiências: Podcast protagonizado por migrantes, em parceria com a PADF, a partir da oficina ministrada pelo autor no abrigo Jardim Floresta, nos meses de junho e julho de 2021; O podcast “Um dia eu cheguei”, produzido em 2019 na oficina “Podcast: Uma ferramenta descentralizada na prática da comunicação comunitária e intercultural”, promovida junto ao II Colóquio Regional de Sociedade e Fronteira; O Podcast INSIKIRAN, produzido pelos alunos do curso de Gestão Territorial Indígena, na disciplina de Comunicação Comunitária e Cidadania Intercultural, em 2021; Os podcasts produzidos no Iº Encontro de

Comunicadores Indígenas de Roraima - CIRR, promovida pelo Conselho Indígena de Roraima em janeiro de 2020; e a experiência de produção do podcast piloto do CIRR, entre junho e agosto de 2021.

Todos os relatos dessas vivências e análises das produções, serão deglutidos junto com dois outros movimentos metodológicos da pesquisa: a) o mapeamento de teses e dissertações em programas de pós-graduação em comunicação, que tenham como temática o podcast; b) Mapeamento de dados de audiência e consumo de podcast, através de análises dos podcasts mais escutados na plataforma de streaming Spotify, e também dados divulgados pela pesquisa Ibope 2019 e a PodPesquisa 2020, realizada pela Associação Brasileira de Podcasters - ABPod.

Partimos de um movimento que busca compreender como o podcast é conceituado e acionado por pesquisadores da pós-graduação em comunicação no Brasil. Nossa sistematização visa não apenas verificar o que é conceituado como podcast e podosfera nessas pesquisas, mas mapear o que é estudado neste campo, quais são suas potencialidades e lacunas, o que é central nesses estudos e o que se constitui como margem. Objetivamos uma “pesquisa da pesquisa”² do podcast.

Para fazer este mapeamento, selecionamos o repositório de teses e dissertações da Capes, onde se encontram todos os trabalhos acadêmicos produzidos em programas de pós-graduação no Brasil. Em nosso último levantamento, realizado em janeiro de 2022, constatamos 137 trabalhos encontrados a partir de busca com a palavra-chave “podcast”, o que se justifica pelo pouco tempo de circulação que o próprio podcast possui. Destes 137 trabalhos, encontramos: 9 teses de doutorado; 57 dissertações de mestrado acadêmico; 70 dissertações de mestrado profissional e; 1 monografia de especialização.

Nosso interesse nessa pesquisa, foi nos aprofundar nos trabalhos da área de comunicação, que somam 21, sendo 19 dissertações e 2 teses. Embora já sinalize que seja muito importante um movimento de mapeamento posterior que inclua todas as produções, assim como também produções de artigos científicos publicados em periódicos e anais de eventos, nossa delimitação se dá também por questões de

² Segundo Bonin (2018), a pesquisa da pesquisa é uma prática que busca reconhecer e dialogar com os saberes acumulados pelo campo científico. O pesquisador, em seu processo de pesquisa, nunca parte de um “lugar-vazio”, mas sempre irá interagir com conhecimentos já existentes.

operacionalização da pesquisa. Aprofundaremos mais esses dados sobre as pesquisas nos capítulos 1 e 2.

Nesta dissertação definimos o podcast como uma linguagem híbrida, resultante da transculturação entre a linguagem sonora herdada do rádio e as lógicas de produção e veiculação da internet. A podosfera, enquanto território que é envolvido pelos elementos constituintes do podcast, sejam estes elementos materiais, simbólicos, sociais, econômicos ou culturais. É um campo que podemos perceber de forma intensa, zonas de trânsitos e tensionamentos, composto por múltiplos sujeitos.

A podosfera brasileira, em 2022 não é a mesma de alguns anos atrás. Poderíamos até dizer que não se trata da mesma de alguns meses. Está em constante atualização, transformando-se a partir das ações de seus sujeitos e as interações nelas mesmas provocadas. Temos observado mudanças consistentes na podosfera brasileira nos últimos anos, especialmente a partir de 2018. A este fenômeno, temos denominado, a segunda fase da podosfera brasileira (SANTOS, 2020), o que aprofundaremos melhor no segundo capítulo.

Em 2013, a revista ESPM divulgou a tradução de um dossiê elaborado pela Universidade de Columbia dos Estados Unidos, em que os autores refletiam sobre uma nova fase do jornalismo, denominada como pós-industrial. Esta fase se caracteriza especialmente pelas profundas mudanças causadas pela presença cada vez mais notória de “amadores” e tecnologias nos processos jornalísticos. Os autores defendem que o jornalismo, inserido em um ecossistema de comunicação, deve se atualizar para potencializar o que cada um destes atores tem de melhor a oferecer (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013).

Dialogando com estes conceitos, notamos que boa parte destas discussões se origina através da forma como o financiamento do jornalismo se alterou a partir da presença cada vez maior de “amadores” nos processos de produção comunicacionais. Para o jornalismo convencional (aquele exercido por grandes veículos/conglomerados de comunicação), a perda de um monopólio das possibilidades de produção resultou em saldos deficitários no orçamento, o que causou “tsunamis” em redações e produtoras de conteúdo. Do outro lado, o

desenvolvimento de novas tecnologias da comunicação alinhado aos anseios sociais de participação coletiva na esfera de produção cultural, fizeram com que não profissionais começassem a faturar uma parte dos lucros das grandes empresas, ao mesmo passo que, ruindo alguns aspectos do monopólio, uma parte significativa deste faturamento deixa de existir. Tais transformações gradativas e constantes obrigaram as empresas de comunicação a se adaptar e buscar uma convivência ecossistêmica com estes outros atores que começam a explorar as potencialidades de múltiplas linguagens.

Inserido nesta dinâmica, encontra-se o podcast. Em alguns trabalhos de pós-graduação mais recentes, autores já têm desenvolvido um mapeamento e sofisticado as definições do próprio podcast e da podosfera. Rocha (2018), por exemplo, nos ajuda a compreender que existem várias linhas do tempo possíveis quando se trata da cronologia do podcast. Essas linhas são possibilitadas a partir da própria definição e uso do nome “podcast”. O autor fala que “podcasting” é um dos termos que foi utilizado para retratar o formato de uma linguagem que emergia. Quando o jornalista Ben Harmsley criou o termo, inclusive, chega a questionar se deveríamos chamá-lo de “audioblog” ou “GuirrilhaMedia”. O termo acabou sendo mais popularizado, e associado a dois fenômenos distintos, mas que acabaram constituindo o que hoje é conhecido como podcast e podosfera.

Acontece que, existia um movimento das rádios convencionais em buscar oferecer seus conteúdos transmitidos de forma online e assíncrona. Com o desenvolvimento da tecnologia RSS, passou-se então a considerar essa prática como podcast. Do outro lado, sujeitos que criavam blogs na internet como uma forma de guerrilha comunicacional contra mídias hegemônicas que não lhes possibilitavam espaço nas grades de emissoras - esse processo, vinculado a produções de áudio nos blogs, também ficou conhecida como podcast (ROCHA, 2018).

Como iremos nos aprofundar nos dois primeiros capítulos, essa duas linhas do tempo, por nós traçadas entre outras múltiplas possibilidades, se inter cruzam e dão um nó na podosfera, especialmente a partir do podcast Serial, que inaugura então o momento que vivenciamos, onde essas duas percepções de podcast

acabam formando um tensionamento mais visível, pois, as empresas convencionais de comunicação começam a popularizar suas produções e especialmente, explorar as potencialidades da linguagem, para além de repetições do que era feito no rádio.

Vale aqui acrescentar que, por mais que tenham linguagens parecidas e que a origem do podcast também esteja de alguma maneira atrelada ao rádio, os dois se constituem como linguagens distintas. Berry (2016), nos ajuda a conceituar o próprio podcast enquanto uma mídia híbrida, quando assinala que este faz emergir textos que são percebidos de modos diferentes daqueles do rádio, e que por isso, pedem um arcabouço particular. O autor, também, nos fala de uma segunda fase do podcast na qual há uma maior popularidade do produto e uma distribuição que não depende apenas de grandes empresas. Esses novos programas estão marcados pela profissionalização da produção e facilidades nas tecnologias de distribuição e consumo” (BERRY, 2016).

Em uma das linhas do tempo possíveis, a podosfera surge e tem sua primeira fase consolidada por sujeitos “amadores” da comunicação. Continua a expandir essa característica ao mesmo tempo que veículos de comunicação convencionais cada vez mais territorializam e tensionam suas estéticas neste sistema. Podemos dizer que estamos diante de um campo de tensões e negociações.

Em janeiro de 2020, iniciamos uma metrificação inédita sobre a podosfera brasileira dentro do serviço de *streaming Spotify*. Começamos a estudar os podcasts em destaque, desta que, segundo a pesquisa do IBOPE (2019) é a maior plataforma de podcast no Brasil, considerando números de audiência.

O que implica reconhecer que a podosfera brasileira, assim como outros campos, mostra tendência de consolidação a colocar comunicadores não profissionais às margens de seu sistema? Uma possível resposta seria a desmistificação ou atualização do próprio conceito de podosfera e de podcast. Será que ainda podemos considerá-la como um espaço mais democrático do que outras linguagens?

Pensar essas dinâmicas a partir dos dados tabulados de audiência e de um recorte temporal privilegiado (pois acompanha e registra a mudança, enquanto ela ocorre), reforçam a nossa visão proposta sobre o podcast: trata-se de uma

linguagem híbrida. Implicamos esta reflexão, visto que, as normatizações estéticas da podosfera tem se consolidado a partir de lógicas externas a ela, e que vão além do sonoro. Trata-se também das relações que cada podcast, produtor ou empresa, estabelece com seus ouvintes, especialmente na internet, campo mais amplo em que circulam todas suas produções, e que devem ser consideradas quando analisamos a podosfera.

Como dito anteriormente, todo caminho para compreender a conceituação de podcast e as disputas na podosfera se dá a partir de nossas experiências de produção. Essa perspectiva tem como base a própria metodologia antropofágica que acionamos - ou seja, deglutimos dados, informações e produções de outros autores junto às nossas próprias experiências, buscando assim devolver outras contribuições possíveis para o território.

Propor a podosfera enquanto um território, e a antropofagia como (trans)territorialidade estratégia decolonial, nos convida a pensar os próprios conceitos de território, territorialidades e (trans)territorialidades.

Conceituamos, nesta pesquisa, o território como espaço geográfico visto a partir das relações de poder, seja em um aspecto material, político-econômico ou em sua dimensão mais simbólica/social/cultural. Nestes jogos de poder, agenciamos também concepções de identidades, e como estas se constituem em instrumentos de dominação ou de emancipação (HAESBAERT, MONDARDO, 2010).

Saquet (2010) nos indica que a sociedade, construindo o território, se relaciona com o ambiente historicamente. O autor define identidade como “código genético local, material e cognitivo: é um produto social, da territorialização e se constitui no patrimônio territorial de cada lugar, economia, política, cultural e ambientalmente” (SAQUET, 2010, p. 148).

Já a territorialidade, pode ser considerada em uma perspectiva trans/multidimensional entre diversos e complexos conjuntos de relações entre sociedade e espaço. Escapando de uma perspectiva essencialista e estanque, as territorialidades, tal como o território, é fruto inacabado das relações dinâmicas. Territorialidade aqui não nos implica em reconhecer necessariamente a constituição de um território, pois pode ser dar “pela combinação de um conjunto de lugares (ou

de outros territórios), pela produção de um circuito, pela constância do movimento” (HAESBAERT, MONDARDO, 2010, p. 30), visto as possibilidades de transitar entre distintos territórios.

Considerando essas possibilidades de trânsitos e esse constante movimento, podemos considerar as (trans)territorialidades enquanto estratégias de constante reconstrução histórica, social e coletiva das identidades, especialmente dos sujeitos subalternos. Sua materialidade se dá então nos processos políticos e culturais. Nossa percepção de território e identidade não são encaradas como algo fechado e essencialista, mas sim com possibilidades de encontros, desencontros e confrontos, especialmente se considerarmos o trânsito entre os diferentes sujeitos. As identidades e as territorialidades se produzem então nessa dinâmica, que possibilita práticas transculturais e híbridas.

Bertha Becker (1991) nos propõem pensar as (trans)territorialidades como estratégias de poder de diferentes grupos e sujeitos sociais sobre um território, resultante da relação entre processo coletivo, decisões tecnocráticas, prática social e prática de poder. Uma concepção que nos auxilia na própria organização de nosso pensamento, especialmente problematizando as relações de poder evocadas na podosfera.

É nesses constantes movimentos que as (trans)territorialidades se conectam com a antropofagia. Nessa dissertação a consideramos como uma das múltiplas formas possíveis de (trans)territorializações estratégias decoloniais, que compõem um movimento de (re)existência, e que pode ser encontrada em diversas manifestações e linguagens, sendo o podcast uma delas.

A antropofagia, cunhada neste contexto de tensionamentos de poder e negociações, pode ser vista como estratégica, em que “devorar é instigar a re-criação constante, o brotar de um pensamento mítico-poético indomável pelo utilitarismo e a domesticação do pensamento e das identidades euro-colonizadoras” (HAESBAERT, MONDARDO, 2010, p. 28). O Movimento Antropofágico é uma das primeiras tentativas bem-sucedidas de estabelecer a América Latina como cultura pertencente a um paradigma de hibridização e não apenas de cópia inautêntica (SANTIAGO, 1978).

Como nos pontua Roberto Schwarz (1989), este papel ativo mediador entre a cultura local e a assimilação não passiva da cultura do outro, assim como a capacidade de regeneração dos brasileiros, deve ser celebrado enquanto nosso diferencial no que ele considera como o mapa da história contemporânea. Como defendido por Oswald (2011), o ato antropófago transborda as necessidades de sobrevivência e passa por movimentos de reconhecer a ética, estética e política dos povos colonizados.

A antropofagia surge neste contexto, e em um primeiro momento com o manifesto de Oswald de Andrade, como uma forma de pensar as (trans)territorialidades brasileiras, problematizando nossos processos coloniais, mas incluindo nesta relação uma grande potencialidade decolonial. Porém, podemos revisar o próprio pensamento Oswaldiano (como o mesmo o faz nos anos 1950, especialmente com sua tese "Crise da Filosofia Messiânica") e como propõem também João Cezar de Castro Rocha (2011b), desnacionalizando a antropofagia para que esta ganhe a dimensionalidade proposta pelo próprio Oswald, enquanto uma teoria de exportação. Podemos pensar uma antropofagia como dialética em relação ao elemento estrangeiro? Como diria Mário de Andrade "[...] a influência estrangeira não amedronta mais porque é apropriada, deformada, transformada de tal feito a ser útil pra gente. Pura antropofagia" (ROCHA, 2011b, p.658).

É uma teoria que nos serve para pensar o *ethos* da cultura brasileira, encarando uma fase da positividade do hibridismo cultural, a partir da atualização de culturas pretéritas. Desta forma, uma sociedade antropofágica busca violar o intocável, romper com os limites, "des-territorializar-se num espaço onde a multiplicidade não é simplesmente um estorvo [...], é uma condição de existência e de re-criação não-estabilizadora do novo" (HAESBAERT, MONDARDO, 2010, p. 29). É assim que ancoramos o nosso olhar sobre a podosfera, a partir de seu potencial degenerativo, regenerativo e antropofágico.

Considerando toda a inspiração e abordagem metodológica da antropofagia no trabalho, não havia por nós outra forma conceber este trabalho, se não adotamos uma abordagem estética antropofágica. Assumimos, assim, essa estética antropofágica na própria escrita da dissertação. Com isso, não traçamos um

caminho convencional, mas sim um caminho próprio, e que por consequência, irá trabalhar com múltiplos autores e conceitos, que por vezes irão se encontrar, dialogar e convergir, ao mesmo tempo, que em outros momentos, irão se separar e transformar em linhas narrativas distintas e paralelas. Adotamos essa estética como estratégia justamente como uma das formas de incorporar a antropofagia por todo o percurso do trabalho, assim como uma forma específica de abordagem sobre um território de constante trânsito e disputa, como é o caso da podosfera. Após essas constatações iniciais, apresentamos o cardápio desta dissertação.

No capítulo um buscamos conceituar a podosfera enquanto um território de conflito entre diferentes sujeitos. A pouca literatura científica sobre o tema nos instigou a pensar estratégias para construir uma definição que pudesse dialogar com os movimentos de nossa pesquisa. Desta forma, no subcapítulo 1.1 apresentamos algumas definições sobre o território e sobre quais parâmetros consideramos a podosfera como um território. Já no subcapítulo 1.2 começamos a apresentar de onde ancoramos o nosso foco sobre o território da podosfera, a partir de uma perspectiva amazônica, de sujeitos subalternos, e também é onde começamos a construir o conceito de nativos do podcast, por nós utilizado nos processos de pesquisa. O subcapítulo 1.3 é dedicado a relatar a experiência de participar dos bastidores do “podcast insikiran”, uma produção protagonizada pelos alunos do Instituto Insikiran, e que abriu portas para experiências posteriores.

No capítulo dois, falamos das possíveis linhas do tempo que desenhamos para este território da podosfera, a partir dos estudos de teses e dissertações sobre a temática. O capítulo é aberto com uma breve conceituação do que consideramos para elaborar essas múltiplas perspectivas temporais, assim como aprofunda o conceito de nativos do podcast. Já o capítulo 2.1 é destinado justamente ao diálogo entre os autores que compõem este arco narrativo sobre os nativos. O capítulo 2.2 apresenta uma outra perspectiva, a partir da inserção dos profissionais da comunicação e grandes empresas de comunicação convencional dentro da podosfera, assim como todos os movimentos que esta presença acaba por evocar. No subcapítulo 2.3 retornamos a discussão sobre as concepções de território em

disputa, ao apresentar alguns dados políticos e econômicos sobre a segunda fase da podosfera.

Enquanto o segundo capítulo apresenta o desenho de duas linhas do tempo paralelas e as diferentes territorialidades que envolvem a podosfera, o capítulo 03 é destinado a pensar o trânsito e o encontro entre esses elementos previamente discutidos. É como se nos dois primeiros capítulos devoráremos, e mastigáremos as influências, e no capítulo 03, começamos a deglutição. Nele, iniciamos com as próprias concepções transterritoriais, que irão, em dados momentos, as outras duas linhas do tempo, de uma maneira a evidenciar as disputas e os tensionamentos. O subcapítulo 3.1 é destinado a relatar a experiência de produção de podcast durante a oficina com migrantes do abrigo Jardim Floresta, em Boa Vista - Roraima. Em 3.2 relacionamos as (trans)territorialidades da podosfera, com as experiências de produção de podcast amazônicas por nós vivenciadas, buscando justamente compreender os movimentos de resistência presentes nas práticas comunicacionais e como estes se inserem dentro do macroambiente da linguagem.

Por fim, no capítulo 04, apresentamos o resultado de nossa deglutição, nossa contribuição e perspectiva, quais as reflexões fazemos a partir do processo de devorar e mastigar os estudos e os dados sobre podcast e a podosfera, e como essas influências externas se unem a nossas próprias experiências, oferecendo uma perspectiva para conceituar e estudar a própria linguagem do podcast. No capítulo 4.1 pensamos como que movimentos de sujeitos subalternos e periféricos podem oferecer contribuições para o campo dos estudos em comunicação, enquanto no capítulo 4.2 discutimos como essas experiências transformam a própria concepção do campo. Por fim, o 4.3 foca nas territorialidades culturais e simbólicas a partir das experiências de produção de podcast dos comunicadores do Conselho Indígena de Roraima - CIRR.

1. Podosfera

Iniciamos este capítulo com a constatação de que a podosfera é objeto de estudo desta pesquisa. Evidentemente, não ela por sua totalidade, mas algumas de suas características aqui delimitadas. Tal constatação não se trata de um trabalho simples, uma vez que o próprio conceito de podosfera é algo que carece de explicações e aprofundamentos. Nossa expectativa é contribuir para essas discussões no âmbito da comunicação.

Ao mesmo tempo que estudamos a podosfera, estamos produzindo-a. Isso porque caracterizamos o exercício científico como uma prática social (MALDONADO, 2003), que não representa os objetos que estuda, mas interage com diversos fatores do campo, sem a própria pesquisa, um fato determinante para a produção dos objetos. Produzimos a podosfera, pois encaramos o sujeito pesquisador como sujeito imerso em múltiplos territórios, políticos, sociais, geográficos, culturais, assim como com suas temporalidades demarcadas e, ao entrar em contato com sua pretensão de objeto de estudo, o faz por si só, uma delimitação e inteligibilização deste objeto.

Um dos motivos para utilizarmos nossas experiências também na estética deste texto, se justifica no próprio processo de construção de nosso objeto de pesquisa: Ele se constrói para nós a partir de nossas vivências. Sendo assim, não temos na podosfera um conceito ou objeto pronto, mas sim em construção simultânea com o próprio avançar da pesquisa.

Para a construção do conceito de podosfera observado nesta pesquisa, começamos a nos valer do nosso próprio mapeamento no catálogo de teses e dissertações da CAPES, buscando pela palavra-chave “podcast”, e refinando a busca para trabalhos produzidos no âmbito da pós-graduação acadêmica em comunicação. Essa pesquisa da pesquisa (BONIN, 2018), teve como guia, um quadro metodológico por nós elaborado, e que buscava contemplar diversos aspectos dos trabalhos que também constroem a podosfera e os estudos sobre podcast. Suas informações, bem como interpretações estão distribuídas ao longo

desta dissertação, assim como nossos relatos de experiências de produção. Se encontram no Apêndice I, todas as tabelas por nós preenchidas e que compõem nossas observações do processo de pesquisa da pesquisa.

Nossa tabela, intitulada de “Ficha de Análise” é constituída de quatro sessões, sendo elas: Dados Institucionais; Discussão Epistemológica; Levantamento Metodológico e; Cruzamentos epistêmicos e Empíricos. Tais sessões, eram compostas da seguinte maneira, conforme o Quadro I.

Quadro I - Ficha de Análise

| Ficha de Análise | | |
|---|--|---|
| 1- Dados Institucionais | | |
| Título do trabalho: Cinema Digital: A Transformação do Olhar. | Autor:Guilherme Espindula da Rocha | Orientador: Giselle Beiguelman. |
| Instituição: PUC - SP | Programa: Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica | Área de Concentração: Signo e Significação das Mídias |
| Grande Área de Conhecimento: | | Área de Conhecimento: |
| 2 - Discussão epistemológica | | |
| Qual o problema de pesquisa? | | |
| Quais são os objetivos da pesquisa? | | |
| Quais as palavras-chave? | | |
| Como o podcast é definido na pesquisa? | | |
| Quem são os autores mais citados? | | |
| Quais as teorias e perspectivas acionadas para trabalhar com o podcast? | | |
| Como o podcast é acionado no trabalho? A partir de uma perspectiva central ou periférica? | | |

| |
|---|
| O que é discutido sobre podcast? (usos, processos, protagonistas, recepção, circulação) |
| Qual a contribuição que esta pesquisa oferece à podosfera? |
| 3 - Levantamento Metodológico |
| Qual a natureza do objeto de estudos: () podcast profissional; () instituição; () podcast amador; () podcast experimental/acadêmico; () processos de produção; () processos de veiculação; () processos de consumo; () outro. |
| Quais os objetos estudados nestes trabalhos? |
| Quais as justificativas de suas escolhas? |
| Como estes objetos são construídos? |
| Como estes objetos são interpretados? |
| Qual a metodologia utilizada? |
| Que teorias são acionadas? |
| 4 - Cruzamentos epistêmicos e empíricos - Destes objetos analisados por trabalhos acadêmicos |
| Quem são os produtores de podcast? |
| De que região/estado produzem? |
| Quais são as condições de produção? |
| Evidência que característica da produção: () Muito visto; () Relativamente visto; () pouco visto; () experimental. |

Fonte: O autor.

Esta ficha de análise contribuiu para termos um vislumbre de quais elementos compõem a podosfera brasileira em seus estudos científicos no campo da comunicação. Dentro da sessão três “Levantamento metodológico”, selecionamos dois campos que nos ajudam nessa composição: “Qual a natureza do objeto de estudos” e “Quais os objetos estudados neste trabalho”. É relevante ressaltar que, em algumas fichas (disponíveis no apêndice I), alguns campos aparecem como não

preenchidos. Isso se justifica pela ausência de algumas informações ao longo dos trabalhos disponibilizados no acervo da Capes.

Com base nas informações que recolhemos, elaboramos dois levantamentos: “Natureza dos objetos compreendidos em estudos da podosfera no campo da comunicação” e “Objetos de estudos da podosfera”:

Tabela 01: Natureza dos objetos compreendidos em estudos da podosfera no campo da comunicação:

| Natureza dos objetos | Quantidade de trabalhos |
|--|--------------------------------|
| Podcast Profissional | 7 trabalhos |
| Processos de produção | 4 trabalhos |
| Podcast Experimental/ acadêmico/ comunitário | 3 trabalhos |
| Processos de consumo | 3 trabalhos |
| Processos de veiculação | 2 trabalhos |
| Estratégias Midiáticas | 2 trabalhos |
| Podcast Amador | 1 trabalho |

Fonte: O autor.

Tabela 02: Objetos de estudo da podosfera

| Objetos de estudos da podosfera |
|--|
| Rádio com ciência (podcast) |
| Café Brasil (podcast) |
| Fronteiras da Ciência (podcast) |
| Papo Lendário (podcast) |
| Nerdcast (podcast) (utilizados duas vezes) |
| Rádio na Web |
| Web rádio |

| |
|---|
| Rádios comunitárias |
| Podcasteros de Game Of Thrones (podcast) |
| Serial (podcast) (utilizados duas vezes) |
| Mamilos (podcast) (utilizados duas vezes) |
| AntiCast (podcast) |
| Desobediência Sonora (podcast) |
| Projeto Humanos (podcast) |

Fonte: O autor.

Esses dados coletados, nos dão um vislumbre dos elementos que compõem a podosfera, em especial, aqueles elementos que se fazem mais presentes dentro dos estudos deste território no âmbito da pós-graduação em comunicação no Brasil. Antes de falar um pouco mais sobre esses dados, cabe aqui ressaltar - este é um recorte de pesquisa que não considera socializações de pesquisa no âmbito da graduação, ou trabalhos publicados em revistas, anais de eventos ou livros de caráter científico. Nossa delimitação leva em consideração o tempo reduzido de pesquisa no âmbito de um mestrado acadêmico (2 anos) ao mesmo tempo que sinaliza um desejo de prosseguir esse movimento em outras formas de divulgação em projetos futuros.

Esses primeiros dados nos ajudam a problematizar qual tem sido as principais temáticas abordadas, as formas como o podcast é acionado, que tipo de produções tem uma centralidade na pesquisa. É interessante pensar que, apesar de muitos autores considerarem o podcast enquanto uma linguagem em que há a predominância de sujeitos amadores no âmbito de sua produção, até o ano de 2020, nosso mapeamento nos indica que são as produções feitas por profissionais da comunicação ou grandes empresas que detêm a centralidade dos estudos sobre podcast. Dos objetos observados, apenas o “Rádio com Ciência”; “Podcasteros de Game of Thrones” e “Desobediência Sonora” podem ser considerados como produções “não profissionais”. Este dado nos é válido para questionar alguns pressupostos que pesquisas que abordam podcast apresentam, entre eles: será

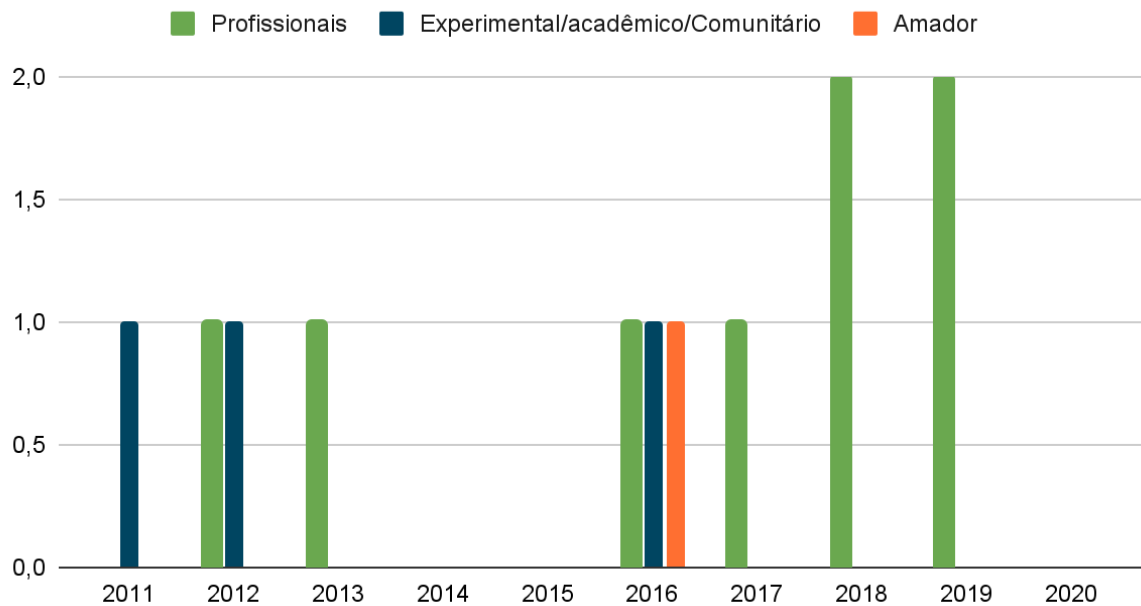
mesmo o podcast uma linguagem que detém sua centralidade nas produções “amadoras”? Como temos construído formas de inteligibilidade acadêmica em outros processos de produção e produtos na linguagem podcast que evidenciam outras maneiras de fazer, que não aquela que já começa a ser convencionada dentro da podosfera? Por que os estudos da comunicação no âmbito da pós-graduação privilegiam tais produções?

Nos cabe aqui problematizar que, quando apresentados estudos sobre outras formas de produzir e consumir podcast, estes não evidenciam as produções, mas sim as possibilidades e características da linguagem. Os estudos que abordam as potencialidades do podcast como uma linguagem mais democrática e com outras possibilidades estéticas de fazer, não trazem análises das próprias produções, ou seja, dos podcasts, mas focam nos processos e nas características da linguagem.

Apesar destas constatações, reconhecemos que existem grandes contribuições que estudos sobre podcasts profissionais exercem. Como por exemplo, as duas dissertações disponíveis sobre o podcast americano Serial, sobre as quais ainda nos aprofundaremos no capítulo dois, são de grande valia para pensar as próprias transformações e tensionamentos que a podosfera está sujeita na contemporaneidade. Afinal, como ainda iremos explorar, é o próprio podcast Serial que inaugura o que temos chamado de “segunda fase da podosfera” (SANTOS, 2020). Isso também se apresenta quando observamos a cronologia e tais produções, sejam acadêmicas ou de podcasts. Nosso recorte, que acompanha até o ano de 2020, nos coloca um maior número de estudos sobre produções profissionais, mas esse crescimento tem se dado em maior ênfase nos últimos anos, o que mais uma vez se justifica pela própria fase do podosfera que vivenciamos.

Gráfico 01: Objetos das Produções acadêmicas por ano

Objetos das produções acadêmicas por ano



Fonte: O autor.

Como podemos observar, até o ano de 2017, a relação de objetos entre as categorias “experimental/comunitária/acadêmico” e “amadora” eram muito páreas com as “produções profissionais”. A partir de 2018, essa relação de força se transforma. Podemos fazer algumas observações, com base nesses dados iniciais: o campo da comunicação ainda carece de muitas pesquisas sobre a linguagem podcast e as territorialidades da podosfera brasileira; dentre as produções no âmbito da comunicação, existe uma centralidade (ainda em que em número bem pequenos), nas produções executadas por profissionais da comunicação ou grandes veículos convencionais, que já tem histórico em outras linguagens, como radiofônica, web, televisão; Embora haja um aumento cada vez mais interessante de estudos em podcast, o campo da comunicação ainda não conseguiu consolidar pesquisas na temática.

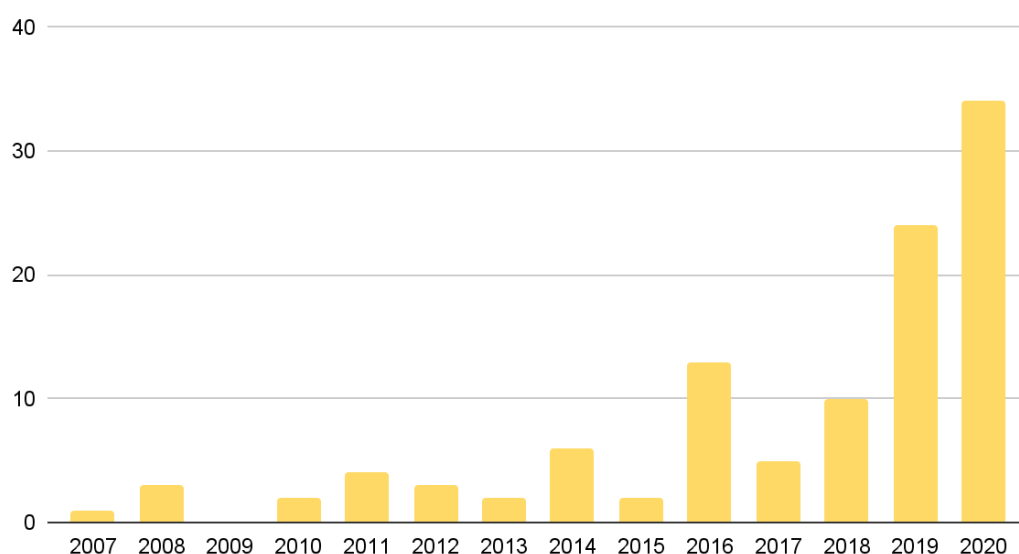
A respeito desta última colocação, trazemos alguns outros dados. A produção acadêmica sobre podcast é bem diversificada e passa por diversas áreas do

conhecimento, e algumas delas, possuem uma sistematização sobre a temática muito maior, mais abrangente e que já indica caminhos mais consistentes. Nossas delimitações no âmbito do mestrado não nos permitem avançar para a análise de estudos de podcast também em outros campos, embora reconheçamos a importância deste diálogo. Reforçamos também como se constitui como importante que cada vez mais pesquisadores se debruçam sobre a temática, para que possamos discutir múltiplas perspectivas e dados interpretados.

Traçamos aqui dois gráficos que nos ajudam a compreender a expansão da podosfera em múltiplas perspectivas acadêmicas no Brasil ao longo dos últimos anos. O primeiro deles, nos mostra justamente como tem crescido a quantidade de trabalhos sobre a temática no repositório de teses e dissertações da Capes, a partir da busca pela palavra-chave “podcast”:

Gráfico 2 - Estudos de podcast no repositório Capes por ano:

Estudos de podcast no repositório Capes por ano



Fonte: O autor.

Nota-se que, embora não seja de forma contínua, existe um crescimento de interesse na comunidade acadêmica pela temática do podcast em suas pesquisas.

Especialmente a partir do ano de 2018, quando estes dão saltos significativos e iniciam uma curva crescente que segue até 2020. Chama atenção que no período de 12 anos, que compreende 2007-2018, foram produzidos 51 trabalhos de pós-graduação sobre a temática, enquanto somente nos anos de 2019 e 2020, foram produzidos 58 trabalhos, sendo 34 somente em 2020. Esses números também coincidem com a popularização da linguagem no Brasil, o investimento de veículos de comunicação convencional e a criação cada vez maior de programas na podosfera. Também observamos que os próprios agregadores de podcast, como no caso do Spotify, Deezer, Google podcast, tem investido no segmento, além de aperfeiçoar seus tocadores.

Desta forma, esses dados iniciais até aqui apresentados, nos ajudam a compreender em termos quantitativos, como a podosfera tem se delimitado em seu âmbito acadêmico. Mas, em nossa construção e busca por conceituação ativa que possa ser acionada junto a nossas experiências e ao nosso trabalho, precisamos buscar outras referências, além de outras formas de análises.

Podemos com base neste caminho, elencar alguns elementos que constituem o território da podosfera. No âmbito de suas produções: Podcasts profissionais, amadores, experimentais, acadêmicos, comunitários, adaptações de webrádio, rádio na web; no âmbito de seus processos: Produção, veiculação, consumo; Na perspectiva de seus sujeitos: profissionais da comunicação, jornalistas, publicitários, comunicadores populares/comunitários, comunicadores amadores, pesquisadores, cientistas. Podemos também dizer que a podosfera envolve estratégias comunicacionais e midiáticas. Todos esses elementos e múltiplas outras possibilidades, tensionam esse campo e de alguma forma, constituem seu território. Assim, como fruto deste primeiro tatear, temos algumas pistas iniciais sobre este território.

Embora ainda limitadas, traçamos o desejo de mais duas vertentes de busca para essa construção: análise de dados de audiência e produção e as nossas próprias experiências de produção de podcast e o que podemos tomar como elementos constituintes da podosfera.

Antes de adentrarmos nesses dois tópicos, consideramos como válido pensar alguns pressupostos relacionados, assim como nossas compreensões sobre território, territorialidades e (trans)territorialidades, para que, a partir de então, possamos voltar a problematizar e construir nosso campo de estudo, a própria podosfera.

1.1 Delimitação do território

A podosfera é um território? Este questionamento nos motiva a problematizar nossas próprias concepções de território. O que é um território? O percebemos como espaço geográfico visto a partir das relações de poder, seja em um aspecto material, político-econômico ou em sua dimensão mais simbólica. Nestes jogos de poder, agenciamos também concepções de identidades, e como estas se constituem em instrumentos de dominação ou de emancipação (HAESBAERT, MONDARDO, 2010).

Haesbaert (2010) nos ajuda a compreender que, assim como o podcast, o território é um conceito de interesse e conceituação de diversas áreas de estudo, tais como, geografia, psicologia, sociologia, economia, política. O autor nos faz algumas diferenciações sobre as diversas formas como o território ganha materialidade nestas pesquisas. Se considerarmos o trânsito entre territórios e territorialidades, em uma perspectiva (trans)territorial, nos parece interessante pensar essas definições e como elas podem operar dentro do nosso próprio conceito de podosfera.

No sentido etológico, o território pode ser entendido como ambiente de um grupo, que não pode ser objetivamente localizado, mas que se constitui a partir dos padrões de interação adotados por este grupo, assim como suas repetições, que irão lhe garantir certa estabilidade ou localização. Essa concepção subvaloriza as bases materiais e objetivas da construção do território, mas instala-se na sua construção psicológica (HAESBAERT, 2010).

Podemos considerar o podcast enquanto território etológico, quando, por exemplo, pensamos os processos e modos de produção da linguagem, que por sua vez, atravessam os fazeres de seus sujeitos produtores. A podosfera não se localiza de maneira objetiva ou material, ela não pode ser materializada, e se encontra difundida em diversas plataformas na internet, tais como YouTube, Deezer, Spotify, Google Podcast, Apple Podcast, SoundCloud e uma infinidade de outros agregadores. Mesmo assim, existe um modo de produção semelhante entre aqueles que a produzem, como interagem, como se comunicam, como utilizam a tecnologia. Aprofundaremos essa concepção no capítulo dois.

Nos cabe problematizar também que, dentro dessa própria concepção, a desterritorialização já é algo implícito (HAESBAERT, 2010), uma vez que são as repetições e interações que territorializam a podosfera, as mesmas podem ser descontextualizadas de maneira crítica (BUTLER, 2003), e assim, oferecer outras formas de fazer e existir, que a partir de então, irão compor as territorialidades da podosfera.

Podemos elencar como exemplo o caso de sucesso de alguns podcasts específicos como o “FlowPodcast”³ e “PodPah”⁴. O formato e a maneira com que estes programas se popularizaram, de certa forma, ajudam a agenciar para um grupo de podcasters uma forma de se relacionar com a linguagem e com a própria podosfera, nos indicando um modos de execução. Tendo em visto seu sucesso de audiência, e a forma como eles se tornam porta de entrada para novos consumidores de podcast, passam a ser repetidos, configurando um território a partir dessas interações do grupo. Não é raro que, em conversas despreziosas com pessoas que não estudam podcast, elas citem estes dois programas, ou utilizem o formato consagrado por eles como uma forma de explicar o que é podcast.

³ Flow Podcast é um podcast brasileiro apresentado por Bruno Aiub (monark) e Igor Coelho (Igor 3K), lançado em outubro de 2018, que a cada programa entrevista pessoas com notória popularidade na internet. Desde 2020 é considerado um dos podcasts mais escutados do Brasil. Disponível em: <https://flowpodcast.com.br/>

⁴ PodPah é um podcast brasileiro apresentado por Igor Cavalari (Igão) e Thiago Marques (Mítico), com mais de 4,5 milhões de inscritos no Youtube, é considerado um dos podcasts mais escutados no Brasil. Foi lançado em setembro de 2020 e segue o formato de entrevistas mesa-redonda. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/Podpah/videos>

Para aqueles que começaram a consumir e se relacionar com a linguagem por conta do “FlowCast”, por exemplo, não é difícil compreender que se trata sempre de programas de mesa redonda, com uma linguagem mais coloquial, muitas vezes sem roteiro e que simule uma conversa de bar. O podcast também é isso, só não podemos cair no perigo da generalização e restringir todas as territorialidades dessa poderosa linguagem a uma forma de fazer. Embora reconheçamos que, essa maneira, tem implicações na própria construção territorial da podosfera. Uma vez que, essa também se interconecta com a própria questão “o que é um podcast?”, uma vez delimitada essa definição, estamos agenciando formas de dominação e interação deste território.

Em uma perspectiva política, podemos considerar o território como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce algum poder, em que na maioria das vezes, mas não exclusivamente, trata-se de um poder exercido pelo Estado. Segundo o autor, esta é a concepção de território mais difundida (HAESBAERT, 2010).

Podemos considerar o podcast enquanto um território em que se exercem forças políticas? Se considerarmos as disputas entre os sujeitos da podosfera, esta é uma interpretação possível. Como já demonstramos (SANTOS, 2020) o próprio podcast surge a partir da necessidade de subversão das morais vigentes e limitantes da linguagem do rádio, aliada às possibilidades e maneiras de fazer comunicação através da internet, e o desejo dos sujeitos sociais em reivindicar cada vez mais um papel ativo no aspecto de produções culturais.

Conforme vamos demonstrar também através de algumas de nossas experiências de produção de podcast, em algumas situações, podemos pensar o próprio fazer podcast como um ato político, uma vez que, neste jogo de poder e disputa pelos territórios (neste caso, o território da comunicação), o podcast pode se apresentar como uma possibilidade para sujeitos subalternos potencializarem o alcance de suas próprias narrativas. Quando observamos como recorte da podosfera, um território que tensiona de maneira desigual e conflitiva, sujeitos profissionais da comunicação e grandes corporações de mídia convencional junto com comunicadores populares, podemos dizer também que existe esta disputa pela

territorialização da linguagem podcast, e que este próprio território está sendo forjado nestas disputas. Abordaremos com mais detalhes as relações de poder presentes na podosfera, bem como as estratégias por nós utilizadas no capítulo 1.2 (trans)territorialidades nativas.

Uma definição de território menos difundida, trata-se de sua perspectiva econômica, a qual enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recurso ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão “territorial” do trabalho, por exemplo (HAESBAERT, 2010).

A podosfera, também, se insere nesta concepção, uma vez que existem disputas econômicas e, classes relacionadas a sua produção. Sobre as questões econômicas, relembramos que existem muitas discussões sobre as possibilidades que a linguagem do podcast abriu, bem como as formas como se alteram as relações de capital dentro das profissões que outrora detinham o monopólio dos meios de comunicação convencionais. Como a produção e, mais recentemente, a popularização do podcast afetou a arrecadação das rádios? Não apenas no sentido de criar um território em que supostamente existam mais concorrências, mas também, agenciando uma nova necessidade de produção de podcasts. O que antes era visto como um diferencial para as rádios convencionais, tende, cada vez mais, a ser algo que suas audiências buscam.

Em uma outra questão econômica relacionada a este território está a disputa pelos recursos crescentes da podosfera e uma discussão aliada às possibilidades de produção. Quem são os produtores que estão conseguindo captação de recursos? Quais são os custos e lucros para a produção de podcasts? Como situações econômicas desiguais podem afetar as produções, os sujeitos, a circulação e o próprio território da podosfera como um todo? Essas e outras problematizações também se apresentam quando buscamos pensar e conceituar a podosfera enquanto um território a partir de suas características econômicas, e serão aprofundadas em outros momentos dessa dissertação, a partir de nossas pesquisas e experiências de produção.

No sentido cultural, a concepção de território prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido (HAESBAERT, 2010).

Em sua concepção cultural, pensar a podosfera enquanto um território nos é produtivo por diversos aspectos, desde a forma como comunicadores populares se apropriam da linguagem e a partir de suas vivências e, em uma perspectiva antropofágica, se apropriam e condicionam esta linguagem em seu cotidiano e suas vivências; a forma como aspectos culturais tradicionais, como traços da cultura indígena se apresentam e se atualizam nos programas protagonizados por indígenas; mas também como que aspectos culturais de outros comunicadores profissionais e não profissionais se atualizam e se agenciam dentro das dinâmicas deste território. Também abordaremos essa perspectiva da podosfera enquanto um território cultural.

Percebemos que o território normalmente é abordado a partir do binômio materialismo-idealismo. O que implica em dois fatores: a) a visão que denominamos parcial do território, ao enfatizar uma dimensão (econômica, política, cultural); b) Perspectiva Integradora do território, na resposta à problemática que, “condensadas” através do espaço, envolvem conjuntamente todas aquelas esferas (HAESBAERT, 2010).

Buscamos, em nosso movimento de pensar a podosfera como um território, reconhecer que vivenciamos hoje um entrecruzamento de proposições teóricas a respeito de suas conceitualizações. Propomos superar a dicotomia material/ideal, o território envolvendo e transitando de forma simultânea as dimensões espaciais das relações sociais e o conjunto de representações sobre o imaginário, cultural e simbólico que integra de forma indissociável estas relações.

Como já nos indica Haesbaert,

movemo-nos muito mais no campo dos híbridos sociedade-natureza. A questão central, portanto, não é questionar a essência de visões naturalistas, mas como desenvolver instrumentos conceituais para repensá-las dentro deste complexo hibridismo em que cada vez mais estão se transformando (2010, p. 55).

A antropofagia pode nos servir aqui como base para conceituar a podosfera e o podcast, mas também auxiliar na criatividade de pensar propostas híbridas e funcionar para concepções de territórios na comunicação e em outras ciências sociais, em especial estudos que abordam linguagens híbridas, como o próprio podcast.

O que buscamos com essas concepções iniciais sobre território é perceber, dentro de nossa pesquisa, a construção de nosso objeto. Para isso, tomamos como interpretação múltiplas dimensões que o território pode adquirir, e suas especificidades.

Consideramos as territorialidades em uma perspectiva trans/multidimensional entre diversos e complexos conjuntos de relações entre sociedade e espaço. Escapando de uma perspectiva essencialista e estanque, as territorialidades, tal como o território, é fruto inacabado de relações dinâmicas. Territorialidade aqui, embora algumas vezes acionada por meio de tal, não nos implica em reconhecer necessariamente a constituição de um território, pois pode ser dar “pela combinação de um conjunto de lugares (ou de outros territórios), pela produção de um circuito, pela constância do movimento” (HAESBAERT, MONDARDO, 2010, p. 30), visto as possibilidades de transitar entre distintos territórios.

Podemos dar como exemplo, o trânsito entre diversas territorialidades que citamos em nossas experiências de produção de podcast: transitamos entre territorialidades da podosfera, territorialidades da comunicação, do rádio, da internet, territorialidades roraimenses, territorialidades amazônicas, indígenas, nortistas, migrantes. Todas elas sendo acionadas, resgatadas e atualizadas a partir de nosso campo de estudos sobre podcast.

Compreendemos que as territorialidades estão ligadas a questões de identidade e espacialidade. Pensar identidade nos possibilita tratar as diferentes maneiras como o território se relaciona com continuidades e rupturas histórico-sociais, simbólicas, inerentes de um certo grupo social em determinado lugar. As formas como estas continuidades são agenciadas podem sofrer mudanças, porém são fundamentais para a reprodução das identidades (SAQUET, 2010).

As identidades são definidas e consolidadas através das línguas, mitos e ritos, religião e pelos atos territorializantes dos atores sociais históricos. Porém, também é importante ressaltar que a identidade, assim como as territorialidades e temporalidades, não é estanque ou essencialista, mas constantemente reconstruída, histórica e coletivamente e que ganha sua materialidade especialmente através de ações políticas e culturais (SAQUET, 2010). O que também pode nos levar a problematizar: Como a prática podcasting constrói e atualiza territorialidades?

Nossa percepção de território não é encarada como algo fechado e estanque, mas sim com possibilidades de encontros, desencontros e confrontos, especialmente se considerarmos o trânsito entre os diferentes sujeitos. As identidades e as territorialidades se produzem então nessa dinâmica, que possibilita práticas transculturais e híbridas. A noção de território nasce na articulação entre os significados material e simbólico envolvendo sociabilidades entre a dominação da terra ou seu processo de alijamento, daqueles que são impedidos do acesso (HAESBAERT, MONDARDO, 2010). Suas articulações transitam para além das relações estritamente materiais político-econômicas e também culturais e simbólicas

As relações de territorialização e hibridização estão ligadas às relações de poder dentro desse jogo de forças em negociação. Bertha Becker (1991) nos propõe pensar as territorialidades então como estratégias de poder de diferentes grupos e sujeitos sociais sobre um território, resultante da relação entre processo coletivo, decisões tecnocráticas, prática social e prática de poder. Uma concepção que nos auxilia na própria organização desta pesquisa, especialmente problematizando as relações de poder aqui evocadas.

Se territorialidades são estratégias e, nesse processo de pesquisa, estamos construindo nosso objeto de estudo enquanto este se territorializa, desterritorializa e reterritorializa, precisamos então pensar de onde ancoramos nossa visão sobre este território. Se pensamos multiplicidades e trânsitos entre eles, por onde começamos? Nossa proposta parte de uma perspectiva antropofágica-decolonial, que busca outras maneiras de contar as histórias, a partir de outros sujeitos e de outros territórios.

Poderíamos, por exemplo, pensar o podcast e a podosfera a partir de Adam Curry, nos Estados Unidos em 2004, e refazer toda sua trajetória até chegar no Brasil, e posteriormente à Roraima, para então pensar nas relações de apropriação e negociação que os sujeitos aqui fizeram da linguagem. Muitos dos trabalhos por nós analisados fizeram este caminho. Para nós, não nos parece produtivo refazê-lo. Tomamos a decisão de inverter os pólos, de mudar o olhar que nos é ensinado sempre a pensar o território Brasil como forjado no exterior. Desta vez, nosso olhar está ancorado por dentro, daqueles que aqui já estavam e já construíram movimentos de resistência e comunicação, antes da “invasão das linguagens estrangeiras”, entre elas, o podcast. Nosso ponto de inserção deste desenho rizomático da podosfera são as (trans)territorialidades nativas.

1.2 (trans)territorialidades nativas

Isso é um podcast? Tal questionamento nos ajuda a destrinchar as narrativas aqui compostas. Embora, devemos admitir que esta pergunta não é a provocação central de muitas de nossas experiências, aqui relatadas, devemos considerar que, problematizar a categoria podcast desde sua própria concepção nos acrescenta possibilidades para pensar os desenhos de nossos caminhos metodológicos. Como temos conceituado podcast e operado essas definições? Como que nossas produções e experiências contribuem para essas definições no campo da comunicação?

Adiantamos desde já, que nossa perspectiva, neste trabalho, não busca oferecer um conceito definitivo a questões que se apresentarão por algum tempo nos trabalhos que discutem podcast. Mas, consideramos tal provocação como didática para nossos movimentos de pesquisa.

Antes de abordarmos especificamente o que é um podcast, assim como diversos autores no campo da comunicação o definem e o acionam, partimos de alguns pressupostos. Como indicamos na introdução, trazemos em nossos estudos a compreensão de que o podcast é uma linguagem híbrida, capaz de evocar

múltiplas (trans)territorialidades. Consideramos também que existem várias linhas do tempo possíveis de serem traçadas em estudos sobre essa linguagem.

Nossa linha do tempo, mais uma vez, terá nossas experiências como fio condutor, e aqui, localizamos essas experiências: Falamos da América do Sul, do Brasil, da Amazônia brasileira, de Roraima, de Boa Vista (embora essa demarcação não exclua outros saberes, conhecimentos, experiências e territorialidades, mas sim, consideramos que as especificidades de nosso território são híbridas e (trans)territoriais por vocação, como trouxemos no prefácio).

Falar a partir deste território, nos demarca uma maneira de encarar a pedosfera brasileira, uma vez que falamos de uma zona periférica. Trabalhar com o trânsito das múltiplas territorialidades que em nossas produções se encontram, nos provoca a pensar que estamos sim falando de resistências, de processos políticos em busca de emancipação, e de uma luta cotidiana de povos colonizados que se apropriam de linguagens colonizadoras para reforçar suas lutas.

A colonização, enquanto um projeto inacabado e ainda em curso, nos dá chances de pensar que algumas características “brasileiras” foram criadas antes do processo de invasão e colonização deste território. Um exercício decolonial que a antropofagia nos convida a fazer é justamente inverter tais parâmetros de observação. Passamos a considerar o território “brasileiro” como criado, especialmente “do outro lado da linha”, na Europa, a partir dos olhos portugueses. Nosso processo de descolonização passa então por nos descobrirmos e reconhecermos enquanto corpos colonizados inacabados, e a partir desta descoberta, ressignificarmos o ser “brasileiro”.

Descobrir-se “brasileiro” é um movimento contínuo de rupturas, conflitos, subjetividades, incoerências, alteridades, transgressões. Pode-se tomar enquanto um processo arqueogenealógico rizomático com múltiplas possibilidades de conexão. Consideramos a semântica de um símbolo nacional que permeia camadas do tecido social do país, evocado em diferentes contextos, capaz de diversas interpretações e que nos oferece pistas sobre a invenção de nosso país: a designação “brasileiro”.

Significado e normatizado enquanto expressão de nacionalidade daquele que nasce no Brasil, ou que se constitui enquanto um cidadão do mesmo, o termo tem sua origem semântica anterior a qualquer noção de Estado ou ideal de cidadania. Com a terminologia do sufixo - *eiro*, demarcando e nos posicionando no mundo enquanto

Ocupação, ofício e profissão - barbeiro, copeira; lugar onde se guarda algo - galinheiro; árvore ou arbusto - laranjeira, limoeiro; ideia de intensidade ou aumento - nevoeiro; objeto de uso - cinzeiro; noção coletiva - formigueiro (CUNHA; CINTRA, 1998, p. 69).

Antes de um projeto de nação, anterior à instalação da empresa açucareira ou do ciclo da borracha, já estávamos assim colocados no mundo: traficantes do pau-brasil, os *brasileiros* (ROCHA, 2011a). Os primeiros relatos que circulavam na Europa sobre esse território que viria se configurar como Brasil, tais como *Duas Viagens ao Brasil* de Hans Staden e *Dos Canibais* de Montaigne, já nos retratavam como “grande extensão de terra, cujo o litoral era habitado por índios que coletavam pau-brasil para fazer comércio com os europeus, ou por índios que coletavam os próprios europeus para devorá-los em complexos rituais antropofágicos” (ROCHA, 2011b, p.649).

Nosso nome, obedecendo as lógicas da língua dos colonizadores, nos designa esta relação com o mundo, um ofício, um lugar, um elemento da natureza e um coletivo de grandes dimensões, sendo todos estes significados carregados por uma aura pejorativa, indicando menor merecimento de dignidade. Aura esta que serviu a própria lógica de colonização. A visão do indígena antropófago ou traficante ajudaram a tecer um imaginário preponderante na Europa a nos retratar como bárbaros, sujeitos sem alma, cujo na ação do homem branco colonizador, estava a atuação de um Deus protestante (ROCHA, 2011b).

Que possamos tomar o termo brasileiro enquanto uma expressão de identificação dos povos do Brasil, a identidade brasileira é então forjada no exterior, como propõe Luiz Felipe de Alencastro, a partir das lógicas e necessidades externas. Temos motivos para que interpretemos tais necessidades como contrastantes de uma lógica que pretenda a plena cidadania e gozo de direitos de cidadãos brasileiros. A lógica humana moderna só pode existir por conta de uma relação de sub-humanidade moderna. Negar a humanidade do outro é sacrificial

para que as lógicas de uma condição humana possam ser tomadas como universais (SANTOS, 2010).

A especificidade no caso “brasileiro” é a denúncia de que nossa identidade não apenas foi construída por esta relação de alteridade, mas forjada pelo outro. Configuramos a identidade brasileira um espaço sem território, a partir do Oceano Atlântico, que serviu como uma espécie de ponte entre uma monocultura escravista montada no Nordeste brasileiro e a zona de reprodução de escravos na Angola, que somam uma triangulação com o Império Português, responsável por significar as territorialidades “brasileiras” (ROCHA, 2011a).

O brasileiro não era um cidadão ou sujeito, não corresponderia a uma nacionalidade. Disseram-nos quem somos: comerciantes de baixo calão, responsáveis pelo comércio e armazenamento de matérias-primas. Fomos comerciantes e estoquistas, antes de sermos Nação. Sobre esta lógica, se forjaram as identidades dos Brasis, em negociação permanente.

Somos vistos como aglomerações de servos e serventes; depósito de recursos naturais em grande escala para o “outro lado das linhas abissais imaginárias” que separam o mundo entre o “civilizado” e o não inteligível. Tal concepção se ampara em uma lógica comum aos processos de colonização: a apropriação. Esta reconhece apenas o direito das coisas, sejam elas humanas ou não. Valemos pelo o que produzimos, não por quem somos, deixamos de ser sujeitos para sermos objetos pertencentes à alguém, passamos então a outra lógica operante deste lado da linha: a violência (SANTOS, 2010).

Pensando uma lógica Norte-Sul Global (SANTOS, 2010), as relações de mediação presentes a partir da invenção do “brasileiro” muito se assemelham com as relações de negociações e reivindicações populares explicadas por Martín-Barbero (1987). O autor nos fala de um lugar em que se forja uma “cultura específica”, de setores populares, diferente de uma “cultura de trabalhadores”, que também se apresenta enquanto distinta de uma “cultura do centro” - que podemos referenciar como centro global, ou outro lado da linha abissal que separa o mundo - em relação a qual a cultura costumava ser significada e inteligível

(MARTÍN-BARBERO, 1987) ou como nos propõe Canclini, esta mediação reivindica também o direito a consumir bens materiais e culturais (CANCLINI, 1996).

Canclini (1996) nos indica que a cidadania deve ser encarada para fora das institucionalidades condizentes com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também como práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento das múltiplas diferenças agenciadas nos territórios nacionais. O autor nos fala sobre as diversas formas que a cidadania pode ganhar concretude, entre elas a cultural, que se coloca em produtivo diálogo com os processos de mediações estudados por Barbero (1987). Tal cidadania cultural seria então a busca pelo consumo e produção de bens e produções culturais. A cidadania pode ser compreendida como estratégia política que abrange práticas emergentes não consagradas pela ordem jurídica (CANCLINI, 1996).

A base desta outra cultura, forjada nesta mediação, institui uma prospecção política diferente de uma lógica cultural de trabalho, sobre a qual a identidade brasileira pôde se fundar em relações coloniais, pautada em outras institucionalidades que buscam força política para negociar além de habitação, energia elétrica e água, transporte básico e o mínimo de saúde. Se inscreve em uma realidade mais integral, de luta pela identidade cultural (MARTÍN-BARBERO, 1987).

Em uma sociedade tão pouco institucionalizada é no âmbito das ações populares que novas institucionalizações são desenhadas, buscando fortalecer os cidadãos, mostrando outros traços de socialização entre os sujeitos coletivos da vida no país. Tais movimentos partem das ações cotidianas em que a democracia é encarada como articulação de diversidades (MARTÍN-BARBERO, 1987). É neste âmbito, que denominamos aqui “subalterno”, que as mediações dos sujeitos marginalizados operam nas negociações com um norte global. São nestes “lugares” que as identidades são constituídas, a partir da separação entre o tempo de trabalho e o tempo livre ou “tempo de trabalho e tempo de vida” (MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 273), expressões que segundo o próprio autor desvalorizam a expressão “vida”.

São nessas articulações, nessas negociações que implicam ganhos e perdas, que localizamos o podcast como uma prática (re)existência e sujeitos subalternos, ou como estamos denominando, nativos. A categoria nativa trata-se desses sujeitos

subalternos, que em todo o processo contemporâneo e histórico de colonização é visto como mercadoria ou trabalhador. O nativo neste trabalho, é o sujeito que tem o seu valor para fora a partir de sua força de produção, mas que, em seu “tempo de vida”, produz negociações e resistências. Se ele existe para o outro estrangeiro colonizador a partir de seu trabalho, este quando chega em casa forja a sua (re)existência. Não refuta as influências e imposições do que vem de fora, mas negocia ela a partir de suas próprias territorialidades.

O que estes sujeitos fazem no “seu tempo de vida”? Eles se relacionam, se comunicam, transitam entre territórios, constroem movimentos políticos, fazem arte, buscam qualidade de vida, buscam uma maneira ativa de se sentir pertencentes a produção cultural de seu território. Entre essas possibilidades, eles também fazem podcast. Ou escutam podcast, comentam sobre podcast, interagem com o conteúdo dos podcasts. Para muitos nativos (embora também se aplique como regra), o fazer podcast é uma de suas atividades de “seu tempo de vida” e, como nos indica Barbero (1987), é neste tempo de vida que estes sujeitos constroem suas (re)existências, não refutando por completo as linguagens de fora, mas sim deglutindo-as para transformar em algo outro, capaz de fortalecer essas novas identidades que se constroem nesta deglutição. Os nativos colonizados, são sujeitos antroopófagos por excelência, embora, mais uma vez, não se aplique como regra.

Quando pensamos sujeitos a partir de seu ofício, de seu trabalho e de sua força de produção (como na lógica colonial abissal em relação aos brasileiros), não se é João ou Maria, jovem ou adulto, casado ou solteiro, e sim um trabalhador, um servente. E, por mais relevantes que essas identidades possam ser na hora de “vender” a força de trabalho, não é *nele* que estas identidades são constituídas ou transmitidas, mas sim no âmbito privado e das relações cotidianas (MARTÍN-BARBERO, 1987).

É neste “tempo de vida” que as (trans) territorialidades são agenciadoras de uma renovação da sociedade que “implica tanto em reivindicar os direitos de acender e pertencer ao sistema sócio político como no direito de participar na reelaboração do sistema, definindo portanto aquilo que queremos fazer parte” (CANCLINI, 1996, p. 23).

Podemos pensar que as nações se inserem de formas diferentes em um mundo neoliberal capitalista globalizado, da mesma forma que, dentro de cada nação temos formas distintas dessa inserção ocorrer. Não devemos considerar que as culturas locais interagem de maneira homogênea com as influências de globalização. Existem diferenças produzidas por um mercado capitalista voltado a vendas, que podem se traduzir em desigualdades, em âmbitos locais, regionais, nacionais e globais (CANCLINI, 1996).

Canclini (1997) ainda nos ajuda a pensar que produzir culturas híbridas implica em construir espaços híbridos, territórios cujo sua formação interfere diretamente na concepção de mundo e na construção das identidades, como no caso no Brasil, e o processo de formação da identidade brasileira, anteriormente exposto. A hibridização é potencializada pela diversidade territorial quando há a interação de um número culturalmente muito diversificado de pessoas e grupos.

Essa compreensão nos ajuda inclusive a reforçar a noção da podosfera enquanto um território e o podcast como uma linguagem híbrida, uma vez que são campos em que a diversidade entre os sujeitos é mais evidente do que em outras linguagens. Este trânsito potencializa os movimentos e capacita o podcast como híbrido.

Nossa primeira experiência relatada neste trabalho, nos serve inclusive para problematizar nossas próprias definições sobre o hibridismo. Ao tempo que podemos considerar a linguagem do podcast como híbrido, existem também possibilidades de reconfigurações e hibridizações dentro de suas produções. Um dos primeiros movimentos que nos ajudou a perceber essa potencialidade, foi a experiência de produção do podcast Insikiran, protagonizado por estudos do curso de Gestão Territorial Indígena da Universidade Federal de Roraima.

1.3 Podcast Insikiran

Olha a gente aqui também. Somos acadêmicos do curso de Gestão Territorial Indígena do Instituto Insikiran. Estamos fazendo nossa primeira experiência de podcast. A ideia é desenvolver um tipo de comunicação independente, comunitária e do nosso jeito (Podcast Insikiran, 2019).

Desta maneira, narrado por Raiquelane Ribeiro Rodrigues, o podcast *Insikiran* é iniciado. No final de abril de 2019, após dois anos estudando podcast e atuando como bolsista monitor do laboratório de áudio do Curso de Comunicação Social - jornalismo da Universidade Federal de Roraima, fui convidado pelos professores Vângela Maria Isidoro de Moraes e Simão Almeida Farias, para conversar com a turma do 4º semestre de Gestão Territorial Indígena sobre podcast e também para auxiliá-los na execução de seu primeiro programa. A produção experimental seria o encerramento da disciplina de Comunicação Comunitária.

Àquela altura, minhas experiências com produção de podcast haviam se dado no âmbito do AmaCast, vinculado ao Grupo de Pesquisa AmaZoom, com a 1ª Oficina Experimental de Podcast que acabou resultando na produção do podcast “Caixa Branca”, que estava em fase de produção de sua segunda temporada. Isso, além da produção do Podcasting Macunaíma, que mais adiante, seria meu trabalho de conclusão de curso. Aceitei o convite como uma forma de trocar experiências e conhecimentos, o que acabou me apresentando para múltiplas outras possibilidades que o podcast pode se materializar.

O programa único conta com 39 minutos e 15 segundos de duração, dividido em 4 blocos temáticos, abordando como temas centrais: educação, saúde, cultura, economia e política. Além destes, também foram compostos um bloco de apresentação e um bloco de encerramento, com mensagens e avisos aos ouvintes.

Protagonizaram o episódio: Raiquelane Ribeiro Rodrigues, da etnia Macuxi, moradora de Boa Vista; Fabiano, da comunidade Surumu, na Terra Indígena Raposa Serra do Sol; Didorinha da Silva Costa, da etnia Macuxi, da Comunidade do Milho, Região Baixo São Marcos; Jacir, Macuxi da Comunidade Maturuca, Região das Serras; Lucicreide da etnia Wapichana, Comunidade do Milho; Edson Freitas, Macuxi da Comunidade da Anta 1, região Tabaió; Elismar Cadete Pereira, Wapichana da comunidade Araçá da Serra, da região do Baixo Cotingo; Nilton, Macuxi, da comunidade Guariba, no município de Normandia; Avania, Macuxi, da

comunidade os Três Corações; Fernanda, da etnia Wapichana, da Comunidade Truaru da Cabeceira, região Murupu⁵.

Antes de efetuarmos as gravações, houve um momento de primeiro contato com a turma, em que a proposta nos foi apresentada pela professora Vângela. Naquela mesma manhã, conversamos um pouco, de maneira livre e descontraída sobre quais as possibilidades que a linguagem do podcast poderia nos oferecer. Apresentei um pouco do que era o podcast, algumas de suas características, mas mantivemos o foco em formar grupos que, juntos, iriam decidir como o programa seria preenchido e quais seriam as tarefas em sua produção.

**Imagem 01: Bastidores do primeiro encontro com protagonistas do podcast
Insikiran**



No dia da gravação, um tempo anterior à pandemia provocada pela COVID-19, tivemos uma das maiores lotações do pequeno estúdio de áudio da Universidade Federal de Roraima. A mesa redonda com os três microfones foi, pela primeira vez, utilizada por mais de dez vozes. Todos os integrantes da turma, presentes no dia, gravaram pelo menos um trecho do podcast, ainda que tenha sido

⁵ Os nomes e identificações dos protagonistas do podcast seguem a partir da forma como estes escolheram se apresentar na abertura do podcast. Respeitando essa escolha, pode-se nota que existem integrantes que se apresentam apenas a partir do primeiro nome, enquanto outros, falam seu nome completo, comunidade, município e região.

apenas a sua apresentação. Como fruto de um processo de comunicação comunitária e como produto de toda a turma, todas as suas vozes compõem, além, é claro, do trabalho de produção das pautas, este que não foi por nós acompanhado.

Se o podcast, para muitos é visto como uma mesa redonda de conversa entre amigos, aqui ele se materializa como uma grande roda de Parixara⁶, que envolve diferentes timbres, ritmos e as passadas de cada um de seus protagonistas, em uma mesma música. Todos têm seu lugar de voz dentro dessa multiplicidade. São as diversidades e diferentes territorialidades sendo agenciadas no processo.

Essa multiplicidade já é explícita quando o próprio nome do podcast é acionado a partir da junção de várias vozes: “Podcast Insikiran, a voz indígena de Roraima. A saudação inicial então é feita nas línguas maternas Wapichana e Macuxi e posteriormente traduzidas para o português. Por mais que na maior parte do tempo, o programa se dê todo em português, são as línguas maternas que dão as boas-vindas à audiência e anunciam o que é o projeto, para somente depois, ocorrer a tradução para a língua do colonizador.

Após isso, cada um dos protagonistas se apresenta. Essa roda de apresentação é acompanhada pela sonorização feita ao vivo com o instrumento Maracá em um dos microfones do estúdio, enquanto os outros eram revezados para a locução. Para quem já teve a oportunidade de atuar como operador de som de um estúdio, ainda mais um com condições modestas, como o caso de instituição de ensino pública, sabe os desafios que a rotatividade de microfones pode oferecer na captação sonora. Nossa imaginação nos fez adaptar a estrutura dos microfones, de maneira com que os narradores pudessem ficar em pé, enquanto gravavam suas apresentações, e assim diminuir os eventuais ruídos provocados pelas transições. A estética sonora final realmente nos remete a uma ciranda, em que cada um tem o seu momento de se colocar e protagonizar a produção do coletivo.

O primeiro dos quatro blocos temáticos do programa é o bloco da educação. A narradora introduz em um tom coloquial de conversa, uma entrevista realizada com a professora Tereza, educadora do ensino básico na Comunidade Malacacheta.

⁶ Parixara é o nome usado para denominar músicas e danças praticadas há séculos pelos povos Macuxi e Wapichana, como forma de agradecimento à terra, aos alimentos, aos animais, à natureza, e à união.

Antes das falas da professora, são acionados os bastidores e o próprio processo de produção do conteúdo. A entrevista segue então um tom de denúncia sobre a merenda escolar de seu município.

A professora relata como a merenda escolar é fundamental no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, e que muitos só encontram uma refeição completa na escola, mas que mesmo assim, há dias que o colégio não é abastecido de merenda. A professora chega a relatar uma conversa com o prefeito de sua cidade, cobrando medidas para garantir que todos os alunos tenham ao menos uma refeição nas escolas.

Seu discurso potente em tom de denúncia nos indica as potencialidades de uso do podcast para casos de denúncia e retrato da vida real dos interiores dos brasis, que muitas vezes não encontram espaço nas mídias convencionais. Apesar de ser uma primeira produção experimental, o podcast assim como sua estética apresenta uma grande capacidade de agenciar temas importantes para a sociedade.

O bloco da educação ainda contou com algumas informações trazidas por Dorinha da Silva, que explica um pouco sobre os diferentes níveis de educação, da infantil à superior, e fala também sobre o Processo Seletivo Específico indígena - PSEI, da Universidade Federal de Roraima, evidenciando a necessidade de criar políticas afirmativas não apenas para o ingresso de alunos indígenas, mas também para sua permanência nos cursos superiores. Seu argumento se baseia no fato de que muitos indígenas precisam deixar suas comunidades e se dirigiram para Boa Vista, para conseguir integrar os cursos aos quais foram aprovados.

Lucicreide convida então os ouvintes à conhecerem o PSEI e a ocupar os espaços dentro das universidades, uma vez que este também deve ser um espaço de protagonismo indígena.

O segundo bloco é relacionado aos aspectos culturais indígenas. Sua abertura se dá na explicação do próprio nome Insikiran, como foi batizado o Núcleo de Formação Superior indígena da Universidade Federal de Roraima. Os narradores contam o mito de Makunaima e seu filho mais velho, assim como os ensinamos que estes deixaram. Esta parte do podcast dialoga com o território do sagrada, uma vez

que além de mito, Makunaima também é uma figura religiosa para diversas etnias indígenas da região⁷.

Nos chama a atenção a maneira como diferentes formatos são explorados dentro do programa e suas escolhas por parte dos protagonistas. Enquanto a abertura é como uma roda da Parixara, o primeiro bloco segue como entrevista e informação, a parte sobre cultura se aproxima de uma contação de história, passando pelos mitos e suas explicações. O bloco três, dá ênfase em notícias e comentários sobre um acontecimento do mês de maio de 2019, em que o Governo Federal planejava extinguir a Secretaria Especial de Saúde Indígena - SESAI.

Na ocasião da gravação, o Ministério da Saúde já havia recuado sobre a decisão, como relatado no próprio programa, a partir do diálogo com a Deputada Federal Joênia Wapichana, que foi a primeira mulher indígena a ser eleita deputada no Brasil. Os narradores chegam a reforçar a importância de ocupar os espaços políticos institucionais como uma forma de combater esses projetos de desmanche de políticas públicas em defesa dos direitos indígenas.

Fazendo uma dobradinha com o terceiro bloco, o quarto segue no formato de diálogo entre os narradores sobre a importância das demarcações de terras indígenas. São trazidas informações sobre as diferentes situações de demarcação, como a diferenciação entre Território contínuo e Território e Ilha, bem como as dificuldades que as comunidades enfrentam quando não possuem seu território demarcado. A conversa fala um pouco sobre o cotidiano de ameaças e luta contínua por direitos já conquistados, mesmo por parte daquelas comunidades que tem sua demarcação assegurada.

A discussão é então encerrada com o discurso do narrador que sintetiza um pouco a proposta dos exercícios de experimentação:

[...] mais uma ferramenta alternativa de comunicação. Essa foi nossa primeira caminhada, espero que vocês tenham gostado. A primeira sempre começa cambaleando, mas sempre segue, e com o tempo, anda reto [...] uma alternativa de debate verdadeiro do que está acontecendo, não apenas em nosso Estado, mas no Brasil (PODCAST INSIKIRAN, 2019).

⁷ Falamos mais sobre Makunaima e a diferença entre o mito e a história de Macunaíma na monografia "Podcasting Macunaíma: atualizações da antropofagia para a linguagem híbrida do podcast", de 2019, disponível em: <https://bityli.com/jTkzn>

A experiência Insikiran nos ajuda a compreender o trânsito entre territórios e territorialidades. Ao se relacionar com a terra, ou a gestão territorial, podemos problematizar que os sujeitos não são somente espaciais, mas também transterritoriais, uma vez que vivenciam diversos territórios (espaço sob algum tipo de controle), o que implica em reconhecer a dimensão espacial enquanto constitutiva fundamental da existência humana.

Nesta perspectiva, podemos encarar a transterritorialidade de duas formas: *lato senso*, aquela que vincula múltiplos territórios articulados em rede, implicando um certo grau de mobilidade física; e também a *stricto senso*, ou simultânea, aquela que envolve territórios híbridos em si mesmos, possibilitando articulações simultâneas com outros territórios (HAESBAERT; MONDARDO, 2010).

O podcast é aqui encarado a partir de uma perspectiva transterritorial *stricto senso*, simultânea, quando por exemplo, acionamos territorialidades indígenas, comunicacionais, da podsofera e do podcast, mas também pelos próprios territórios evocados, como citado anteriormente, a produção aborda questões políticas, econômicas, materiais e geográficas do território, mas também aspectos imateriais dele, em sua constituição cultural e simbólica.

O que nos chama a atenção na perspectiva transterritorial *lato senso*, é que nela é imprescindível que haja um deslocamento físico. Porém, devemos ressaltar que, este deslocamento não necessariamente promove essa multiplicidade, para além de seu caráter meramente funcional, ou seja, aquele capaz de agenciar subjetividades, criações de vínculos simbólico-afetivos. Uma denominada “burguesia planetária”, por exemplo, tende a se encontrar em constante deslocamento, mas sem experienciar a imensa diversidade cultural que se estende ao seu redor, uma vez que frequentam os mesmos lugares. Haesbaert e Mondardo (2010) até chegam a indicar que, podem até estar em contato com o outro, mas que este é invisibilizado através da venda de seu trabalho, em um caráter funcional. Resgatando os pensamentos de Barbero (1987), nessa separação do espaço de trabalho, as identidades são submetidas aos meios capitalistas.

Da lógica comercial, irrompeu o desconforto no contato com o outro de fora, devido a nossa marcação de ofício, antecedente a nossa constituição enquanto

sujeitos (SANTOS, 2019). Deste desconforto, surgiram os primeiros pensamentos modernistas no início do século XX que “redescobriram” a identidade brasileira. Entre eles, evocamos novamente a antropofagia “Oswald de Andrade, numa viagem a Paris, do alto de um ateliê da Place Clichy - umbigo do mundo - descobriu, deslumbrado, a sua própria terra [...] a revelação surpreendente de que o Brasil existia” (PRADO, 1990, p. 57).

Foram nas correntes modernistas que buscou-se inicialmente alternativa à visão eurocêntrica sobre o país. Problematizavam a influência europeia, e buscava-se solucionar problemas brasileiros, mergulhando em análises profundas do processo histórico social do país. Além disso, o modernismo reposicionou o Brasil diante de questões embaraçosas para sua elite na Europa, passando de um romantismo que exaltava o indígena como principal elemento nacional, para um pensamento que considerava o Brasil a partir de si próprio (ATHIAS, 2007).

“A noção de antropofagia é central na cultura brasileira e esteve presente em momentos fundamentais na história intelectual” (ROCHA, 2011b, p. 648). Desde a associação entre a Terra do pau-brasil e antropofagia praticada por indígenas canibais, retratados nas imagens e texto da época, tais como nos livros “Duas Viagens ao Brasil” de Hans Staden e “Os Canibais” de Montaigne, até os relatos modernistas que buscavam compreender a colonização brasileira.

No entanto, seu desenvolvimento só surge do contato, como se somente a partir das vivências europeias e todo seu fardo civilizatório, fosse capaz de se revelar o esplendor brasileiro. As correntes científicas-artísticas do velho continente significavam decadência precisando serem suplantadas pela instauração do princípio nacional brasileiro e sua força regeneradora.

A antropofagia surge neste contexto, e em um primeiro momento com o manifesto de Oswald de Andrade, como uma forma de pensar as (trans)territorialidades brasileiras, problematizando nossos processos coloniais, mas incluindo nesta relação uma grande potencialidade decolonial. Porém, podemos revisar o próprio pensamento Oswaldiano (como o mesmo o faz nos anos 1950, especialmente com sua tese “Crise da Filosofia Messiânica”) e como propõem também João Cezar de Castro Rocha (2011b), desnacionalizando a antropofagia

para que esta ganhe a dimensionalidade proposta pelo próprio Oswald, enquanto uma teoria de exportação. Podemos pensar uma antropofagia como dialética em relação ao elemento estrangeiro?

Como diria Mário de Andrade “[...] a influência estrangeira não amedronta mais porque é apropriada, deformada, transformada de tal feito a ser útil pra gente. Pura antropofagia” (ROCHA, 2011b, p.658). Em texto póstumo de Oswald de Andrade, psicografado por Sérgio Paulo Rouanet (2011), o autor nos fala sobre dois tipos de antropofagia, uma discussão nos parece útil em nossa pesquisa.

Contra a antropofagia caeté, pela antropofagia tupinambá. Os caetés nunca saíram de Pindorama. Os Tupinambás viajaram muito [...] A antropofagia dos Tupinambás é cosmopolita [...] Os Tupinambás têm uma grande fome, que não recua diante da própria cultura Tupinambá. Antropofágica autofágica, heterofágica, panfágica: antropofagia da grande tabá do mundo. Ecumênica. [...] Sabem ser nativos, mas também sabem ser exilados, e enquanto exilados veem tudo de fora, julgam tudo de fora, e decidem absorver ou expelir segundo critérios diferentes dos critérios tribais (ANDRADE, 2011b, p. 49).

Oswald mais uma vez, nos indica a necessidade de pensar a antropofagia não apenas como um recurso de valorização do nacional como referente à deglutição do estrangeiro, mas especialmente, de uma vontade incessante, uma fome grande a ponto de se alimentar do outro, deglutindo-o. Podemos observar este aspecto em relação à prática de podcast por duas vertentes: Uma que nos indica o podcast como uma linguagem estrangeira de exportação e manutenção das colonialidades na América Latina ou; suas adaptações, ressignificação e atualizações como uma forma de deglutir aspectos que há de melhor nas linguagens do outro, dessacralizando processos que, para nós, não nos acrescenta, não em aspectos e parâmetros atuais, mas sim sobre as projeções que fazemos de nós mesmos. Não queremos o que já temos, queremos mais e do melhor. Nossa fome é grande.

Como prossegue o autor,

Em vez de guardar as proteínas da cultura estrangeira, devolvendo o resto, os caetés de hoje fizeram o contrário. Eles rejeitam o que a cultura gringa tem de suculento e só absorvem o que tem de indigesto [...] os alimentos saem tais como entram, sem nenhuma transformação. A passagem pelo tubo digestivo não altera em nada, e o que era americano continua americano (Andrade, 2011b, p. 52).

Podemos pensar estes aspectos a partir de que usos temos feito do podcast? Uma possibilidade é pensar: o que temos importado da linguagem podcast? O podcast tem como principal potência suas múltiplas possibilidades, que outrora, outras linguagens não possuíam. Mas este fazer, com o tempo, começa a ser padronizado, formatos se consolidam e se exportam. O que consumimos do podcast americano? Seus aspectos libertadores de linguagem que nos oferecem maneiras de criar outras formas de fazer, ou estamos importando suas maneiras de usar essa linguagem? Se olharmos para as produções de podcast na podosfera brasileira, vamos encontrar mais propostas inovadoras e deglutidas com o nosso fazer, ou assimilações da proposta americana?

Queremos oferecer aos nossos curumins uma comida boa e cheia de vitaminas [...] Se comemos tantas coisas, é porque quase tudo nos dá apetite, desde as sinfonias até as epopéias, sistemas filosóficos e teorias científicas, contanto que essas sejam saborosas, porque nosso paladar é mais delicado [...] Não temos nenhum medo de com isso, comprometer nossa identidade, primeiro que identidade é coisa de antropólogo, e costumamos comer todos os antropólogos, e segundo porque **nossa identidade, na medida em que existe, é construída precisamente pelo o que não é nosso, pelo o que vem de fora, pelo o que recebemos [...]** O que somos é alimentado por aquilo que não somos e por isso nossa identidade é sempre negativa. Aberta, nômade, inacabada, provisória (ANDRADE, 2011b, p. 52) [grifos nossos].

Por fim, apresentamos o podcast pronto, editado e mixado da maneira como se encontra em sua “versão final” para seus protagonistas na turma do 4º semestre. Os professores fizeram alguns apontamentos e considerações de passagens e trechos que poderiam ser corrigidos, ou alterados. Mas como todo fazer coletivo perpassa também pelas decisões do coletivo, o grupo ficou de decidir quais as alterações deveriam ser feitas. E para minha surpresa, a turma não se propôs a mexer em nada. Nenhuma alteração.

Compreendi naquele gesto que, apesar de “imperfeições técnicas”, no produto final é possível que a mensagem se compreenda e se expanda para outros sujeitos. E mais do que isso, aquelas imperfeições e outras formas de materializar o programa indicavam também o modo de fazer daqueles que, pela primeira vez, experimentavam a linguagem podcast. E que, nos processos deste exercício de (re)imaginar, (re)criar e (re)existir, existiam falhas, como em todo aprendizado. Mas, elas ficariam em segundo plano, diante da própria experiência de produção.

Neste momento talvez tenha notado minhas primeiras pistas para compreender as transformações, e em alguns pontos, até a tão comentada devolutiva que a academia estende a sociedade, não deve ser pensada apenas em seu processo final, mas também e principalmente, em seu próprio processo. Essa troca e construção coletiva, para além do próprio programa, que carrega em si seu valor único, é uma das poderosas ferramentas de transformação que a ciência pode oferecer quando se propõe a estar próxima de outros sujeitos.

Por uma série de questões, e até mesmo por conta da temporalidade em que esta experiência se deu, pouco consegui recuperar sobre o processo e os movimentos de bastidores, mas consideramos como relevante trazer esses relatos e pequenos trechos do programa, pois ele pode ser encarado como uma abertura de portas para outras experiências mais recentes, em que conseguimos sistematizar mais produções.

O podcast *Insikiran*, por conta de suas diversas singularidades, por alguns autores que estudam podcast poderia nem sequer ser considerado como um podcast. Podemos tomar como exemplo apenas o fato de não ser distribuído por meio da tecnologia RSS⁸, e também o fato de não ter uma continuação ou continuidade, o que anula uma das principais características “iniciais” do podcast, que a cada nova atualização, chegaria de maneira automática aos usuários que se inscreveram para receber o conteúdo. O formato do programa, mais híbrido do que o habitual, a linguagem e até a maneira como as vozes são protagonizadas e dão vida ao programa, tudo isso foge do script daquilo que tem se condicionado dentro da própria *podosfera*.

E esses apontamentos são estratégicos, pois reconhecem dois pontos: Existe um script, uma normatização da *podosfera* e; ao mesmo tempo, ao exemplo do podcast *Insikiran*, existem também os desvios às normas, as criações de outras possibilidades, a utilização criativa de outros recursos. E essas experiências, ainda que conflitivas, também compõem a *podosfera*. E por isso, mais uma vez, reforçamos que, ancorar nosso olhar sobre este território a partir de nossas

⁸ Really Simple Syndication é um formato de distribuição de informações em tempo real pela internet, no qual um subconjunto de "dialetos" XML que servem para agregar conteúdo podem ser acessados mediante programas ou sites agregadores.

experiências de produção se dá de maneira estratégica. Não por ignorar o que está de fora desse espectro, mas sim por significar e posicionar os movimentos aqui contidos e que muitas vezes são ignorados nos estudos sobre a linguagem.

Temos que reconhecer que, sendo múltipla e em constante movimento, a podosfera pode adquirir diversos pontos de ancoragem, assim como diversas possibilidades de linhas narrativas e temporais. Rocha (2018), nos ajuda a amadurecer uma discussão sobre as linhas do tempo possíveis para o podcast e com isso, esclarecer, por uma de suas vertentes, quem são os nativos da podosfera.

Mas também, nossas concepções nos convidam a considerar que existem múltiplas possibilidades de linhas do tempo que possam acionar o podcast e suas diferentes territorialidades. Mesmo com esse reconhecimento, tomamos uma posição. Tomamos uma decisão. Segundo Braga (2016), pesquisar é um processo de tomada de decisão, em que os pesquisadores, diante de infinitas possibilidades, traçam um caminho e um desenho metodológico, com base nos alicerces que cerceiam sua pesquisa e seus processos. Nossa escolha se dá em nossa estratégia metodológica.

Uma proposta antropofágica só se pode fazer a partir de uma perspectiva decolonial. A antropofagia é uma perspectiva decolonial. Por isso, posicionamos aqui os nativos - mas, que por outros olhos, pode ser também as categorias de primitivismo, de apropriação ou de gambiarra. Não é a própria antropofagia que tem como referência rituais indígenas, um povo que foi/é considerado por outras civilizações como primitivo? Se tomarmos 4 traços antropofágicos⁹, a adesão e resignificação do primitivismo sua primeira proposta.

Quando Rocha (2018) resgata a história do surgimento do nome “podcast”, nos ajuda a compreender como as disputas que hoje estudamos foram agenciadas desde aquele momento. Ele narra o famoso artigo do Ben Hammersley, no qual o autor forjou o termo podcast, a partir do prefixo “Pod” - derivado do iPod; e “cast” - de broadcasting (transmissão pública, em inglês).

⁹ Elencamos como quatro principais traços antropofágicos: a) adesão ao primitivismo; b) exaltação do nacional; c) constante consumo de identidades; d) constante hibridismo na América Latina (SANTOS, 2019).

Neste mesmo artigo, Hammersley fala sobre processos diferentes. O primeiro diz respeito a algo muito próximo a nossas experiências, sujeitos que, com dificuldades ou nenhum acesso aos meios de comunicação convencionais, buscam maneiras de potencializar seus discursos fazendo-os chegar a outros sujeitos. Agenciam assim outros discursos, diferentes daqueles que circulam nas mídias convencionais e utilizam a tecnologia como uma forma de fazer política e delimitar um território de luta. Ao longo do artigo, o próprio jornalista chega a usar outros nomes para esse processo, além de podcast, como o caso de “audioblogging” nos casos em que se fala retratam realidades distintas do que uma mídia hegemônica faz ou “GuerrillaMedia”, ao indicar os movimentos políticos de um fazer comunicacional de sujeitos marginalizados e com poucos recursos tecnológicos e financeiros (ROCHA, 2018). Em nosso trabalho, conceituamos esse grupo como sendo os nativos da podosfera, apesar de outras indicações de nomenclatura.

Ao mesmo tempo, existe também um outro movimento quase simultâneo e que também é retratado no artigo do The Guardian. Falamos de profissionais da comunicação, grandes empresas e corporações que, diante de outros cenários provocados pela internet, buscavam maneiras de se conectar com audiências que fugiam dos rádios e das programações de televisão. Este grupo, como vamos acompanhar no próximo capítulo, foi ganhando espaço com o passar do tempo, até um momento de ruptura, em que, com todo seu poder político e econômico, passam a territorializar a podosfera de maneira semelhante ao que fizeram com outros territórios. Esse processo em curso, temos denominado “a segunda fase da podosfera”.

2. Linhas do tempo da podosfera brasileira

Quando falamos da podosfera, estamos abordando múltiplas linhas do tempo possíveis. Elas se aproximam, se distanciam, se inter cruzam, nos processos de disputas pelas territorialidades do podcast. O que temos observado é uma linguagem ainda em formatação, com múltiplas possibilidades. Nos é interessante

pensar na proposta de linhas do tempo, múltiplas e paralelas, pois ela possa até indicar os processos de territorialização dentro da própria pesquisa em podcast.

Para desenhar essas linhas do tempo e seus entrecruzamentos, partimos de uma perspectiva crítica. Inspiramos-nos em dois autores para fundamentar essa perspectiva: Michel Foucault (1990) e Judith Butler (2000). A podosfera, em seus vários trânsitos plásticos e formas de existir, é um território capaz de se produzirem críticas sobre comunicação e outras linguagens como rádio e web. Tal linguagem é necessariamente crítica, se pensarmos na forma como esta oferece outros caminhos.

Butler (2000) nos auxilia a compreender a crítica como prática direcionada a algo institucionalizado. Seu exercício existe apenas como referente a alguma outra coisa que não ele mesmo, desempenhando um papel de policiamento das estruturas de poder ao tempo que não é capaz de, por si só, alterar alicerces. Nesse sentido, podemos dizer que o próprio podcast já nasce antropofágico, uma vez que parte de referenciais exteriores, para que, no exercício de sua deglutição, consiga recriar algo novo, a partir da crítica. Desta forma, também podemos dizer que o podcast enquanto uma linguagem crítica oriunda de outras, não refaz as leis e morais vigentes do rádio, por exemplo, mas apresenta outros caminhos possíveis para estes.

A crítica não refaz as leis, as morais, mas esta consegue delimitar e apresentar novas possibilidades de ser, ao criticar o quê institucionaliza determinadas práticas e marginaliza (e em alguns pontos até criminaliza) outras (FOUCAULT, 1990).

Não é como um manifesto contra todo um padrão, mas o questionar da padronização e como ela é instituída e institucionalizada. A crítica mantém essa relação. Não se trata de tornar-se totalmente ingovernável, mas sim, de uma questão específica associada a uma relação de governo delimitada (BUTLER, 2000).

Foucault sintetiza esses dois pensamentos a partir de duas perguntas: Como não ser governado? E como não ser governado assim? No que defende o autor, e posteriormente Judith Butler, a atitude crítica refere-se à segunda pergunta. Questiona-se assim os princípios que formam as legitimidades, seus objetivos, procedimentos e agentes (1990).

Para dar limites, encontrar as medidas que fundam os alicerces e posteriormente ampliá-los em outras possibilidades, outras linhas do tempo, é necessário conhecer seus processos. Constituímos alguns passos para essa constituição, partindo de uma adaptação das diversas fases de leitura que constituem uma pesquisa bibliográfica. Esta etapa, como já relatamos anteriormente, foi produzida utilizando as Dissertações e Teses disponíveis no catálogo da Capes, a partir da palavra-chave “podcast”, em que selecionamos para nossas análises apenas trabalhos de pós-graduação em comunicação.

Esse processo que desenvolvemos nos permitiu traçar diversos caminhos e a partir deles, elaboramos para uma leitura crítica da antropofagia da podosfera compreendendo suas disputas por territorializações e suas (trans)territorialidades.

Para destrinchar esse processo, partimos de um levantamento sobre a conceituação de podcast nos trabalhos por nós acionados. Na tabela abaixo, trazemos um resumo de como o podcast é definido nos trabalhos que compuseram nossa “pesquisa da pesquisa”.

Tabela 03: Definições de podcast em pesquisas da comunicação

| Autor/ano | Definição de podcast |
|----------------|---|
| Oliveira, 2011 | Adaptação da linguagem radiofônica na internet. Tecnologia ligada diretamente ao modelo RSS. |
| Assis, 2011 | Mídia híbrida, diferenciado do rádio, como mídia única e não uma simples reprodução. |
| Carvalho, 2013 | processo midiático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na internet. |
| Moura, 2015 | Forma de radiofonia contemporânea |
| Malerba, 2016 | Forma de adaptação ou até mesmo atualização do rádio na internet; modalidade assíncrona de rádio difusão sobre demanda; Trata-se de programas radiofônicos, de diferentes gêneros, gravados normalmente em formato mp3, e que são facilmente baixados pela internet - portabilidade é sua marca”. |
| Murta, 2016 | Novo ambiente de conversação/diálogo marcado pela comunicação horizontal; arquivos de áudio em |

| | |
|----------------|---|
| | formato de conversa descontraída cuja plataforma também permitia a participação dos ouvintes; |
| Costa, 2017 | Microdispositivo de radiofonia expandida; Linguagem essencialmente sonora. |
| Rocha, 2018 | Linguagem híbrida, uma forma sonora em que as convenções e processos de produção apresentam uma coleção de textos que são sonoramente distintos e recebidos de forma diferente do rádio. |
| Oliveira, 2018 | Arquivos de áudio publicados na internet através de serviços de assinatura como o sistema Real Simple Syndication (RSS) ou através de download direto em sites e blogs; Podcast como uma tecnologia e, ao mesmo tempo, como uma forma cultural. |
| Benatti, 2019 | Produção híbrida transmidiática, caracterizado pela natureza sonora, disponibilizado em diversas plataformas digitais. |
| Rocha, 2019 | Meio de comunicação interativo, a partir do encontro da internet e do rádio. |
| Souza, 2019 | Ambiente comunicacional híbrido, capaz de agenciar vínculos sonoros. |

Fonte: O autor

Partimos dessa tabela de conceituações do podcast, pois acreditamos que, a maneira como a linguagem é acionada ou construída nos trabalhos é central para seu posterior desenvolvimento. O podcast, por ser uma linguagem híbrida e ainda com relativo pouco tempo de uso pode se materializar em diversas definições, que partem de vários pontos. Como podemos encarar na própria tabela acima. Não existe um consenso, assim como não há um indicativo de caminho “correto”. Existem caminhos, que se completam, se entrecruzam e em dados momentos, se contradizem. Pensamos que esse movimento de buscar compreender como tem se compreendido o podcast e a podosfera é produtivo, uma vez que, não os tomamos como objetos prontos, mas sim, em construção. Natural então que nos questionemos: Como temos construído o podcast e a podosfera.

Da mesma forma, acreditamos que, ao materializar determinados aspectos do podcast em seus trabalhos, os acima relacionados também ajudam no próprio

processo de construção desses objetos para fora de seus alicerces na academia. Assim, inserimos o nosso fazer nesse processo de ajudar a consolidar a linguagem podcast, ao passá-la pelas etapas de um trabalho de mestrado acadêmico. Como os pesquisadores que vieram antes de nós, escolhemos alguns caminhos, dentre os tantos possíveis, e fazemos coro aos que defendem que outras perspectivas são bem-vindas e necessário no próprio amadurecimento de pesquisas sobre esta temática emergente.

As conceituações partem de pressupostos diversos, o que também pode nos dar algumas pistas sobre a própria atualização do campo e de suas pesquisas oriundas. Há aqueles que irão pensar o podcast a partir de suas tecnologias, especialmente o modelo de distribuição RSS. Há trabalhos também que pensam o podcast não a partir dele, mas sim com base em estudos do rádio, e neste ponto, muitos conectam o podcast novamente ao RSS. A essa vertente, iremos denominar de “outros” - aqueles que chegam “de fora”, no caso o rádio, e trazem consigo outras formas de ver e fazer.

Alguns trabalham também abordam o podcast a partir de suas características culturais, especialmente aqueles que o localizam como uma expressão de inserção mais explícita no campo cultural da sociedade. No geral, estes caminham junto com pesquisadores que pensam o podcast e suas características “nativas”, ou seja, aquelas que surgem a partir do próprio podcast, vendo este não como uma adaptação do rádio, mas sim como algo outro e que necessita de um campo de estudos próprio.

Chamamos atenção para as nomenclaturas “nativos” e “outros”, pois como também já elucidado, nossa pesquisa traz como localização os fazeres do extremo norte de um país colonizado, e adotamos como metodologia um fazer antropofágico, que justamente irá problematizar as relações de alteridade e também de disputas territoriais. Consideramos então como pedagógicas as nomenclaturas, embora localizadas nas perspectivas deste trabalho antropofágico. Também consideramos necessário reforçar que a antropofagia não condena o estrangeiro, pelo contrário, se alimenta deste, mas em perspectiva crítica.

Também identificamos trabalhos que vão apontar nesse encontro entre “nativos” e “estrangeiros”, a própria definição de podcast. De certa forma, é isso que buscamos também fazer. Essa perspectiva transitória será melhor abordada no capítulo três.

Tabela 04: Quadro de conceituações na pesquisa

| Nomenclatura | Definição |
|--------------------|--|
| Nativos | Conceituam o podcast a partir das práticas de podcast e suas características, ainda que híbridas. |
| Outro/Estrangeiros | Pensam o podcast a partir das suas atualizações perante as lógicas herdadas do rádio. |
| Antropófagos | Conceituam o podcast a partir de suas transculturações críticas, processos de dominação e (re)existências e (re)estruturações criativas. |

Fonte: O autor.

Consideramos nossa perspectiva antropofágica que nos indica abrir nossos caminhos a partir do olhar dos nativos, ou seja, aqueles que pensam o podcast a partir do próprio podcast. É importante ressaltar que, a cronologia das pesquisas em podcast já nos indica que desde os primeiros trabalhos até os mais recentes, essas diferentes perspectivas se encontram. Desta forma, não existe uma linha do tempo possível sob a qual os trabalhos se debruçam, mas sim, diversas linhas do tempo.

Antes de desenharmos a linha do tempo 01, nos vale pensar a própria analogia, uma vez que vamos começar a desenhar a podosfera de uma maneira não usual. Antes da invasão europeia, os nativos brasileiros sequer se denominavam como brasileiros, e toda a territorialização de nação não existia. Existiam outros povos de diversas etnias, com outras formas de organização. As denominações e marcações do que é nacional, estrangeiro, assim como o imaginário nacional só passa a existir a partir do contato com o outro. É neste contato que se faz necessário

delimitar: se não sou o outro, o que sou? (ATHIAS, 2007). Da mesma forma pensamos as conceituações de podcast em perspectiva nativa: ela só pode ser considerada nativa, quando em contato com o elemento estrangeiro, ou seja, aquele que vem das lógicas do rádio.

2.1 Linhas Nativas

Nesta linha narrativa, podemos dizer que o podcast surgiu em 2004, fruto do trabalho coletivo, e de pessoas que, de alguma forma, ansiavam pela criação de espaços em que pudesse proliferar vozes. Esta vertente é aquela que conversa muito com os conceitos de “audioblogging” e “GuerrillaMedia”, indicados por Rocha (2018).

Seguindo uma suposta ordem cronológica, o primeiro autor que nos ajuda a elucidar a temática é Pablo de Assis (2011), em sua dissertação “O Imaginário do Áudio e o podcast: re-imaginando o potencial da produção e distribuição de áudio na internet”. Em sua pesquisa, o autor se lança na busca de compreender e identificar o que há de único no podcast. Embora utilize elementos de estudos radiofônicos, é o primeiro autor em dissertações no campo da comunicação que nos ajuda a pensar o podcast como algo diferente e, de certa forma, independente do rádio.

Situado dentro do que iremos denominar posteriormente de primeira fase da podosfera brasileira (ROCHA, 2018; SANTOS 2020), passa pela construção do objeto podcast em sua pesquisa a definição de que se trata de uma mídia livre, que não é presa a legislações diretas e onde pode-se fazer o que quiser, desde que haja possibilidades técnicas. O autor chama atenção para os baixos custos das produções como uma forma de criar oportunidades para qualquer pessoa produzir um podcast (ASSIS, 2011).

O trabalho de Assis nos indica alguns caminhos possíveis para a construção do que é hoje a linguagem. A tecnologia do podcast já existia antes mesmo do território se instituir. Foi entre 2003 e 2004 que Christopher Lydon, jornalista, queria disponibilizar o conteúdo de áudio que depositava em blog para seus leitores, porém

percebeu que a grande maioria lia seu conteúdo através de agregadores na internet. Basicamente ele enviava o arquivo de texto no formato XML, que avisava agregadores instalados nos computadores, que existia uma nova atualização de determinado conteúdo para ser baixado. Desta forma, ele possuía menos tráfego em seu site do que leitores de seu conteúdo, uma vez que seus artigos chegavam diretamente ao usuário (ASSIS, 2011).

Foi David Winer que conseguiu adaptar a tecnologia para os conteúdos em áudio, criando o sistema *enclosure*, que avisava os agregadores que existia uma mídia anexa aos textos do blog. Assim, os usuários conseguiam baixar esse anexo, sem precisar entrar no blog de Lydon. A ideia era simples, transmitir áudio para iPods. A tecnologia já existia, mas não havia nenhum podcast produzido (ASSIS, 2011).

Até que um apresentador da MTV e também radialista, começou a usar a tecnologia para divulgar seus programas de rádio, de forma assíncrona, através da internet. Não eram programas específicos criados para internet, não havia ali uma estética própria, muito menos outras formas de produção. O que diferenciava era somente a forma como aquele conteúdo era transmitido tecnicamente. Deixando as ondas de rádio e incorporando o modelo RSS, indexadores e agregadores de feed em iPods. Foi assim que Adam Curry tornou-se “o pai do podcast” (ASSIS, 2011).

É interessante pensar que Adam Curry não criava propriamente podcast, mas sim deixava seus programas de rádio disponíveis na internet para ser acessado através do RSS, e que apesar dessas características, os primeiros pesquisadores de podcast consideram um território de centralidade “amadora”, produzida por não profissionais da comunicação. Talvez um gesto simples de Curry, mas que delimitou pela primeira vez o uso da tecnologia. Os recursos utilizados, as simbologias aplicadas aquela simples ação e também uma outra relação de poder. Curry instituiu um território.

É relevante destacar alguns dados e considerações sobre o podcast em 2011. O autor chega a afirmar que, “são poucos os grandes canais de mídia comercial que produzem podcasts atualmente” (ASSIS, 2011, p. 103), e que a centralidade na produção em podcasts se dava a partir de usuários das mídias convencionais. Assis

(2011) chega a trazer alguns dados da PodPesquisa¹⁰ de 2009 para elucidar tais afirmações.

O autor também irá considerar a prática *podcasting* como forma de *transmissão de mídia via Feed RSS* (Real Symple Syndication) (ASSIS, 2011) - Ou seja, ressalta o caráter técnico de transmissão da mensagem, excluindo dessa definição outros processos, diferente das definições que traçamos em etapas anteriores da pesquisa (SANTOS, 2019).

Existe uma diferença cronológica quando se fala do uso e características do podcast, uma vez que este é empregado na dissertação ainda muito voltado à aspectos como “feed”, “blogs” “sites”, que atualmente, na segunda fase da podosfera já não encontram muita aplicação, se não para compreender a própria história do podcast.

O autor chega a eleger o feed como fator distintivo entre broadcasting, streaming, on demand e podcast (ASSIS, 2011). Essas definições, em 2022 já não podem ser consideradas, uma vez que o consumo de podcast é diferente no Brasil, onde o YouTube é a plataforma em que os usuários mais se conectam com as produções. Grandes fenômenos de audiência, como no caso do PodPah e FlowCast são inclusive transmitidos com imagens e ao vivo, antes de serem disponibilizados em outras plataformas específicas, como no Spotify e Deezer. As tecnologias já apresentam atualizações divergentes, mas a linguagem tem constituído uma trajetória mais consistente.

Carvalho (2013) realizou uma pesquisa sobre um dos podcasts mais tradicionais e de maior audiência da podosfera brasileira, o NerdCast¹¹. Tem inclusive Assis (2011) como referência de suas pesquisas sobre podcast, a autora também segue uma interpretação do podcast a partir de suas características técnicas, especialmente ao modelo RSS.

Em outro momento de sua pesquisa, chega a definir a prática *podcasting* como um processo midiático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio

¹⁰ A PodPesquisa é uma pesquisa realizada a cada dois anos pela ABPod - Associação Brasileira de podcasters, que é feita a partir da participação dos associados. Ela busca medir dados de como são efetuadas as produções no Brasil.

¹¹ Nerdcast é um podcast brasileiro fundado em 2006, parte do blog Jovem Nerd. É apresentado por Alexandre "Jovem nerd" Ottoni e Deive "Azhagal" Pazos. É um dos podcats de maior audiência no Brasil.

na internet, com um sistema de assinaturas RSS (CARVALHO, 2013). Neste trabalho, podcasting ainda definido como como modelo de transmissão puramente técnico, mesmo que ela pretenda estudar todo o processo de produção de podcast, este não é considerado como podcasting, uma vez que isso ainda é muito ligado ao RSS.

Este é um ponto muito importante em nossas pesquisas sobre podcast, uma vez que consideramos que ele como uma linguagem e não como técnica ou tecnologia a partir do modelo RSS. Podemos usar como exemplo, pesquisas que exploram as potencialidades do YouTube e suas produções. A rede social de compartilhamento de vídeos é um dos exemplos mais frequentes de como o RSS pode operar, uma vez que envia notificações para os usuários inscritos em canais, sempre que há uma nova atualização, quando estes ativam as notificações (tocam o sino). Mesmo com essas características, os trabalhos que estudam o YouTube não se prendem a somente suas características técnicas e tão pouco se prendem em compreender se a prática de criar conteúdo para a plataforma se constitui em um ato ou adaptação televisiva. O que encontramos são trabalhos que exploram e fazem avançar estudos sobre a linguagem que a prática comunicacional no YouTube agenciou. Da mesma forma podemos pensar o podcast. Em certos pontos nos é útil pensar sua relação com o rádio e com a tecnologia RSS, mas não podemos apenas compreender essas características em todos os estudos sobre sua linguagem. Precisamos de mais pesquisas que evidenciem as complexidades que a podosfera possa nos oferecer, a partir de suas múltiplas perspectivas e linhas do tempo possíveis.

Caso contrário, corremos o risco de tornar nossas pesquisas demasiadamente datadas e com poucas possibilidades de atualização, por não acompanharem as atualizações do próprio podcast. Também nos casos aqui reforçar que a prática podcasting em 2022 é diferente de 2011 e 2013. Fenômenos de lives no YouTube que posteriormente são transformados em podcast ainda não existiam nessa época. Por isso, propor o podcast como linguagem híbrida se apresenta como caminho viável para compreender essas transformações de maneira um pouco mais

próxima de suas constantes atualizações. A instabilidade criativa é uma de suas forças.

A pesquisa de Carvalho (2013) se insere em uma interessante discussão sobre o desenvolvimento ao longo do tempo entre produtores e usuários do podcast nerdcast do portal jovem nerd, o que também nos indica que o podcast vai além de seu caráter sonoro, mas também se relaciona com outras plataformas midiáticas, como os textos presentes na internet. Ao longo de seu trabalho, a autora evidencia não somente os programas em áudio, mas o portal Jovem Nerd, suas redes sociais, e como as interações com os usuários são aspectos fundamentais para pensar a própria construção do podcast. Sendo este uma linguagem híbrida, pode ser pensado a partir de sua multiplicidade de existência, para além dos programas, mas também suas produções.

A autora ainda esclarece alguns pontos: O podcast enquanto mídia de cibercultura caminha para considerar o podcast como híbrido, quando inclui a interface gráfica, as relações entre os sujeitos da podosfera e o campo dessas interações em suas análises; Podcast enquanto um processo de produção que vai além do áudio e; processos de criação em rede, ou seja, já pensa a interação com a audiência como fator determinante é característica da linguagem (CARVALHO, 2013).

É interessante também pensar os apontamentos que a autora trás sobre como as empresas de comunicação enxergam o podcast como um modelo de negócio. Ressalta que algumas realizaram testes com downloads de podcast, mas abandonaram a empreitada por dificuldades de definir um modelo financeiro de lucro para a linguagem (CARVALHO, 2013). Embora trate seu produto enquanto uma produção independente, em 2022, já podemos considerar o Nerdcast como produção profissional, uma vez que é um dos podcast que consegue se manter e ser a principal fonte de renda de seus produtores.

Murta (2016) tem como objeto de sua pesquisa de mestrado o “Podcasteros de Game Of Thrones”, uma produção feita por fãs da série da HBO “Game Of Thrones” que também serve como espaço de interação do fandom. A interação entre

usuários é o principal foco de seu trabalho, que busca pensar o podcast como território de diálogo e trocas a partir de uma comunicação horizontal.

A autora adapta conceitos de outros estudiosos para abordar as produções de podcast. Entre eles, o conceito de “Era das Conversas” de Martel (2015), que fala sobre as possibilidades de troca em sujeitos a partir das aberturas do ciberespaço, abrindo um campo para troca de diálogos de diferentes sujeitos, que juntos, passam a integrar o campo das disputas culturais. O que nos reforça a proposta de colocar a autora como constitutiva de uma linha temporal que compreende o podcast a partir da abertura e das falas de sujeitos outros que, anteriormente, não possuíam um espaço midiático para suas manifestações culturais.

Murta (2016) também vai se valer do conceito de prosumidor de Jenkins (2008), quando o autor nos fala sobre um novo sujeito a partir das relações no ciberespaço que, além de consumir produções midiáticas, é capaz de participar, produzir e customizar os produtos que consome. Essa participação mais efetiva daqueles que antes considerados consumidores será o ponto central de sua pesquisa. Ela é importante para nos permitir considerar as diversas potencialidades que o podcast assume quando outros sujeitos o protagonizam, embora, em alguns pontos, notamos divergências de observação.

Em seu trabalho, Murta (2016) considera que, os fãs, que uma vez foram “apenas” consumidores de mídia, ou entendidos como parte marginal de uma audiência, passam a ter um papel muito mais ativo e crítico em relação aos textos de mídia, o que podemos problematizar, pois já existiam formas de customização e de interação, mas com diferentes tecnologias e alcances. De fato, o podcast e outras linguagens que emergiram após as estruturas da web evidenciam e potencializam essa participação, mas ela não é invenção da web. Podemos citar como exemplo, a produção de fanzines, que já era um espaço de centralidade dos fãs consumidores, porém a partir de outras linguagens. Também é importante pensar que, o fato de tais aberturas, não quer dizer que as potências e alcances de todos os sujeitos que interagem na podosfera seja igual, ou que, dentro deste “novo” ecossistema, todos possuem as mesmas aberturas, quando na verdade, não é assim, como temos acompanhado nos processos.

O que buscamos com esses apontamentos é indicar que, apesar da abertura de mais possibilidades, não temos uma visão idealizada e romantizada do que a linguagem do podcast apresenta, embora mesmo assim, façamos uso destas em nossas experiências de produção.

A definição que a autora constrói de podcast em sua pesquisa nos ajuda muito em nossa própria construção de conceitos, uma vez que considera a linguagem como “arquivos de áudio em formato de conversa descontraída cuja plataforma também permitia a participação dos ouvintes, *muitas vezes, utilizando o próprio material do portal para enriquecer e alimentar tais discussões*” (MURTA, 2016, p.58) (grifos nossos). Assim, ela evidencia um caráter transmidiático e de narrativas híbridas e fragmentadas, uma complementando a outra (linguagem do site, do podcast, da série).

Existem também marcações em texto que caracterizam bem essa primeira linha do tempo, especialmente quando denominamos uma “primeira fase da podosfera brasileira” (SANTOS, 2020) em que, “é recorrente podcasters participarem de outros programas, conversando sobre assuntos variados e fazendo divulgação de seus próprios conteúdos em redes que se conectam” (MURTA, 2016, p.60). Para a autora, a prática da participação de podcasters em programas que não os seus próprios ajudaram a sedimentar a noção de uma rede brasileira da mídia, chamada de podosfera. Ao promover apoio mútuo por meio da criação de projetos conjuntos, os podcasters reforçam o entendimento de que certos formatos do programa são feitos pensando na reprodução de uma conversa informal.

Nos chama a atenção quando pensamos a forma como o podcast é relacionado nesta pesquisa a outros elementos de participação na internet, que são tão importantes para um podcast quando o seu próprio conteúdo sonoro. O texto como um todo evidencia diferentes formas de participação, pertencimento e interação que são agenciadas a partir do podcast, ou que tem o podcast como agente dentro de uma forma mais ampla de participação. Mais para frente, produtores de podcast nos ajudam a tecer essas percepções, que inclusive expandem os conceitos do que é ou não podcast e como este é muito mais uma linguagem híbrida do que uma “atualização do rádio”.

Um outro ganho quando pensam o podcast, é a percepção de seus produtores enquanto pertencentes a uma REDE, “e, portanto, não podem ser assumidos como entidades fixas, procurou-se entender a comunidade escolhida como uma rede, com seus fluxos, circulações, alianças e movimentos” (MURTA, 2016, p. 53), o que nos é muito válido quando conceituamos os constantes trânsitos da podosfera brasileira e seus diferentes sujeitos.

A última autora que compõem esta primeira linha do tempo possível é Paula Oliveira (2018), que, em sua dissertação faz a seguinte provocação sobre o podcast ainda no título: “A Nova Era de Ouro do Rádio?: Historicidades, tecnicidades, e sensibilidades de Podcasts brasileiros”. Neste trabalho, a autora busca entender como as sensibilidades são incorporadas nos podcasts analisados, sendo eles NerdCast, Mamilos¹², AntiCast¹³ e Desobediência Sonora¹⁴, através da importante mediação da tecnicidade, ou seja, aquilo que diz sobre os valores da técnica.

Deixamos essa dissertação como última nesta linha narrativa, não somente por questões de cronologia, mas também por ela apresentar um ponto de encontro com a linha narrativa que apresentaremos na sequência. A autora nos apresenta como definição de podcast, arquivos de áudio publicados na internet através de serviços de assinatura como o sistema Real Simple Syndication (RSS) ou através de download direto em sites e blogs, o que por si só, já expande a compreensão técnica do podcast como algo possível além do modelo RSS. Ela ainda segue com apontamentos sobre a forma como as produções são acessadas no caso do Brasil, ao apontar que é comum que os produtores optem pelas duas formas de distribuição e hospedagem, mantendo os arquivos disponíveis nos agregadores e também

¹² Mamilos é um podcast da Brainstorm 9, também conhecida como B9 produções, empresa focada nas produções sonoras. Fundado em 2014, é apresentado pelas publicitárias Juliana Wallauer e Cris Bartis. É considerado um dos podcasts de maior sucesso em termos de audiência e financiamento no Brasil. Disponível em: <https://www.b9.com.br/shows/mamilos/>

¹³ O AntiCast, é um podcast que originou a fundação da rede de podcasts homônima. Criado em 2011 por Ivan Mizanzuk, Marcos Beccari e Rafael Ancara. Começou como um programa destinado a falar sobre design, comunicação e cultura, hoje tem como áreas temáticas de suas entrevistas temas como: política, arte, história e cultura digital. Disponível em: <http://anticast.com.br/>

¹⁴ Intitulado como mídia popular, independente e anticapitalista, é um podcast de forma híbrido, contendo entrevistas, storytelling, músicas e conversas sobre política e sociedade. A produção tem como mote, instigar produções sonoras que evocam outras sensibilidades e tecnicidades potencialmente contra-hegemônicas. Disponível em: <https://www.megafono.host/podcast/desobediencia-sonora>

disponível para download nas páginas que os hospedam. Ou seja, para além das implicações importadas na própria criação da linguagem.

Divulgado em 2018 o trabalho se insere naquilo que consideramos como “segunda fase da podosfera brasileira” (SANTOS, 2020), embora ainda pertencente à nossa primeira linha do tempo. Isso irá implicar especialmente no reconhecimento sobre o crescimento no número de ouvintes, programas e especialmente a coexistência cada vez mais acentuada de empresas de rádio, ou outras mídias, que começam a incorporar na podosfera, assim como instituir outras formas de financiamento (OLIVEIRA, 2018). Vale ressaltar que, independentemente de qual linha estejamos construindo, ambas possuem uma marcação de primeira e segunda fase.

A autora também se afasta de concepções do podcast enquanto ferramenta, tecnologia ou aparato tecnológico, e começa a inserir sua delimitação no campo de expressões e formas culturais. Sua perspectiva sobre a própria construção da podosfera nos ajuda, inclusive a tecer a proposta de diversas linhas do tempo paralelas e entrecruzadas. Busca ver como as formas, linguagens e discursos fazem parte de um movimento histórico que não é linear, mas é expresso a partir das diferentes temporalidades que coexistem em um mesmo processo comunicacional (OLIVEIRA, 2018).

Ao trabalhar com o conceito de tecnicidade de Martín-Barbero desenvolve uma trajetória teórica de pensar o processo comunicacional a partir do lugar de enfrentamento entre consumidores e os meios. As mediações são aproximações à metáfora de estruturas que delimitam a experiência a partir dos lugares que configuram o viver em sociedade. A família, o cotidiano, a temporalidade social e demais mediações seriam esses processos estruturantes que configuram o processo comunicativo. Assim, a tecnicidade é um organizador perceptivo, que direciona o olhar através dos valores. Os usos da linguagem sonora, das possibilidades de publicação e das interações das redes digitais são tomados aqui enquanto tecnicidades (OLIVEIRA, 2018).

Em uma perspectiva por nós delimitada como antropofágica, a autora também compreende as múltiplas possibilidades que o podcast pode se materializar. Ao

mesmo tempo, uma plataforma de distribuição e uma coleção identificável de práticas e características próprias. Ao também trazer os apontamentos de Berry, (2016), a autora faz todo um movimento de buscar aproximações do podcast com o rádio, ao mesmo tempo, que busca também mostrar as singularidades da linguagem híbrida. Desta forma, reforça também a necessidade de pensar o podcast a partir de si, e não a partir da categoria rádio, especialmente por suas características múltiplas simultâneas, hora perpassando uma comunicação de massa, outra como uma comunicação de nicho.

Por fim, nos chama atenção a maneira como os podcasts selecionados para análise são acionados no trabalho. Embora sua grande maioria, com exceção apenas do Desobediência Sonora, sejam hoje o que podemos caracterizar como podcasts profissionais, em que pessoas formadas em comunicação são remuneradas por seus serviços, a perspectiva de Oliveira (2018) é justamente a construção desses podcasts enquanto produtos que foram criados como uma mídia alternativa, para um nicho específico, e que, com as estratégias adotadas, passaram a ocupar um espaço massivo. Esse entre-lugar é uma das características híbridas que iremos explorar no capítulo três, ao trazer questões sobre as (trans)territorialidades da podosfera.

Em paralelo, e em alguns pontos, entrecruzados com esta linha do tempo possível, temos outras possibilidades. Uma delas, irá apresentar o podcast não a partir da abertura de possibilidade de novos sujeitos comunicantes, mas sim, a partir das adaptações que as produções do rádio e de grandes empresas de comunicação trazem para a podosfera.

2.2 Descendentes do rádio

O que nos ajuda a construir esta linha narrativa sobre a historicidade do podcast é justamente a forma como o rádio é incorporado às discussões sobre podcast. Existe um momento dos estudos da linguagem que o rádio é apontado

diretamente como antecessor do podcast, ou em alguns casos, o podcast como sendo uma variação, atualização ou adaptação do rádio.

A partir dos trabalhos que nós levantamos, essa primeira constatação se dá no trabalho de Edilene Oliveira (2011), em seu trabalho de mestrado, intitulado “A Divulgação Científica Radiofônica em Tempos de Internet: Um estudo das adaptações da Rádio com Ciência ao ambiente da Web”, em que o podcast será definido como uma adaptação da linguagem radiofônica na internet, diretamente ligado ao sistema RSS, como tecnologia de distribuição.

A autora parte de dois pontos de observação: a divulgação científica e as atualizações da linguagem do rádio na internet, utilizando para isso o programa Rádio Com Ciência, uma iniciativa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM. Nos chama atenção que a autora reconhece que existem outras facetas envolvendo a divulgação científica a partir da linguagem do podcast, como elementos imagéticos e textuais, que aumentam a aproximação com o ouvinte e gera outras perspectivas para a divulgação científica na era da interatividade multimidiática (OLIVEIRA, 2011). Tal apontamento, feito com base em suas observações na dissertação, mostram que existem outras interfaces que compõem o podcast, para além das lógicas do áudio e que vão também além das normatizações do rádio. De certa forma, seu movimento nos auxilia, mais uma vez, a pensar o podcast enquanto uma mídia híbrida.

Reparamos, no entanto, desencontros entre o que é observado para a construção de seu objeto de pesquisa e as conceituações que os autores utilizados trazem para identificar o podcast. Não existe uma elaboração conceitual, epistêmica e metodológica para pensar o podcast, seus gêneros e formatos, mas sim uma tentativa de tradução do rádio sendo acessado a partir da internet.

Valendo-se de autores estudiosos do rádio como Prata (2009), Castells (2003), Bufarah Júnior (2003), Ferraretto (2010), Meditsch (1999), são empregados conceitos como “radiomorfose” e “cultura de convergência” para tratar do podcast, que embora possam vislumbrar alguns aspectos da podosfera, ainda ficam muito limitados a forma de acesso. Como temos demonstrado, o podcast enquanto

linguagem se difere em diversos processos comunicacionais do rádio, isso para além da transmissão via RSS.

A maneira como a autora aplica os conceitos de podcast, no entanto, é uma visão de fora, que não é nativa do podcast, mas sim estrangeira, formulando a partir dele, a sua percepção. “O rádio adentrou o ciberespaço e passou pela radiomorfose resultando numa nova mídia: a webrádio” (OLIVEIRA, 2011, p. 65). Esta talvez seja a melhor passagem que possa exemplificar a relação que fazemos entre nativos e aqueles que vem de fora. Para os nativos, já existiam produções e significações de podcast antes de “o rádio adentrar a podosfera”. Na visão herdada pelas normatizações radiofônicas, é o deslocamento do rádio que cria a podosfera. O que segue então é o reconhecimento do hibridismo, tal como a miscigenação, como resultado desse deslocamento, “o gênero híbrido nasce do processo de radiomorfose, pelo entrecruzamento de características dos gêneros de origem, mas com os propósitos discursivos de um novo suporte” (OLIVEIRA, 2011, p. 65).

A autora, no entanto, é irá considerar o podcast como uma forma de transmissão dentro do conceito de webrádio, ao qual definirá como

tecnologia diretamente ligada ao RSS, mas específica para mídias digitais. Embora seja gravado e esteja à disposição na web, o usuário não precisa fazer uma busca, pois há um sistema que utiliza tecnologia RSS (Really Simple Syndication) que utiliza feeds (etiquetas) contendo informações sobre título, endereço, descrição de alterações, autor, entre outras. Este sistema permite que o usuário receba seus arquivos preferidos assim que forem atualizados. Além disso, o arquivo de áudio é baixado para a máquina do assinante possibilitando a audição e transporte a qualquer momento (OLIVEIRA, 2011, p. 77).

Como já dito anteriormente, em 2022 não podemos pensar o podcast apenas conectado a tecnologia RSS, uma vez que seu conteúdo é muito acessado a partir de streaming, muitas vezes simultâneo, com imagens, como no caso das transmissões no YouTube.

Manoela Moura (2015), tem um posicionamento muito próximo à Oliveira (2011), em sua dissertação “Rádio Online: Um estudo ecossistêmico do meio radiofônico na internet” em que tenta compreender o ambiente da internet como um sistema autopoietico da contemporaneidade. A autora também parte dos estudos de rádio para pensar o podcast e, a partir de então, busca descrever as mudanças e transformações estruturais e tecnológicas que o rádio enfrenta ao ser inserido na

web. O podcast então passa a ser compreendido como uma modalidade de rádio, na internet.

A atualização de rádios comunitárias é um tema que é trabalho mais uma vez na dissertação de João Paulo Malerba (2016), “Rádios Comunitárias no Limite: Crise na política e disputa pelo comum na era da convergência midiática”, embora as conceituações sobre rádio e podcast apareçam em segundo plano, diante das discussões sobre crise política que as rádios comunitárias enfrentam. O podcast muitas vezes é acionado em seu trabalho como uma forma de sobrevivência dessas iniciativas, diante da falta de recursos.

O podcast começa a ser delimitado a partir de atualizações do rádio. Neste caso específico, porque o trabalho se destina a compreender as disputas e crises no cenário das rádios comunitárias. Neste aspecto, o podcast e outras formas online passam a ser vistos como uma forma de adaptação ou até mesmo atualização do rádio na internet, uma estratégia para o fazer comunitário prospera (MALERBA, 2016).

Outra vez, é a tecnologia RSS que irá dar a centralidade na conceituação de podcast, e irá distinguir de outras modalidades de rádio na internet. O autor chega a conceituar o podcast enquanto programas radiofônicos, de diferentes gêneros, gravados normalmente em formato mp3, e que são facilmente baixados pela internet, evidenciando a portabilidade (MALERBA, 2016).

Nos chama atenção que o próprio autor foca sua atenção às potencialidades que o podcast pode vir a adquirir por conta de suas facetas híbridas, herdadas também da linguagem da internet, assim como seu reconhecimento de que as rádios comunitárias e as comerciais, até aquele ponto (2016), pouco exploravam essas potencialidades (MALERBA, 2016).

Até aqui, em sua quase totalidade, os trabalhos que apresentamos, tratam a primeira fase da podosfera brasileira, independentemente de sua perspectiva. Falamos de um marco temporal em que ainda havia a percepção da centralidade das produções de podcasts localizadas em não profissionais da comunicação, e o podcast enquanto experiências e experimentos. Clara Isabel Costa (2017), em seu trabalho “Podcasts e Construção de Sentido: acontecimento, narrativas e

reverberações na série jornalística Serial” é uma das primeiras a ajudar a conceituar academicamente, um movimento que observamos em nossa pesquisa empírica, relatada no item 2.3 desta dissertação.

Costa (2017) estuda a repercussão do podcast Serial, considerando que ele é essencialmente sonoro em meio a predominância de uma cultura imagética na comunicação social. Para isso, observa a construção da narrativa e suas estratégias enunciativas, as múltiplas percepções no campo da recepção e o agenciamento de novas narrativas a partir da própria existência do podcast.

Somos apresentados ao conceito de podcast enquanto uma linguagem essencialmente sonora. Podemos também compreender o podcast, segundo a autora, como um microdispositivo de radiofonia expandida (COSTA, 2017). Para tal, ela se utiliza de dois outros autores do campo, Charaudeau (2006) e Kischinhevsky (2014).

O podcast é, ainda assim, encarado como um gênero radiofônico e linguagem essencialmente sonora, “sendo considerado, a grosso modo, a junção do rádio tradicional com as possibilidades de difusão de conteúdo da internet” (COSTA, 2017, p. 13). A autora também o insere dentro da definição de rádio expandido, que trata dos novos gêneros e novos formatos que emergem na comunicação radiofônica com o advento da internet e a incorporação de novos elementos como textos, imagens, vídeos, comentários e ferramentas de compartilhamento. A autora consegue então distanciar-se de definições tecnicistas que perpassam o RSS a definição de podcast, porém, faz esse movimento para caracterizá-lo a partir do próprio rádio.

Ao começarmos por sua linguagem [do rádio], entende-se nesta pesquisa que **a expressão radiofônica contemporânea independe do suporte tecnológico ao qual se vincula**, seja a emissão da mensagem sonora pelas mídias digitais, seja pelas ondas eletromagnéticas das frequências hertzianas. É perceptível que a linguagem radiofônica se reconfigurou com o surgimento das plataformas digitais, porém é possível observar que os elementos característicos da radiofonia tradicional se mesclam com outros elementos estético-linguageiros oferecidos pelas mídias digitais (COSTA, 2017, p. 21) (grifos nossos).

Seu trabalho estuda o podcast Seria, considerado o maior podcast até o momento, embora seus número de audiência já tenham sido por muitos superados, ele foi o primeiro podcast a ter um acesso massivo, e de certa forma, é o marco

temporal que irá dividir o que chamamos de primeira e segunda fase da podosfera. Serial é uma série jornalística que teve um alcance de audiência bem próximo a de séries televisivas de sucesso, sendo o primeiro podcast a alcançar mais rapidamente cinco milhões 1 de ouvintes no iTunes – uma das principais plataformas que hospedam esse microdispositivo – após o primeiro mês desde o lançamento de seu primeiro episódio. Atualmente, a primeira temporada dessa série ultrapassou a marca de 100 milhões de downloads em todo o mundo (COSTA, 2017).

Chama a atenção a forma como a autora não busca uma forma de enxergar o podcast, mas o vincula à radiofonia, inclusive em seu material teórico metodológico. Se por um lado, tal discussão limita o podcast a extensão do rádio, ajuda a compreendê-lo para além de conceitos técnicos do RSS, abrindo caminhos para que possamos considerá-lo como uma linguagem híbrida.

O podcast Serial, e suas transformações na podosfera serão ainda abordadas ao longo dos próximos capítulos, não somente por suas questões de audiência, mas especialmente pelas transformações que sua repercussão causaram na podosfera como um todo. De certa forma, foi o Serial que instituiu um modelo econômico mais viável para as produções de podcast protagonizadas por grandes empresas de comunicação, mandando para elas um recado de que, assim, é possível, e a partir de sua perspectiva, necessário, para territorializar e assim capitalizar com esta linguagem.

O Serial não inaugura um campo de disputas na podosfera entre produções amadoras e profissionais, especialmente aquelas que migram do rádio, mas o demarca de maneira mais explícita. Para autores como Berry (2016) e Bonini (2015), Serial é expoente máximo de uma “era de ouro do podcast”. Essas transformações começam a ser incorporadas nos Estados Unidos, e por volta de 2018, especialmente com as coberturas das eleições presidenciais, chegam ao Brasil. No próximo tópico delimitamos alguns aspectos econômicos e políticos que nos ajudam a entender esses novos movimentos de disputa, partindo dos estudos de audiência. Vale, no entanto, ressaltar que, até aqui, independente de qual linha do tempo estejamos falando, a centralidade de produções não profissionais na podosfera é dada como unanimidade nos trabalhos por nós mapeados. Mas, assim como em

outros campos, temos a compreensão de que os movimentos da própria podosfera antecedem seus estudos. De alguma forma, é na simultaneidade desses outros movimentos conflituosos que nos inserimos em nossa pesquisa de mestrado.

2.3 Territorialidades Econômicas e políticas da Posdosfera

Consideramos a podosfera, enquanto um território que podemos perceber de forma intensa uma zona de trânsito. Dos corpos presentes neste ecossistema que envolve a linguagem, há um quantitativo de destaque daqueles protagonizados por não profissionais da comunicação, possibilitando um acesso inédito a esses sujeitos. Anualmente, a Associação Brasileira de Podcasters - ABPod, produz e divulga a maior e mais completa pesquisa de audiência e produção da podosfera brasileira. Alguns de seus dados chamam a atenção para nossa pesquisa. O levantamento de 2018, mais recente divulgado pela Associação, em 2019, mostra um pouco o perfil dos produtores de *podcast* no Brasil.

Dos produtores, 87,1% são homens. A faixa etária de quem mais produz é de 30 à 39 anos, representando 42.5% das respostas, enquanto que 60% têm ensino superior completo ou está cursando alguma graduação. 25,2% são pessoas que trabalham com a comunicação (somando três subcategorias colocadas na pesquisa - jornalismo, publicidade e comunicação). Outras áreas de atuação que aparecem com destaque são tecnologia com 17,3%, ensino/educação 10,4% e outras 10,2% (ABPod, 2019).

Apesar de haver um grande número de produtores profissionais da comunicação, outros dados da pesquisa nos levam a compreender que seus *podcasts* não se vinculam diretamente a sua atuação profissional, mas sim como uma atividade paralela. Dos participantes, 47,5% afirmam que possuem um trabalho em expediente integral, enquanto 17% são autônomos e 11,5% *freelancers*. 71%

produzem/produziram um *podcast* (enquanto programa), e 2,2% já produziram mais de 10 (ABPod, 2019).

Sobre a periodicidade, 32% publicam uma vez por semana, e 28,4% a cada quinze dias. Considerando a longevidade, a maioria dos *podcasts* possui uma existência curta, visto que 31,7% chegaram apenas ao 9º episódio, 17% publicaram de 10-19 episódios e 8,6% produziram até 29 edições (ABPod, 2019).

Outros indicadores demonstram o investimento dos produtores e a quantidade de pessoas envolvidas. Na pergunta “Quantas pessoas participam do seu(s) *podcast* (s), cujo as vozes vão ao ar (não incluir o entrevistado)?”, a maior percentagem de resposta é de 3 pessoas, com 23,8%. Já a quantidade de pessoas que estão envolvidas na produção e distribuição dos programas, a maior porcentagem indica trabalhos individuais, com 28% respondendo que somente uma pessoa faz essas atividades. 28% das produções de *podcast* não geram custos aos seus comunicadores enquanto 26,3 % possuem um investimento de até 49,99 R\$ mensais e somente 2,2% dos entrevistados afirmaram que fazem um investimento de mais de mil reais mensais na produção. Sobre a remuneração pelo *podcast*, a maioria não é remunerada por seus trabalhos, representando 83,3% do total (ABPod, 2019).

Socializamos e problematizamos tais dados para elucidar o espaço da *podosfera* enquanto um campo em que não profissionais da comunicação estão concentrados. Somente o dado que se refere a não remuneração da atividade já demonstra esta característica, assim como o financiamento e a quantidade de pessoas envolvidas. Estes números se materializam de forma a constituir-se uma zona de estudos estéticos para a comunicação quando pensamos suas produções. Trazemos eles para discutir os fatores políticos, sociais e estéticos que eles indicam quando os problematizamos, e como esta zona tem se alterado nesta que denominamos a segunda fase do *podcast*. Marcelo Kischinhevsky (2016) indica esta segunda fase do *podcast* como um movimento de multiplicidade de oferta, como parte de um processo de reordenação empresarial em movimentos de transição para

suportes digitais. Segundo o autor, os profissionais da comunicação, em especial do rádio, devem estar cada vez mais conectados aos ouvintes no ambiente digital, buscando uma constante interação.

Para somar a estes dados, em janeiro de 2020, iniciamos uma metrificação inédita sobre a podosfera brasileira dentro do serviço de *streaming Spotify*. Começamos a estudar os podcasts em destaque, desta que, segundo a pesquisa do IBOPE anteriormente citada (2019), é a maior plataforma de podcast no Brasil, considerando números de audiência. Os dados que selecionamos neste recorte são referentes aos 15 primeiros dias do mês de janeiro de 2020 em comparação com os 15 primeiros dias do mês de novembro de 2020. Considerando a arquitetura de interação do aplicativo Spotify, elencamos como elementos de destaque deste estudo, a lista de podcasts mais escutados de cada dia - oferecida pelo próprio serviço. A intenção, era justamente confrontar as relações entre esses dados de produtores que nos indicam uma centralidade amadora na podosfera, com os dados de audiência, que já nos indicam outros caminhos.

Nos dias analisados em janeiro, foram registrados 32 programas que apareceram ao menos uma vez no top 15 do mês.

Tabela 05: Podcasts que estiveram entre os 15 mais escutados de 1º de janeiro a 15 de janeiro de 2020 no Spotify:

| Título do podcast | Pico na lista de audiência: |
|--------------------|-----------------------------|
| Café da manhã | 1 (10x) |
| Nerdcast | 1 (3x) |
| Só Toca Funf* | 1 (2x) |
| Creepy Reddignton* | 2 (3x) |
| O Assunto | 2 (1x) |
| Primocast | 3 (7x) |
| Mamilos | 3 (2x) |

| | |
|------------------------------|---------|
| Não Ouvo Podcast | 4 (1x) |
| Um milkshake chamado Wanda | 4 (1x) |
| Filhos da Grávida de Taubaté | 4 (1x) |
| Xadrez Verbal | 6 (1x) |
| Autoconsciente | 7 (2x) |
| No beat* | 7 (1x) |
| POUCAS | 7 (1x) |
| Pretinho Básico | 8 (1x) |
| Foro de Teresina | 8 (1x) |
| Top 50* | 8 (1x) |
| Panico | 8 (1x) |
| Caixa Preta | 9 (2x) |
| Estadão Notícias | 9 (1x) |
| Stock Pickers | 11 (2x) |
| Emissão Rádio Juvenil | 11 (1x) |
| DJ Ery* | 11 (1x) |
| Bom dia, Obvious | 12 (1x) |
| Modus Operandi | 12 (1x) |
| Poupe Cast - Me Poupe* | 12 (1x) |
| Panorama CBN | 13 (1x) |
| Matando Robôs Gigantes | 14 (1x) |
| Durma com essa | 14 (1x) |
| Respondendo em voz alta | 15 (1x) |
| Imagina Juntas? | 15 (1x) |
| É Nóia Minha? | 15 (1x) |

*podcasts não produzidos por profissionais da comunicação. **Fonte:** O autor.

Dentre eles, somente quatro estiveram no top 15 todos os dias da pesquisa, sendo: o “Nerdcast”, uma produção do blog Jovem Nerd, “Café da Manhã” da empresa de jornalismo Folha de São Paulo, “Mamilos” da produtora B9 e “Creepy Reddington”, um podcast que era usado para publicações de músicas de funk.

Partindo desta pequena seleção, o programa que conseguimos sistematizar menos informações é o “Creepy Reddington”, uma vez que o mesmo já não se encontrava mais disponível na plataforma no momento que fizemos as análises dos dados tabulados em janeiro. Tratava-se de um canal para compartilhamento de músicas de funk. Juntamente com o “Só toca funk”, “DJ Ery” e “Top 50” estes eram programas feitos exclusivamente com músicas e compartilhados no formato de podcast. Dentro dos parâmetros de nossa pesquisa, podemos considerá-lo como uma gambiarra, uma vez que se utilizam de uma estrutura de podcast de forma adaptada para promover músicas ou mixtapes.

Apesar de começar o ano na liderança e ser um podcast extremamente popular nos dias de finais de semana e feriados, o “Só toca funk” deixa de existir ainda nos primeiros meses do ano de 2020, possivelmente por se caracterizar no âmbito da ilegalidade das normas da própria podosfera do spotify (além de evocar questões de direitos autorais musicais), e assim abre espaço para outras produções, mostrando a característica de instabilidade das gambiarras na podosfera, como tratamos anteriormente. Esses programas, embora populares e frequentes, deixam de existir com muita facilidade.

O “Nerdcast” surgiu como um conteúdo complementar ao blog de relativa popularidade “Jovem Nerd”, originado em 2002. O blog já era bem conhecido e foi um dos primeiros a produzir podcast no Brasil. Tanto blog quanto podcast já ganharam diversos prêmios como “Melhor Blog” na MTV Vídeo Music Brasil, e “Melhor Podcast” no The BOB’s e Prêmio iBest. Esta produção se destaca por ser uma das pioneiras, mas também por manter a sua popularidade. “Nerdcast” foi o único podcast a se manter no top 3 durante todos os dias no mês de janeiro. Apesar de perder posições no top 05 ao longo do ano, em novembro, se manteve todos os dias na 5ª posição, mostrando sua estabilidade. Seu fazer estético remete ainda à época inicial da primeira fase da podosfera brasileira, em que as produções eram

centradas no “mundo nerd” e das tecnologias (SANTOS, 2019), e talvez por isso, mantenha seu público fidelizado após 16 anos no ar. É o que podemos considerar como um clássico da podosfera brasileira e um case de sucesso.

Constantemente estudado, o podcast “Mamilos” é uma produção da B9 Company, uma empresa de mídia fundada por três publicitários e que atuam no ramo de podcast desde o início de sua primeira fase. A B9 é atualmente a maior produtora do gênero no Brasil, com 20 shows que chegam a somar 4 milhões de ouvintes mensais, embora a concorrência esteja ficando cada vez mais próxima, com as produções do Spotify Studios e da Rádio Novelo (ambas dedicadas somente a podcast). O “Mamilos” é a mais popular de suas produções da B9, tendo uma grande ascensão após 2015. Ainda que apresente uma estética moderna e se proponha a falar sobre temas não trabalhados na mídia convencional, trata-se de uma empresa e suas produções são gerenciadas (quando não também executadas) por profissionais da comunicação remunerados e treinados para fazer podcast.

Outro programa que pontuou todos os dias do mês de janeiro de novembro de 2020 é o “Café da Manhã” da Folha de São Paulo, que traz resumos dos principais acontecimentos do dia anterior e também perspectivas para o dia atual, servindo seus ouvintes com comentários de especialistas e jornalistas veteranos do jornal brasileiro com a maior número de tiragem. O programa é relativamente novo em comparação aos anteriores, tendo sua criação em 2019, no entanto sua popularidade já pode ser notada quando dos 15 dias de janeiro em que a pesquisa foi realizada, ele apareceu entre o mais escutado em 10 deles, sendo o programa a passar mais tempo em primeiro lugar no mês. Em comparativo, em novembro, assim como o nerdcast, o “Café da Manhã” perdeu sua posição de liderança geral, porém, se mantém como o mais escutado do gênero jornalístico e passou todos os dias do mês do novembro em que a pesquisa foi realizada, dentro do top 4 no Brasil, tendo o pico na posição de número três.

Dos 32 programas que configuraram o top 15 de janeiro, apenas três conseguiram chegar a primeira posição. Além do “Café da Manhã” da Folha, o “Nerdcast” liderou a audiência em três dias e o “Só toca funk”, liderou por dois dias. Outro dado interessante que chama atenção neste recorte é que apenas 10

podcasts conseguiram configurar ao menos uma vez entre os 5 mais escutados da plataforma. Um programa bem consolidado em audiência e que não esteve no top 15 apenas em um dia de janeiro de 2020 é o “Primocast”, um podcast de conselhos financeiros. Por mais que não tenha em nenhum dia chegado à liderança, teve seu pico na posição de número 3, e repetiu a métrica por outros 7 dias. Em novembro, o programa também não conquistou a liderança, mas se manteve no top 15 durante todos os dias em que foram feitas apurações.

Um dado muito relevante para nossa pesquisa é que, dos 32 programas mais escutados de janeiro de 2020, apenas seis deles não são produzidos por uma empresa de comunicação, ou por pessoas que tenham algum tipo de formação em comunicação (jornalismo, publicidade, cinema). A centralidade destas produções é dividida entre publicitários que abriram suas próprias agências e utilizam o podcast para publicizar seus trabalhos, ou jornalistas que estão vinculados a grandes veículos de comunicação com recursos. Em alguns casos, pessoas que não tem formação acadêmica na área da comunicação, mas que possuem experiência em jornais, agências ou como produtores de conteúdo para sites.

A comparação dos dados coletados e apurados em janeiro com os dados de novembro demonstra em números, o que estamos considerando como a segunda fase da podosfera brasileira (SANTOS, 2020). De 1º a 15 de novembro, apenas 16 programas configuraram o top 15 da podosfera, curiosamente a metade do número registrado em janeiro.

Tabela 06: Podcasts que estiveram entre os 15 mais escutados de 1º de novembro a 15 de novembro de 2020 no *Spotify*:

| Título do podcast | Pico na lista de audiência: |
|--------------------------|------------------------------------|
| Flow Podcast | 1 (15x) |
| Horoscopo do dia | 2 (13x) |
| Primocast | 2 (2x) |
| Café da Manhã | 3 (12x) |

| | |
|------------------------------|---------|
| Nerdcast | 5 (15x) |
| Filhos da Grávida de Taubaté | 6 (15x) |
| O Assunto | 7 (15x) |
| Modus Operandi | 8 (11x) |
| Praia de Ossos | 8 (4x) |
| Mamilos | 9 (7x) |
| Respondendo em Voz Alta | 10 (8x) |
| Um Milkshake Chamado Wanda | 11 (5x) |
| Não Ouvo Podcasts | 11 (2x) |
| Autocosciente | 12 (2x) |
| Calcinha Larga | 13 (2x) |
| É nóia Minha? | 14 (2x) |

Fonte: O autor

Durante o mês de novembro, o que pudemos observar em termos de audiência da podosfera presente no Spotify foi um movimento muito mais constante e com pouca instabilidade. Além do número de programas ter caído pela metade, chama atenção que, apenas um conseguiu a liderança em todos os quinze dias analisados, sendo ele o “Flow Podcast”, um programa de entrevistas que vai ao ar de segunda à sexta ao vivo no canal do *Youtube* e que posteriormente é postado nos tocadores de podcast, como no caso do *Spotify*. Um dos fatores interessantes para problematizar esses índices de audiência é que o “Flow” é um programa que já existe a mais de dois anos, mas que não configurou no top 15 de janeiro em nenhum dia. A produção começa a ganhar centralidade no tocador quando passa a ser diário nos dias de semana, e quando seus envios são regularizados, uma vez que anteriormente seu foco maior era em plataformas como o próprio *Youtube*.

Podemos notar a estabilidade de audiência dos programas, quando a maioria passa quase todos os dias na mesma posição. Diferente de janeiro em que o top 15 era mais dinâmico, com grandes alterações, entradas e saídas de programas, nos últimos meses o que temos observado é a manutenção da audiência ao longo das

semanas e meses. Se em janeiro “O Assunto” do G1 alcançou a segunda posição no dia que levou ao ar um episódio completo explicando a renúncia do príncipe Harry e a princesa Megan do Reino Unido, em novembro, mesmo com as polêmicas e toda a cobertura das eleições americanas, nenhum podcast jornalístico do top 15 conseguiu subir posições.

Apenas um podcast conseguiu “furar a bolha” do top 15, e trata-se do “Praia de Ossos”, da produtora de podcasts Rádio Novelo, que teve seu pico a posição de número oito. O programa que “abriu espaço” para sua entrada foi o “É Nóia minha”, que passou “apenas” 5 dias no top 15, antes da entrada do “Praia de Ossos” e depois configurou a 16ª posição todos os demais dias em que nosso levantamento foi feito. Com exceção desses dois, todos os demais passaram todos os quinze dias do levantamento no top 15.

Além da liderança, outras posições não tiveram alteração em nenhum outro dia. “Nercast” em 5º, “Filhos da Grávida de Taubaté” em 6º, e “O Assunto” em 7º, passaram os quinze dias sem alteração de posição. Outra diferença em relação a janeiro diz respeito as produções “amadoras” no top 15. Se em janeiro foram registradas 5 produções deste aspecto entre os mais escutados, em novembro nenhuma produção sem algum tipo de financiamento, ou produzida por uma grande empresa de comunicação, conseguiu estar entre as mais populares.

Destacam-se ainda o domínio de algumas produtoras, que conseguem agora emplacar mais produções dentro do próprio top 15 (algo que não aconteceu em janeiro). A própria produtora de conteúdo do Spotify conseguiu colocar no top 15 quatro de suas produções originais. O B9 aparece logo em seguida com duas produções no top 15 e a Rádio Novelo com 3 produções no top 20, sendo uma delas entre os 15 programas mais escutados.

Pensar uma sobreposição entre gambiarra e normatização na podosfera brasileira nos convida a problematizar uma série de elementos, que se mostram de múltiplas formas nos dados aqui expostos. A primeira observância é sobre a própria sobreposição. Há um tensionamento, ainda que silencioso e velado, dentro da podosfera que corresponde ao processo de normatização ou territorialização deste espaço, enquanto ele se expande em várias direções. Uma das direções possíveis é

o crescimento da própria podosfera, que a cada ano torna-se mais popular, sendo seu sistema cada vez mais complexo e multi-povoado. Essa multiplicidade nos permite considerar que os números levantados pela ABPod e pelo IBOPE nos dão um vislumbre sobre como não profissionais da comunicação têm cada vez mais se inserido neste território.

Por outro lado, também podemos observar, pelos dados por nós trazidos, que esse território tem sido cada vez delimitado, e no período de onze meses, como observamos, suas tendências já se encontram pré-definidas, ainda que possam mudar de curso. É possível dizer que há uma norma cada vez reiterada no fazer de podcast. As grandes empresas de comunicação que investiram no segmento, começam a colher os frutos disso em termos de audiência e alcance, ao mesmo tempo que, à medida que demarcam este território, criam uma centralidade e uma periferia na podosfera. Ao centro estão as poucas empresas de comunicação, que detém os recursos financeiros, os meios de produção, e o novo padrão estético (híbrido entre o sonoro e a internet). Este grupo é cada vez mais homogêneo entre si, dando uma noção de unidade. As subversões vão se ocupando das margens, são mais difusas, múltiplas e diversas, e nota-se a ausência deste elemento dominador: a homogeneidade.

Neste ponto, vale a problematização: Que tensionamentos são evocados a partir desta segunda fase da podosfera? Como tem se dado o contato entre uma comunidade de comunicadores já consolidada em outras linguagens de comunicação e aqueles que enxergam no podcast uma possibilidade de comunicação inédita devida às facilidades de produção? Se pensarmos a comunicação como ferramenta de emancipação social, e o podcast como uma possibilidade de sua efetivação, como este território conflitante se apresenta diante desta perspectiva?

3. (trans)territorialidades

Nossa perspectiva a respeito da podosfera e do próprio podcast passam pelos trânsitos, pelo constante movimento, pela instabilidade criativa e constante criação e (re)criação. Buscamos compreender o contraditório, o complexo e conflituoso, as disputas e seus outros agenciamentos e sempre em perspectiva antropofágica, assim fazemos com o olhar voltado aqueles que falam de um lugar periférico, e que em seu fazer antropofágico não se dá somente por experimentação ou contemplação, mas sim por vocação e, porque desses movimentos, surgem se formam suas identidades, transculturadas e transterritoriais, assim como o próprio território brasileiro.

Encontramos em Rocha (2018), alguns caminhos de sua pesquisa que nos ajudam a pensar nesses movimentos de transitar. Já nos primórdios do podcast, diferentes características e as disputas entre diversos sujeitos na podosfera, podem nos indicar não uma linha do tempo, mas sim, várias, que se distanciam, se aproximam e se inter cruzam, nos processos de disputas pelas territorialidades do podcast, o que temos observado é uma linguagem ainda em formatação, com múltiplas possibilidades. É interessante pensar essa ideia de linhas do tempo, múltiplas e paralelas, pois elas podem até indicar os processos de territorialização dentro da própria pesquisa em podcast.

Para o autor, o podcast é uma linguagem que libera os ouvintes e os produtores do tempo e do espaço, o que não somente afeta as produções de podcast, mas suas próprias territorialidades, uma vez que as mesmas não são estanques, livres, elas fazem caminhos e movimentos complexos (ROCHA, 2018). Sua suposta liberação do tempo e do espaço muito nos interessa quando procuramos pensar o que é um podcast a partir de uma metodologia antropofágica, uma vez que o próprio Oswald de Andrade irá constituir os entre-lugares na construção de identidades e subjetividades antropofágicas, ou seja, ser nativo e estrangeiro ao mesmo tempo em que não se é nem um nem outro. Estrangeiro com subjetividades nativas, nativo com percepções estrangeiras. Antropofágico.

Nos interessa pensar que, apesar de suas diferenciações, ainda estamos em uma temporalidade que exigirá relacionar e pensar aspectos do rádio como intrínsecos ao próprio podcast. Como afirma o autor,

Entendemos que, pela força e influência do meio, uma pesquisa sobre podcasts não pode prescindir das características seminais da rádio. É, nosso objetivo, no entanto, não reduzir o entendimento do podcast apenas à matriz radiofônica [...] ao prezar pelas potencialidades do podcast, em estudos que levem em consideração suas aproximações e distanciamentos com o rádio e as formas que ele pode acionar (ROCHA, 2018, p. 20)

No entanto, o autor afirma a necessidade de pensar conceitos e análises particulares, considerando as textualidades diferentes que são percebidas no podcast. Uma forma sonora em que as convenções e processos de produção apresentam uma coleção de textos que são sonoramente distintos e recebidos de forma diferente do rádio – ainda que emergjam do mesmo campo. Isto não quer sugerir que estudos de podcast não sejam parte dos estudos de rádio, e sim um argumento pela emergência de um ramo de estudos de podcast (ROCHA, 2018).

O autor ainda nos indica fronteiras cada vez mais borradas entre essas delimitações, porém, acredita que o podcast constrói narrativas distintas daquelas veiculadas pela rádio e possibilita formas de escuta particulares. O que busca então é entender os podcasts a partir das suas características narrativas (marcadamente devedoras dos programas radiofônicos) e do seu consumo, compreendendo que a internet traz novos elementos que são decisivos para sua caracterização (ROCHA, 2018).

Percebemos que trabalhos mais recentes, que já se inserem em uma segunda fase da podosfera, tendem a uma compreensão mais híbrida da linguagem, uma vez que há uma maior popularidade do produto e uma distribuição que não depende apenas de grandes empresas (ROCHA, 2018). De certa maneira, os pesquisadores não apenas estudam essa temporalidade, como já estão mais inseridos, de maneira demarca, nessa outra dinâmica.

Quando abordamos estratégias híbridas, partimos desde aqueles que falam especificamente sobre a construção da linguagem sonora e a linguagem web, mas também do próprio hibridismo que há entre elas, na própria constituição do podcast. Em alguns momentos, é possível separar essa intersecção. Nos é possível dizer, o

que se constitui como linguagem sonora e estratégia para sua produção e o que se constitui como linguagem para web, mas em dados momentos, esse próprio hibridismo se coloca na produção destas estratégias.

Produção de podcast, embora utilize técnicas do rádio, não é semelhante às formas de produção, pois a forma de acesso ao conteúdo é contrastante. Toda sua circulação na podosfera se dá na internet, o que nos obriga a pensar lógicas híbridas de interação e produção coletiva. Como os cenários de interação na web afetam diretamente ou indiretamente a produção de conteúdo?

Existem alguns trabalhos científicos na podosfera que abordam o podcast através de suas produções e estratégias transmidiáticas (BENATTI, 2019), concepções que nos são muito importantes e nos valem na hora de pensar o próprio conceito de hibridismo, pois é partir dele que conseguimos traçar algumas diferenciações. O podcast opera fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, fracionando seu conteúdo como uma estratégia de propagação que vai além de textos que circulam na web com grande número de audiência, mas que conseguem efeitos importantes de engajamento profundo dentro de um nicho específico (JENKINS; FORD; GREEN, 2015).

Podemos conceituar transmídia como aquilo que se move de uma mídia para outra, se apresentando de formas distintas, respeitando o formato e a linguagem de cada plataforma, acionando a fragmentação de conteúdo, buscando expandir o todo para além de repetí-lo. Também pode ser considerada uma ampliação da narrativa, para um público que busca cada vez mais informação. É uma estratégia que vem se consolidando por integrar conceitos de produção e distribuição de conteúdo em uma única metodologia e criação.

Pensar o podcast a partir do hibridismo tem sua relação com a transmídia e o fracionamento de conteúdo, porém vai além. A estrutura transmidiática seria aquela que transita entre os formatos, plataformas e tecnologias de acesso, enquanto que uma narrativa híbrida, é constituída como um todo, por este trânsito. O hibridismo não diz respeito somente a um conteúdo que é acessado de forma fracionada em diversas plataformas, mas um conteúdo que é formado, moldado e também distribuído pelo trânsito e junção (implicando ganhos e perdas) destas linguagens

divergentes. Se trabalharmos com a ideia de que o podcast é híbrido, a sua constituição também surge dessa dinâmica, e não apenas sua circulação se destina neste caráter de trânsito. Não estamos acionando uma narrativa transmidiática, mas como a linguagem da internet está presente no discurso que se materializa no podcast, como podemos observar nos objetos que selecionamos. No entanto, estratégias transmidiáticas e de fracionamento de conteúdo, podem nos ser interessantes para pensar a própria produção e circulação de podcast.

A aplicação destas, no entanto, exige um grande capacidade de planejamento, especialmente considerando as especificidades de cada linguagem. Este projeto deve contemplar diversas ferramentas de comunicação que contenham em cada uma delas, uma história envolvente, uma ordem cronológica, cronograma de execução, orçamento e recursos necessários. O envolvimento da audiência precisa ser planejado com muito cuidado. (BENATTI,2019)

Dentro da transmídia o interlocutor é tido como um caçador de conteúdo, dependendo de sua ação o entendimento total da narrativa, ao mesmo tempo que, aqueles que não possuem esta iniciativa de buscar por conteúdos complementares fragmentados precisam ter uma compreensão básica da obra, sem ter a impressão de uma lacuna narrativa (BENATTI, 2019). Ainda que faça parte de uma narrativa maior, cada acesso deve ser autônomo (JENKINS, 2009).

Um dos programas que analisamos, o “Nerdcast” surge de um movimento híbrido ao mesmo tempo que utiliza estratégias de comunicação fragmentada e transmidiática, empregando algumas técnicas do rádio, o que muito lhe é atribuído por conta de sua própria localização temporária de criação, uma vez que começou a ser produzido em 2006. Buscava alinhar humor com técnicas e mixagem de som, pautando temas leves e descompromissados (ROCHA, 2019).

O Nerdcast foi uma produção paralela ao portal de nome “Jovem Nerd”, fundado em 2002, que surgiu na intenção de debater informações sobre o lançamento do filme “Star Wars Episódio II: Ataque dos Clones”. O que começou como um projeto entre duas pessoas, acabou se tornando logo uma empreitada midiática. Com média de duração de 90 minutos por episódio, os programas incluem discussões sobre temas variados do “universo nerd” e sempre busca trazer

convidados para a discussão. Também estão presentes na estrutura fixa do programa

leitura de e-mails, lista de ouvintes que doaram sangue (seção Cacete de Agulha), doaram cabelo (Escalpo Solidário) e enviaram desenhos e pinturas (Arte dos fãs), além de propagandas da NerdStore e conteúdo patrocinado, cada edição do podcast NerdCast funciona nos moldes de um programa de rádio (BENETTI, 2019, p.22).

Uma das características introduzidas pelo nerdcast desde seus primórdios e que acabou por se consolidar como uma das características da própria podosfera é a comunicação por nicho. Conceito oriundo do marketing, ele possibilita a criação de um conteúdo para um público específico muito segmentado. Rocha (2019) reflete que a mídia de nicho acabou por se tornar uma alternativa publicitária interessante por trazer um conteúdo raro a outros meios com propensões mais massivas, mas que, apesar de não ter as massas como audiência, se utiliza de estereótipos criados para atingir um público e vende seu conteúdo a um mercado visando o potencial de consumo do mesmo.

Apesar do podcast surgir como uma alternativa às lógicas do rádio, e também a própria forma como o mercado capital financeiro projeta a programação do rádio, hoje podemos observar a consolidação de uma lógica adaptada a um mercado de nichos. As produtoras de podcast não mais almejam grandes números de audiência, mas seu engajamento, pois sabem que o retorno financeiro para seus patrocinadores é maior. Durante a Maratona Piauí/CBN de podcast, que ocorreu no Rio de Janeiro em 2019, Juliana Wallauer, uma das apresentadoras do podcast Mamilos fala justamente dessa relação com a audiência, e como um conteúdo de nicho auxilia a potencializar o engajamento e também o consumo quando um produto é indicado (REVISTA PIAUÍ, 2019).

Alex Primo (2007) nos alerta que as mídias de nicho são exploradas pelos mesmos conglomerados que dirigem meios massivos, e que alguns processos de produção se assemelham. Com o crescimento de demanda pela linguagem do podcast, juntamente com o valor agregado pela lealdade e engajamento do público, grandes veículos de comunicação têm investido cada vez mais em plataformas de podcast (ROCHA, 2019).

O podcast “Mamilos” é descrito como um programa para “construir pontes ao invés de provar pontos, sugere uma perspectiva dialógica, harmônica e plural” (SOUZA, 2019, p. 38). Com o lema “jornalismo de peito aberto”, é um podcast semanal que pinça das redes sociais os temas mais debatidos e polêmicos, fazendo uma discussão entre as apresentadoras Juliana Wallauer e Cris Bartis com a ajuda de especialistas, buscam um aprofundamento do assunto com empatia, respeito, tolerância e bom humor. É uma produção veiculada por uma das maiores produtoras de podcast do Brasil, o site Brainstorm9, e começou a circular na internet desde 2014. De lá para cá, as apresentadoras deixaram seus trabalhos paralelos enquanto publicitárias e passaram a se dedicar exclusivamente à produção do programa.

Quais as potencialidades de um podcast (programa de nicho) que busca criar pontes entre divergências, num espaço de isolamento em bolhas? É possível criar pontes ou invés de provar pontos na internet? Tal preocupação que se reflete na própria produção em áudio do programa já nos indica um pouco do movimento híbrido e um dos motivos do sucesso do case “Mamilos” - a construção de sua pauta e de sua estética narrativa pensando nas relações da internet. Quando pensamos o podcast apenas como uma convergência do rádio para a internet, as lógicas que predominam a produção sonora vigente ainda é a lógica do rádio, pensamos a veiculação na internet apenas como uma forma de fazer o produto circular, mas não de considerar suas especificidades na própria produção. Ao produzir um podcast, não se está produzindo um programa de rádio online, mas sim um conteúdo sonoro para a web, que precisa levar em consideração as características da web.

Um desses processos na construção de podcast é a atribuição de um público alvo. Nos chama atenção a forma como o podcast “mamilos” faz essa construção, uma vez que é muito comum o uso do termo “nós”, porém como indicado pelas apresentadoras “as fronteiras conceituais entre nós e outros é mal delimitada. Propositamente” (SOUZA, 2019, p. 41). É interessante pensar que em um universo que a delimitação de um público é cada vez mais usual e emergente, um dos podcast mais bem-sucedidos torna essa delimitação mais genérica. Este conceito atravessa a forma de fazer do programa e tenta “resolver” (sem que realmente haja

a intenção de oferecer uma solução) uma comunicação de bolhas na internet, que acaba sendo prejudicial para uma sociedade democrática.

Construir pontes ao invés de provar pontos sugere uma perspectiva dialógica, harmônica e plural [...] Mamilos enfrenta o ritual de passagem pela ponte, programa a programa. A cada edição, por mais espinhoso que se desenhe um tema, há o aceite do intimidador, do assustador e do perigoso (SOUZA, 2019, p. 38).

Podemos observar algumas estratégias do programa em relação às estéticas adotadas para a concepção de construir pontes. Existe a preocupação na construção de um conteúdo que não seja pragmático ou instrumentalista, mas sim um espaço comunicacional capaz de viabilizar o encontro. Segundo Souza (2019) em sua dissertação que analisa mais cem edições do programa, existe uma predominância muito maior de termos como “por que”, “aliás”, “por outro lado”, “por um lado” do que termos como “portando”, “porque” e “assim”.

Além disso, percebemos que a participação da audiência em uma estratégia híbrida se consolida também nos espaços que são abertos para a participação dos ouvintes e a forma como esta participação é executada. Em todas as edições existe o quadro “Fala que eu te escuto”, em que comentários de ouvintes são lidos e debatidos pelas apresentadoras. É um espaço para concordâncias e discordâncias. Pontos importantes que não foram levantados anteriormente no programa anterior, inclusive divergente dos pontos levantados pelas apresentadoras (SOUZA, 2019).

O podcast “Mamilos” ainda é um importante programa para pensar as relações entre produtores e audiência, mas saindo da perspectiva comum que se aborda normalmente ao tratar este tema, deixando de lado apenas questões técnicas da estrutura organizacional da internet. O programa sai de uma vertente “teco-instrumentalista”, considerando a conexão com a audiência em dimensões sociais e políticas nas relações comunicativas, e também abordando subjetividades como imaginação, afeto, emoção (SOUZA, 2019).

Souza explica essa diferença através de dois conceitos: conexão e vínculo, “enquanto a conexão técnica restringe-se aos aparatos técnicos, é superficial e própria dos sistemas fechados, o vínculo opera na dimensão psicoafetiva com muito mais profundidade” (2019, p. 59). O vínculo se dá em um laço estreito, duradouro e

forte, é aquilo cujo a dinâmica pode tornar ainda mais forte como também tornar mais vulnerável. É ele que o “Mamilos” e outros podcasts buscam, não apenas com as estratégias narrativas, mas com a escolha do que vai ou não ao ar. Em alguns programas é possível acompanhar um pouco dos bastidores da apuração e elaboração da pauta, o que também aproxima a audiência, inscrevendo as narradoras como sujeitos iguais, em uma mesma posição dentro de um ecossistema comunicacional. As preocupações e armadilhas que as narradoras passam, são as mesmas que a audiência. Desta forma, criam a possibilidade de uma identificação mais forte a da criação de um vínculo mais duradouro.

O programa é então uma produção aberta, disposta ao diálogo não somente nas conversas que agencia por áudio, mas também pelo diálogo que possibilita e convida todos que interagem com o conteúdo, “Somos constitutivamente sistemas abertos, penetrados sensorialmente pelo meio que nos envolve” (SOUZA, 2019, p. 41).

Em uma perspectiva sustentável, as estéticas do “Mamilos” nos ajudam a compreender como podemos caminhar para uma produção que vá além de pensar engajamento como forma de arrecadação de capital financeiro econômico, mas também como uma forma de construir pontes para uma alternativa sustentável a longo prazo, e que se utilize da comunicação como uma ferramenta de cidadania e emancipação humana.

Quando pensamos a podosfera, podemos compreendê-la como uma comunidade política, que compartilha uma estética própria e que está inserida dentro de uma partilha sensível que diz respeito às estéticas da comunicação (RANCIÈRE, 2009). Em uma “comunidade sensível” sujeitos se reconhecem em posições identitárias desiguais, mas amalgamadas (RANCIÈRE, 2012).

Tal comunidade passa a ser encarada como um arranjo temporário de um mundo comum que é sustentado por esta partilha, sendo o “sensível”, a produção do desejo, as subjetividades e a gênese de significações, que quando passa a ser partilhado, configura um sistema de sensorialidades comumente normatizadas (RANCIÈRE, 1999). Não há no campo social uma ordem hierárquica que não seja

produzida ou delineada pelo arranjo estético que é determinado na própria percepção de comunidade (SPINELLI, 2003).

A partilha do sensível, enquanto uma moral compartilhada socialmente, ao mesmo tempo que tem um caráter unificador, reparte sujeitos e institui uma hierarquia, diferenciando sujeito qualificado de sujeito sem qualidades. Tem como base um regime de sensorialidades que forja a existência de títulos e legitima a palavra de alguns em detrimento de outros. Essa relação hierárquica produzida e delineada pela estética, partilhada por uma comunidade, é moralmente naturalizada reforçando uma relação de autoridade e submissão (RANCIÈRE, 2011).

As desigualdades marcadas por traços estéticos e que remetem expressões próprias de cada lugar são reiteradas à medida que a legitimidade e o valor de cada um é apreendido, antes de mais nada, pelo sujeito e o seu posicionamento hierárquico dentro de uma comunidade de partilha (RANCIÈRE, 2009).

A partir disso, podemos pensar a moral que institucionaliza e legitima um grupo de comunicadores em detrimento a outros, um modelo de comunicação a qual se é atribuído um valor superior, considerando uma estética socialmente partilhada e normatizada. Ainda que haja a possibilidade de comunicar, com as aberturas tecnológicas do ciberespaço que impulsionam criações de podcast de temas alternativos, é no campo estético que essa legitimação opera estruturas de poder. Quem tem o poder de falar e ser escutado? E aqueles que falam de forma a reivindicar participação ativa no ecossistema comunicacional, tem possibilidades de terem legitimidade?

Com o exercício crítico, busca-se delimitar esse padrão, compreendendo os processos estéticos que classificam as produções e produtores através de uma normatização partilhada. Dialogando com o campo de uma partilha estética da pódosfera, o exercício crítico que buscamos não visa uma total ingovernabilidade, tão pouco forjar um modelo, mas sim questionar como se é governado. A própria crítica mantém essa relação, como explica Butler (2000), se trata de pensar uma questão específica associada a uma relação de governo delimitada.

A atitude crítica é acionada neste quesito como maneira de dar limite, encontrar as medidas que cercam determinadas ações/verdades/governanças, buscando

nesse exercício de mostrar os alicerces fundantes, deslocá-los e ampliá-los (FOUCAULT, 1990).

Tal posicionamento, no entanto, é algo que tem como fundamento a estilização do eu, ou seja, o posicionamento pessoal e individual de cada sujeito em relação aos consensos, as regras e preceitos (BUTLER, 2000). Esses questionamentos se dão pela experiência de produção, e a partir deles que se inicia um movimento de transformação da comunicação como ferramenta para emancipação social, através de um posicionamento estético.

A subversão, ou “desassujeitamento” é produto da relação do sujeito com a moral vigente. Para Foucault (1990), a moral reorganiza um impulso criativo e a partir dela cria-se os termos para que se construa narrativas de si. Esta surge como uma negociação entre as estruturas de poder e a capacidade ética dos sujeitos em se apropriar dela. Buscamos dar ênfase a produtos antropofágicos, capazes de articular subjetividades sonoras que ampliam as potencialidades estéticas, assim como, reforçam espaços de reconhecimento identitário de atores sociais envolvidos na experiência de criação.

3.1 Podcast Jardim Floresta

Em dezembro de 2020, fui informado sobre a abertura de um chamado do Fundo de População das Nações Unidas - UNFPA para ministrar uma oficina de 16 horas de duração sobre produção de podcast. Naquela altura, algumas experiências de produção e realização de oficinas com públicos diversos me faziam muito interessado em somar essa experiência ao meu currículo. Acabei sendo selecionado para ministrar a atividade, que serviria como base para a criação da Rádio Rondon 1, um projeto da Instituição, com apoio do Exército brasileiro e financiamento da Agência da ONU para Refugiados - ACNUR. Rondon 1 é um dos abrigos de migrantes localizado na cidade de Boa Vista.

A fronteira entre Brasil e Venezuela se materializa geograficamente nos

estados de Roraima e Bolívar, respectivamente; porém, essas proximidades não se revelam apenas em âmbito espacial, mas em diversos setores em que as parcerias se alastram por áreas como educação, saúde e economia. É notório que houve períodos em que as parcerias entre esses dois estados e os dois países foram intensas, especialmente depois de 2006 com a ampliação dos Encontros dos Governadores (MORAIS, SANTOS, 2017).

Essa relação, por vezes, muito benéfica e próxima, incomum em regiões de fronteira (pelo menos no nível de proximidade em que aconteceram), se consolidou em um importante passo de integração gerando benefícios para a população e a economia a ambos os países (VIANA, 2012). Sendo a fronteira um lugar de fluxos transitórios, Brasil e Venezuela sempre tiveram nesse espaço um ponto de encontro entre suas semelhanças e divergências (MORAIS, SANTOS, 2017).

Desde 2015, com o agravamento da crise venezuelana, essa relação tem passado de harmônica e proveitosa, para desafiadora. Isso porque, fugindo das condições econômicas desfavoráveis de seu país, muitos venezuelanos, dentre estes, povos indígenas da etnia Warao, têm migrado cada vez mais para o Brasil (MORAIS, SANTOS, 2017).

A oficina ocorreu entre os dias 16 e 18 de dezembro de 2020, com uma extensa programação, que perpassava as manhãs e tardes dos residentes e dos profissionais acompanhavam a implementação do projeto. Toda a oficina foi realizada de forma remota. Por questões contratuais e de organização pessoal, pude sistematizar pouco material sobre essa experiência. Mas vale ressaltar que este foi muito recebido, executado e rendeu frutos, estes inclusive que fizeram ecoar vontades e desejos de construir outras rádios e produtoras independentes de podcast por Roraima.

Em maio de 2021, recebo um outro convite, desta vez da PADF, para realizar uma capacitação semelhante desta vez no Abrigo Jardim Floresta. Os relatos e trechos aqui localizados são dessa experiência, que se deu entre os meses de junho e julho de 2021, de forma presencial no abrigo. A oficina teve um total de 18 horas de duração, dividida entre 9 encontros, sendo realizados duas vezes na semana.

Antes, cabe aqui apontar que, outras experiências (algumas aqui relatadas) me fizeram considerar que é mais produtivo para um oficina de longa duração, acima de 10 horas, que esta seja diluída em mais dias, com poucas horas de atividades por encontro. Isso faz com que os conceitos, propostas e atividades ganhem mais tempo de maturação entre os participantes, da mesma forma que suas participações se deem de maneira mais integrativa.

Assim que as atividades começaram, fui apresentado ao líder comunitário Rony Medina. Ele foi o responsável por toda a articulação da oficina e formulou a proposta de encontros para debater a importância da comunicação comunitária para os abrigos. Rony havia participado de uma capacitação na Rádio Rondon 1 e havia demonstrado, junto com seus companheiros, o desejo de criar uma estrutura semelhante em outros abrigos. Enquanto conversava com os funcionários sobre questões da própria dinâmica das aulas e do abrigo, Rony reuniu os residentes que já haviam demonstrado interesse em fazer parte da oficina. Nos sentamos, em círculo, em volta de uma mangueira, e começamos a nos apresentar.

Todo o primeiro encontro foi marcado por essa dinâmica de aproximação. Protegidos pelas sombras dos galhos das árvores, fui buscando compreender o que eu poderia ajudar nos anseios de um grupo tão diverso, que continha desde pré-adolescentes, até pessoas idosas. Havia aqueles que nunca tinham tido sequer uma experiência de narração, como também um ex-radialista. Homens, mulheres, crianças de diferentes etnias, vindos de diferentes lugares da Venezuela. Ao final do encontro, nosso acordo foi de que, tínhamos um compromisso de construir uma proposta de comunicação que servisse aquela comunidade, ainda que temporária e instável. Ainda que feita através das gambiarras e com poucos recursos.

As dinâmicas que sucederam não tiveram muitas alterações, inclusive no material didático. Muito do conteúdo que foi passado na oficina, já havia sido utilizado anteriormente em outros cursos por mim ministrados. A diferença se deu na temporalidade. Enquanto em outras situações, era comum abordar 3 ou 4 tópicos por período, em nossos encontros, por vezes, não conseguia sequer abordar um tópico completo.

Perceber as temporalidades específicas do grupo foi algo que me demorou pelo menos 3 encontros. Era comum que as aulas começassem com 30 minutos de atraso, e se encerrassem mais cedo por conta das pausas para o lanche. Essas marcações, no entanto, embora indicassem alguns atrasos no planejamento de aulas entregue para a instituição (PADF), nos garantiam preciosos momentos de troca. Eram momentos em que conseguia conversar com meus interlocutores, compreender suas dúvidas e ajudá-los com suas inquietações. Além de perguntas e dúvidas sobre o conteúdo e as dinâmicas dos encontros, por algumas vezes era surpreendido com suas histórias, confidências e, por vezes, pedidos de emprego.

As temporalidades mais espaçadas fizeram com que se estabelecessem vínculos mais produtivos entre mim e a turma, e entre ela própria, uma vez que muitos ali não conviviam em seu cotidiano antes da oficina. A estrutura seguiu os mesmos parâmetros anteriores: Um primeiro momento com foco mais teórico, apresentando a linguagem do podcast e toda sua potência e história para uma comunicação comunitária e, posteriormente, partes práticas que visavam a produção de roteiros, gravação e edição de podcast.

Chama nossa atenção a maneira como, apesar de nas aulas mais teóricas, temos ficado atrás de nosso cronograma, o engajamento e as temporalidades espaçadas do podcast, fizeram com que toda a parte prática se desse com maior desenvoltura e muito mais rápido do que em outras experiências.

A turma foi dividida em 3 grupos, e cada grupo ficou responsável por elaborar o seu podcast, escolher um tema, criar ou adaptar um formato que melhor pudesse dar conta do tema escolhido. Todos os integrantes dos grupos deveriam participar de todas as etapas de produção do podcast, da pré à pós-produção, incluindo a narração. As aulas que incluíram até a elaboração e os ensaios dos roteiros foram ministradas em salas improvisadas no próprio abrigo, enquanto a parte prática e de pós-produção, foi feito no laboratório de áudio do Curso de Comunicação Social - jornalismo, da Universidade Federal de Roraima, através de uma parceria com o grupo de pesquisa Observatório Cultural da Amazônia e do Caribe - Amazoom.

Assim ficaram divididos os grupos: Grupo 01, autointitulado "Notícias Warao-Aribo", um podcast de notícias cujo tema escolhido para o programa piloto foi

migração. A produção é protagonizada por Israel Valenzuela; Luany Torres e Ruben Bastardo; Grupo 02, intitulado “A Voz Atravessando Fronteiras”, um podcast informativo de entrevistas, protagonizado por Yumelis Lopez; Amarilis Tovar e Jesus Paredes; Grupo 03, com o nome de “Despertando Saberes”, produzido por Yorgelis Bastardo, Zuleimir Gonzalez e Rony Medina.

O primeiro programa faz um resgate e apanhado histórico acerca da policrise na Venezuela e atualiza a situação de migração indígena para o Brasil. O primeiro narrador, Ruben Bastardo, fala sobre as diversas etnias migrantes e suas localidades, e insere os próprios narradores na realidade por eles narrada. Luany Torres é responsável por trazer informações sobre onde estão concentrados os migrantes indígenas, quais os principais abrigos de Boa Vista destinados a este público, bem como informações sobre documentação e onde procurar autoridades locais.

Israel Valenzuela, explica que o principal desafio das comunidades de indígenas migrantes em Boa Vista é a compreensão por parte das entidades que ajudam a organizar os abrigos, bem como participar das decisões que afetam toda a comunidade. Outro ponto debatido entre os narradores, é o respeito pela cultura e tradição dos diferentes povos indígenas que vivem nos abrigos, já que em alguns casos, estes são impedidos de exercerem livremente sua cultura, por conta de imposições das autoridades.

O podcast 02 segue a estrutura narrativa de uma entrevista. A partir do tema educação, as apresentadoras Yumelis Lopez e Amarilis Tovar apresentam a entrevistada Leia do Vale Rodrigues, do povo Wapichana, historiadora. Entre os temas debatidos, é questionado à entrevistada como a migração altera as dinâmicas educacionais de Roraima, assim como é possível construir pontes para pensar uma educação inclusiva para os migrantes, respeitando suas culturas.

Já o podcast 03, segue uma estrutura narrativa de um programa clássico de rádio. Yorgelis Bastardo, inclusive chega a dizer na abertura um número de telefone fictício para que os ouvintes possam telefonar e participar do programa. A proposta é falar justamente sobre a importância da comunicação comunitária para as pessoas que vivem nos abrigos, em condição de migração.

Os apresentadores, além de contarem suas experiências, entrevistam a coordenadora da oficina, Letícia Martins, a coordenadora de comunicação da PADF. Rony Medina começa a entrevista justamente perguntando sobre os planos e possibilidades de implementação da rádio comunitária para o abrigo Jardim Floresta, problematizando a situação de improviso que os comunicadores passam para conseguir se comunicar através de produções do gênero. A entrevista reconhece a importância, assim como os desafios para tal implementação. Letícia também fala sobre a importância de que essas iniciativas sejam disseminadas não apenas em âmbito local do abrigo, mas em outras localidades na cidade de Boa Vista, em que as informações poderiam ser valiosas.

Além de uma estrutura mais complexa de rádio, a entrevista reforça que, outras produções podem ser executadas e compartilhadas a partir do uso de celulares, por exemplo, fazendo um movimento de resgate da própria oficina de produção de podcast.

Nos chama atenção, especialmente a produção deste episódio de podcast, por alguns pontos: O primeiro, por inverter alguns pólos, utilizando toda uma estrutura e forma de comunicação clássica do rádio para dentro de um programa de podcast. Por outro lado, evidência a importância de uma comunicação comunitária, especialmente para sujeitos em situação de extrema vulnerabilidade social, e como, em alguns aspectos, a gambiarra pode servir como uma estratégia de produção de podcast para estes sujeitos, e conseqüentemente, uma forma de construir outras territorialidades, tanto para o podcast e a podosfera, quanto para seus próprios protagonistas.

No último encontro da oficina, nos reunimos no escritório da PADF em Boa Vista, com os participantes, para que pudessem escutar suas produções e fazer uma auto-avaliação da experiência. Em sentido geral, todos se sentiram satisfeitos com o resultado, mas acima de tudo com a experiência. Foram entregues certificados aos concluintes e renovadas as esperanças de um fazer de uma comunicação comunitária através da produção de podcasts como uma ferramenta de busca por cidadania efetiva.

O "despertar" de um fazer comunitário, de gambiarras como resistências, que nos fenômenos de urbanização, se colocam como condição de busca por cidadanias. As periferias falam, sempre falaram e continuarão falando. O processo aqui é pensar não como o subalterno tem dito, mas como as hegemonias têm calado. É a inversão da perspectiva. É o fazer decolonial como tomada epistêmica de um ponto de referência a partir do sul global, e não para ele. O que parte dele, cresce e se expande. O que é imposto para ele, delimita-se.

Antes de adentrarmos mais sobre as desobediências e fazeres epistêmicos, faz-se necessário discutir acerca dos fazeres decoloniais, das desestabilizações antropofágicas, e das gambiarras que vivenciamos, produzimos e experienciamos, tantos nos processos de produção de podcast, quanto nos estudos que fizemos levantamento. Essas gambiarras compõem também o campo de disputa da própria podosfera brasileira, e nos ajudam a elucidar nossos próprios processos de pesquisa em comunicação.

3.2 Gambiarras, Disputas e Tensionamentos

De forma síncrona ao movimento da urbanização, que muitos nos é relevante para pensar as relações Norte-Sul Global na contemporaneidade, emergiu também o conceito de gambiarra. Surge com o crescimento desordenado das cidades e com a instauração dos bairros urbanos periféricos - incluindo neste ponto, as favelas. É o contexto de desenvolvimento urbano e tecnológico que apresentam ao mundo sua face da desigualdade urbana: as moradias precárias, com pouca infraestrutura ou falta de regularização, que abre margens para práticas ilícitas ou subversivas (OBICI, 2014).

Me recordo a primeira vez que fui apresentado ao termo e a pronúncia me saltou aos ouvidos, com estranhamento. A definição que me passaram na época: gambiarra é um "jeitinho brasileiro de resolver as coisas". Essa explicação encontrou ecos que nos possibilitam questionar: Por que a gambiarra está tão ligada aos

processos de construção social da identidade brasileira, a ponto de sua definição do senso comum ser a evocação do próprio fazer cotidiano brasileiro e suas estéticas?

As definições de gambiarra passam por

extensão de cabo elétrico adaptada com uma lâmpada na extremidade para levar luz a diferentes pontos em uma área extensa. Rosário de lâmpadas para cobrir e aumentar a luminosidade de um local. Relacionada tanto ao uso de extensões, de eletricidade quanto de gás, num contexto urbano; ou ainda como “relação extraconjugal (OBICI, 2014. p. 5).

Pensar a própria extensão de cabo elétrico fazendo chegar a luz a uma outra extremidade, insere a gambiarra nesse contexto urbano, em que a eletricidade passa a ser considerada como algo comum e banal, mesmo quando sua ausência indica a necessidade de improvisação (com gambiarras). Metaforicamente, é a gambiarra que leva a luz, eletricidade, e por consequência a introdução no mundo urbano capitalista moderno para os bairros periféricos e para as favelas. Ela então coexiste com a energia elétrica, nos processos de subjetivação e significação dos sujeitos.

Propomos aqui pensar as significações de gambiarra a partir de quatro categorias, tendo como base definições indicadas por Bouffleur (2013) e Obici (2014). A primeira delas, **prática ilícita**, sendo definida como: um meio de tirar vantagem, um hábito irregular, desonesto, marginal, ilegal, fraudulento, malandro. Também na categoria depreciativa de precariedade, como: desleixado, rústico, grosseiro tosco, ‘feito às pressas’, imperfeito, inacabado.

Outras significações para gambiarra podem ser encontradas relacionando-a com um projeto estético externo, tais como: adaptação, adequação, ajuste, conserto, reparo, remendo. Também pode ser acionada enquanto uma capacidade de ressignificações e qualidade ativa como: improvisação, jeitinho, artimanha, traquinagem, técnica, atitude inventiva, criatividade, solução não convencional e alternativa de um problema, tecnologia popular (BOUFLEUR, 2013; OBICI, 2014).

Sob uma perspectiva antropofágica, ao qual nos propomos um olhar para as relações de poder, podemos problematizar tais quatro categorias definidas a partir de duas perspectivas. Do olhar de fora, que se localiza do outro lado da linha

abissal, este que normatiza as práticas a partir de suas vivência e experiências (por vezes construídas sobre a invisibilização do outro) e subjuga e criminaliza as práticas que subvertem essas normatizações. Outra perspectiva é a do sujeito antropófago, aquele que ressignifica o lugar que lhe é dado pelo outro, que aceita o que vem de fora, busca e reconhece no outro seus pontos positivos, e age enquanto um sujeito ativo-devorador, possibilitando outras significações para o lugar comum dado aos dispositivos normalizados do outro lado da linha.

Como nos pontua Roberto Schwarz (1989), este papel ativo mediador entre a cultura local e a assimilação não passiva da cultura do outro, assim como a capacidade de regeneração dos brasileiros, deve ser celebrado enquanto nosso diferencial no que ele considera como o mapa da história contemporânea.

Duas considerações apontadas por Obici (2014) valem destaque aqui. Quanto mais a sociedade torna-se dependente da tecnologia, mais propício é o cenário para a criação e consolidação de gambiarras. Se em sua origem, estava relacionada a puxar energia elétrica de um lado para o outro, ela já adquire funcionalidade para diversos outros dispositivos, como computadores, celulares, carros e até serviços de internet. Tal característica nos conduz ao segundo destaque, o autor nos indica que as ações ligadas a gambiarra não correspondem a um projeto estético e que no geral emergem em cenários de precariedade.

Podemos problematizar que, se a subversão não é um projeto, o cenário sob o qual ela é acionada faz a manutenção projetada para este território subalterno. Desta forma podemos pensar seus usos como uma forma de apropriação política frente a impossibilidade de acesso a recursos (OBICI, 2014). Neste ponto a antropofagia propõe a ressignificação da estética periférica com claras projeções políticas da mesma, nos possibilitando trazer o próprio conceito antropofágico para a discussão de produções de podcast junto com a conceituação de gambiarra.

A antropofagia de Oswald de Andrade encara o desajuste à norma como algo a ser encorajado e exaltado. O povo brasileiro, feito de gambiarras não corresponde a ausência estética. Considera a gambiarra como estética própria. Subversiva. Regenerativa. Criativa. Híbrida. E, por que não, resiliente? Diante da falta de

recursos, a gambiarra. Ela indica uma vontade de fazer apesar do modelo hegemônico e da falta de recursos. Ela nos entrega reapropriações e usos do cotidiano, e reivindica espaços e bens que nos foram historicamente negados.

Em outras palavras, gambiarra é resistir e fazer prosperar. Apesar de qualquer outro fator negativo. “Num mundo onde a habilidade de invenção e reparação tornam-se meio de sobrevivência e, às vezes, única forma de desfrutar do conforto que tais dispositivos podem oferecer, não há como deixar de pensá-las como práticas políticas” (OBICI, 2014, p. 13).

Não encaramos esse desajuste como negativo, como pressupõem as lógicas normatizadoras coloniais pensadas “do outro lado da linha”. Neste trabalho consideramos esse desajuste a norma como característica de inovação, a possibilidade de tecer outros caminhos, inclusive caminhos críticos as normatizações. Além de pensar “as faltas” presentes nas gambiarras, por que não pensar as estruturas deficientes que fazem a manutenção de tais ausências? E destas constatações, por que não problematizar os caminhos alternativos que os sujeitos subalternos encontram para superar assimetrias? A gambiarra, como movimento crítico, evidencia a fragilidade de uma mídia supostamente universal (OBICI, 2014).

Essa característica híbrida e com potencial gigantesco para gambiarras, evidencia outra propriedade do conceito de gambiarra que nos é muito útil ao estudar a podosfera. Trata-se da instabilidade. Presumindo que a gambiarra é uma ação sem projeto, de improviso e da ordem do experimento, “com o que se tem disponível”, nos coloca a prerrogativa de que a qualquer momento, a própria gambiarra pode ser desfeita. O próprio Brasil, no início do século XX era pensado desta forma, não promissor por muitos antropólogos europeus, que consideravam a Nação como fadada ao colapso e ao fracasso por conta de nossa falta de coesão, desajuste e intensa miscigenação (BOUFLEUR, 2013).

Deglutinando então todas as influências externas com nossas perspectivas de experiência em produção de podcast com sujeitos amazônicos, chegamos a algumas contribuições não somente para os estudos sobre podcast, mas sobre a

própria comunicação e sua importância em um movimento de emancipação humana. A seguir, apresentaremos algumas reflexões, fruto da junção desses conhecimentos por nós mastigados nos três primeiros capítulos, buscando problematizar sobre a posição dos saberes subalternos e amazônicos para a constituição de seu território científico.

4. Desestabilizações Epistêmicas e Contribuições Amazônicas

Pensar nas relações de colonialidade, considerando que estas são projetos inacabados e ainda em vigência, nos convida a problematizar também o lado do colonizador, no sentido de acionar as lógicas nas quais operam as relações de poder. Boaventura de Souza Santos (2010) nos auxilia nesta tarefa quando criou alguns conceitos-chave para pensar tais lógicas, entre eles “linhas abissais”, “epistemologias do sul” e “Ecologia dos saberes”.

O autor nos fala sobre linhas invisíveis, as quais vai se referir como “linhas abissais”, que separam o mundo em dois. De um lado, ocorre a lógica de regulação e emancipação, em que os sujeitos não apenas têm seus direitos reconhecidos também possuem a inteligibilidade de seu pensamento e o reconhecimento de seus saberes e epistemologias, tal como se apresentam. Fala sobre a autonomia destes sujeitos em relação ao seu pensamento e suas condições de produção (SANTOS, 2010).

Do outro lado da linha, ou talvez melhor observando, *deste* lado da linha, encontramos uma lógica operando diferente. Tal que se vale da apropriação e violência. Em geral, envolve incorporação, cooptação, assimilação e posterior destruição física, material, cultural e humana. Esta relação é uma das expressões de processos (neo)coloniais, em que os conhecimentos são dominados por um grupo, reajustados, e convertidos em instrumentos de dominação (SANTOS, 2010).

Resgatando e seguindo os pensamentos do subtópico anterior para introduzir as relações de colonização, podemos pensar que os povos originários que aqui habitavam antes de uma invasão europeia, tiveram e ainda tem, seus conhecimentos e bens (culturais e materiais) estudados, organizados e reorganizados pelos invasores, que se tornaram “responsáveis” por (des)legitimar tais saberes através de uma lógica outra, a da colonização. Posterior a isso, foram obrigados a ressignificar tais conhecimentos com base nesta outra lógica, o que gera um processo de violência em diversos níveis. Como indica Boaventura

a apropriação vai desde o uso de habitantes locais como guias, e de mitos e cerimônias locais como instrumentos de conversão, à pilhagem de conhecimentos indígenas sobre a biodiversidade, enquanto a violência é exercida através da proibição das línguas próprias em espaços públicos, da

adoção forçada de nomes cristãos, da conversão e destruição de símbolos e lugares de culto, e de todas as formas de discriminação cultural e racial” (SANTOS, 2010, p. 29).

O outro lado da linha não sente-se constrangido ou encara um papel de incoerência por agenciar uma lógica tal, visto que, nos parâmetros contemporâneos, organizados em sistemas políticos, sociais e econômicos, um paradigma depende do outro para manter sua sustentação. Se no período da colonização, tais lógicas eram utilizadas para justificar a escravidão e a morte do outro diferente, hoje vivemos um tempo de paradoxo e perplexidade entre vias para sobrevalorização de “vetores identitários” e difusões de uma ideia neoliberalista que constrói uma homogeneização mercantil-globalizada (HAESBAERT; MONDARDO, 2010).

O autor defende que as linhas abissais globais não são fixas e sim móveis, com passar do tempo e de seus movimentos (SANTOS, 2010), o que por si só, nos auxiliará a pensar a antropofagia como uma teoria de exportação mais a frente no trabalho. Nos últimos sessenta anos, indica dois grandes abalos tectônicos. O primeiro com lutas anticoloniais e de independência. O outro lado da linha, revoltou-se contra a exclusão radical, à medida que os povos violentados começaram a se organizar e reclamando o direito à inclusão no paradigma da regulação/emancipação. Durante algum tempo, o paradigma da apropriação/violência parecia ter chegado ao fim, cada lado da linha se movimentava de maneira independente, porém pareciam caminhar no mesmo sentido. Porém, não foi isso que ocorreu (SANTOS, 2010).

Em 1970 e 1980, ocorreu o segundo abalo, em direção oposta ao primeiro. A lógica apropriação/violência tem ganhado força, numa extensão tal que o outro paradigma não apenas está se reduzindo como também ficando contaminado pela lógica violenta (SANTOS, 2010).

Percebemos isso como uma resposta abissal para a influência e o espaço que outros sujeitos e narrativas começam a reivindicar nas sociedades metropolitanas. Justo a isto, também há um reforço de governos de moldes coloniais, ainda que se trate de governos indiretos, como no caso de uma lógica política-econômica com tendências neoliberais, em que há uma omissão do Estado diante de uma regulamentação social, deliberando tal tarefa para o setor privado,

que coloca setores mais frágeis da sociedade à disposição daqueles que podem lhe controlar.

Haesbaert e Mondardo (2010) nos auxiliam na compreensão das modificações de tais linhas abissais, quando definem que as categorias “espaço” e “território” são produtos de inter-relações, e apontam para a existência de uma multiplicidade de trajetórias distintas. São estas entidades abertas, em constante construção e formulação, agendando encontros, desencontros, confrontos e trânsito entre os sujeitos. Tais concepções nos auxiliam a compreender que, tal como o território brasileiro e a identidade brasileira, da mesma forma que foram forjados neste jogo de inter-relações já explanado anteriormente, como uma de suas diversas possibilidades de formação, também não se constitui como um projeto findado, mas sim aberto a práticas mais transculturais e, por consequência, novas formas de identidade e territorialidade, da mesma forma como está em movimento de outras práticas abissais, a exemplo do neoliberalismo.

Temos então como interpretar o conceito de ecologia dos saberes, noção constituída a partir das noções de linhas abissais de Boaventura de Souza Santos (2010). Isso por que a (trans)territorialidade está ligada, em primeiro lugar, às relações de poder vigentes e um caráter cada vez mais mercantilizado incorporado nos processos de identificação social (HAESBAERT, MONDARDO, 2010).

Se as inter-relações podem reconstituir os territórios, e por assim dizer, as linhas abissais, podemos constituir outras possibilidades. Neste aspecto Santos (2010, p. 42) nos indica o conceito de “Cosmopolitismo subalterno”, manifestado através de iniciativas e movimentos que constituem uma “globalização contra-hegemônica”. Trata-se de um vasto conjunto de redes, iniciativas e movimentos que reivindicam um espaço de regulamentação e emancipação contrário a uma lógica de apropriação e violência. Para o autor, uma justiça social global só pode ser encarada através de uma justiça cognitiva global, o que nos implica reconhecer as (trans)territorialidades presentes nas diversidades e no exercício de alteridade que encare na diferença uma possibilidade de coexistência harmônica e regenerativa. “Ela requer um pensamento alternativo de alternativas” (SANTOS, 2010, p. 41).

Com estas concepções Boaventura nos introduz ao que chamará de “Ecologia dos Saberes”, partindo da ideia de uma diversidade inesgotável, não reconhecida pelos sistemas hegemônicos. Este novo paradigma “confronta a monocultura da ciência moderna com uma ecologia dos saberes [...] reconhece a pluralidade de conhecimentos heterogêneos” (SANTOS, 2010, p.44) e em suas interações dinâmicas e sustentáveis entre eles, sem que se perca a autonomia.

Esta diversidade inesgotável, de acordo com o próprio autor, estaria desprovida de uma epistemologia própria, capaz de dar inteligibilidade aos seus saberes. É neste ponto que propõem então as “Epistemologias do Sul”, ou seja, aquelas que dão inteligibilidade à saberes antes apropriados e violentados através de uma lógica de divisão abissal (SANTOS, 2010).

Conversando com o autor, podemos também acrescentar que, reconhecer e dar inteligibilidade a outros saberes, romper com lógicas de apropriação e violência, implicam necessariamente em reconhecer o papel de protagonismo de sujeitos antes apropriados e violentados. Tais saberes devem ser estudados, organizados e reorganizados por seus protagonistas, pelos sujeitos de suas epistemes, e não por sujeitos “de fora”, a quem lhe cabe a tarefa de inteligibilização e sistematização. Voltando a analogia da colonização, saberes indígenas, precisam ter como protagonistas (e aqui diferenciamos protagonismo e exclusividade) sujeitos indígenas em suas múltiplas esferas, incluindo o campo acadêmico. Tal implicação pode parecer óbvia, porém é de vital importância que nos esforcemos para compreendê-la em seu sentido mais amplo, uma vez que implica em complexos processos de (trans)territorialidade.

Só podemos considerar a emancipação dos sujeitos a partir de uma ruptura do pensamento ocidental moderno. Quando pudermos pensar a partir do outro lado da linha, das periferias, que reconhecem a diversidade e confrontam uma monocultura dos saberes, a partir da sacralização do lugar científico. Não podemos conceber um pensamento decolonial latino através da importação do pensamento de autores europeus, sem que este seja reorganizado, ou através da vertente antropofágica, deglutido, por sujeitos nativos. A evidência dos sujeitos é peça central nesta ecologia dos saberes, na construção de decolonialidades, pois implica no

reconhecimento do outro como diferente, mas em posições sociais de igualdade e não de inferioridade. Implica alterar a lógica abissal e reconhecer o outro como outro e não pela lógica das coisas, as quais se busca apropriação.

Uma concepção pós-abissal só pode prever a emancipação quando esta é perpassada por todos os sujeitos, com suas (trans)territorialidades, compreendendo que existem diversas formas de exclusão visíveis e invisíveis. Não pode haver emancipação enquanto houver grupos “sub-humanos” (SANTOS, 2010, p. 44).

A Ecologia dos Saberes pautada por Boaventura segue alguns pressupostos: co-presença radical do outro; renúncia de qualquer epistemologia geral, em nome da inesgotável pluralidade de conhecimentos; a crença de que a ciência não é a única forma de conhecimento válido e rigoroso, e este merece atenção por conta da pesquisa. Também pode ser encarada como uma contra-epistemologia, a partir de A) o surgimento político dos povos e visões de mundo do outro como parceiros em uma luta anticapitalista e B) que sociedades periféricas do sistema mundial moderno em que a crença na ciência moderna é mais tênue, assim como, outros conhecimentos não-científicos e não-ocidentais prevalecem. A globalização contra-hegemônica se destaca pela ausência de uma única alternativa global (SANTOS, 2010).

Percebemos uma relação entre conceitos de transculturação, antropofagia e uma ecologia dos saberes. Fazendo um recorte histórico e geográfico, os conceitos de transculturação, hibridismo e, evidentemente, antropofagia que acionamos aqui, encontram suas raízes na América Latina, sendo esta, muitas vezes considerada como um continente híbrido por excelência. O ponto central da criação de tais teorias culturais, se baseia na necessidade de criar um vocabulário que pudesse acompanhar o processo constante do encontro entre diferentes sujeitos e suas culturas. Do ponto de vista antropológico, a noção de transculturação visava superar uma visão limitada e “europeia” de aculturação e mestiçagem racial, dando destaque para a “criação de novos fenômenos culturais” (HAESBAERT, MONDARDO, 2010, p.24).

Walter Mignolo (2013) considera que o desenvolvimento de conceitos como a transculturação, ajudaram a desenvolver um pensamento das margens, que

evidenciava e criticava as limiares epistêmicas, ao clamar por um pensamento crítico de fronteira. A própria metáfora da fronteira é muito poderosa quando perpassada anteriormente pelo conceito de Ecologia dos Saberes, pois significa uma alteração de uma lógica em que as diferenças são separadas e divididas por um abismo (as linhas abissais), que engole aqueles que buscam transitar entre os seus territórios, constitui uma fronteira, espaço vivo de dinâmico de trocas e intensos trânsitos.

Haesbaert e Mondardo (2010), reforçam a importância de pensar a transculturação em termos de posições hegemônicas e subalternas, tanto no campo do conhecimento quanto na produção dos sujeitos ou grupos transterritorializados. Nesta perspectiva Santos (2010) explica que tão importante quanto o que se aprende é também aquilo que não se aprende, que se ignora e que se desaparece. Para a ecologia dos saberes, cruzam-se conhecimentos e ignorâncias. A ignorância pode ser vista também como ponto de chegada, para além de um ponto de partida.

A transculturação, partindo do contato com o outro, pode ser encarada através de um jogo de negociações, ela envolve ganhos e perdas, mas especialmente evidencia uma perspectiva criadora através dos conflitos, negociações e cruzamentos. A transterritorialidade, nos dá uma dimensão do trânsito, da transição e o estar neste “entre-lugar”, um “meio do caminho”. Enquanto a multiterritorialidade nos implica pensar a passagem entre territórios e territorialidades, a transterritorialidade é produzida no “estar-entre”, através de distintas territorialidades. Desta forma, transterritorialidade “envolve não apenas o trânsito ou a passagem de um território e territorialidade a outra, mas a transformação efetiva dessa alternância em uma situação nova, muito mais híbrida” (HAESBAERT; MONDARDO, 2010, p. 35).

Os autores Haesbaert e Mondardo (2010), afirmam que no processo conflitivo de construção de territorialidades, existe um complexo jogo de poder, que nos remete a uma imposição de uma territorialidade hegemônica sobre uma outra, subalterna. Os mesmos falam sobre uma integração imposta, compulsória e unilateral, “os processos de narração transculturada foram resultado de séculos de colonização, pelo contato e negociação cultural que promoveu a criouliização ou “assimilação” dos códigos culturais europeus por meio da hibridização

(HAESBAERT; MONDARDO, 2010, p. 37). Também afirmam que este não é um processo de mão única, mas que demonstram o predomínio de um grupo sobre outro.

A Ecologia dos saberes encontra conexão metodológica com práticas antropofágicas e transculturais ao pensar uma diferença entre a ciência como conhecimento monopolista e a ciência como parte de uma rede complexa de conhecimentos múltiplos, capaz assim, de negociar com padrões hegemônicos envolvidos neste jogo de ganhos e perdas (SANTOS, 2010).

Na ecologia dos saberes, a busca de credibilidade pelos conhecimentos não-científicos não implica no descrédito de conhecimentos científicos, mas em sua utilização contra-hegemônica. Trata-se de explorar a pluralidade interna da ciência para práticas científicas alternativas que tem se tornado viáveis através de epistemologias feministas e pós-coloniais (SANTOS, 2010, p. 48).

Para exemplificar, o hibridismo das identidades sociais num contexto (pós)colonial culturalmente tão rico e nuançado como o latino-americano, não é apenas um instrumento de ruptura com a “unidade” cultural do colonizador, desterritorializando tanto grupos hegemônicos (num nível mais atenuado) quanto subalternos (num nível muito mais violento), mas representa também uma forma de resistência/reterritorialização às vezes bastante rica, recriando, pela mistura, novas formas de construção identitário-territorial. (HAESBAERT; MONDARDO, 2010, p.26).

Entre diversas leituras possíveis, Haesbaert e Mondardo (2010) vislumbram o hibridismo como força e a antropofagia como arma, instigando a recriação constante, “o brotar de um pensamento mítico-poético indomável pelo utilitarismo e a domesticação do pensamento e das identidades euro-colonizadoras” (p. 28). A antropofagia é encarada como face positiva do hibridismo oferecendo o rejuvenescimento de culturas pretéritas e impelindo-as ao novo.

A sociedade antropofágica é fundamentalmente crítica, quando viola o intocável, quando propõe romper os limites e pensar outras possibilidades. A multiplicidade exerce uma condição de existência e de proposições a constantes recriações (HAESBAERT; MONDARDO, 2010). Não há nenhuma pretensão de estabilidade identitária no sujeito antropófago, pelo contrário, o ser antropofágico é sempre uma identidade à deriva (ROCHA, 2011B, p. 654).

O que nos faz pensar: nossas identidades estão se diluindo com a globalização? Pelo contrário, estas podem estar se fortalecendo, em formas tidas como reessencializadas, recriadas pelas próprias mobilidades e as formas mais híbridas, atravessadas por outras, numa amálgama de caráter múltiplo e fronteiro (HAESBAERT, MONDARDO, 2010).

É interessante pensar que o movimento antropofágico tem como uma de suas obras mais influentes o livro “Macunaíma: Herói sem nenhum caráter”, negando qualquer pretensão de uma identidade estável. João Cezar de Castro Rocha (2011b), nos argumenta que tal “ausência de caráter” sugere acima de tudo, que a própria identidade brasileira é definida por não dispor de traços essencialistas. Na visão de Mário de Andrade, Macunaíma não sistematiza uma psicologia individual ou étnica.

Em outro aspecto, como a antropofagia pode subverter uma lógica abissal de apropriação e violência? Se nos chamam de canibais antropofágicos e disso se utilizam para justificar lógicas violentas, podemos interpretar que “os outros”, colonizadores de fora, também se valem de uma lógica canibal de devoração. Neste aspecto, Oswald de Andrade nos afirma “Só a antropofagia nos une”, ao mesmo que nos indica um caminho decolonial através da produtividade da influência, considerando a força inventiva do sujeito antropofágico periférico (ROCHA, 2011b).

A antropofagia, cunhada neste contexto de tensionamentos de poder e negociações colonizadoras, pode ser vista como uma ferramenta, “devorar é instigar a re-criação constante, o brotar de um pensamento mítico-poético indomável pelo utilitarismo e a domesticação do pensamento e das identidades euro-colonizadoras” (HAESBAERT, MONDARDO, 2010, p. 28). É uma teoria que nos serve para pensar o *ethos* da cultura brasileira, encarando uma fase da positividade do hibridismo cultural, a partir da atualização de culturas pretéritas. Desta forma, uma sociedade antropofágica busca violar o intocável, romper com os limites, “des-territorializar-se num espaço onde a multiplicidade não é simplesmente um estorvo [...], é uma condição de existência e de re-criação não-estabilizadora do novo” (HAESBAERT, MONDARDO, 2010, p. 29).

Como nos pontua Roberto Schwarz (1989), este papel ativo mediador entre a cultura local e a assimilação não passiva da cultura do outro, assim como a capacidade de regeneração dos brasileiros, deve ser celebrado enquanto nosso diferencial no que ele considera como o mapa da história contemporânea.

A emersão de termos como hibridismo, multiculturalismo, transculturação, mestiçagem, cultura migrante, trânsito identitário, entre outras, nos remete a este momento de intensificação da mobilidade e da multiplicidade do espaço que configuram um grande potencial para trocas culturais, indicando outras realidades sócio-espaciais de reinvenções de territorialidades (HAESBAERT, MONDARDO, 2010).

Rocha (2011b) nos relembra que, a própria antropofagia em seu plano funcionamento, opera uma lógica de intensa alteridade, uma vez que sociedades antropofágicas, com seus rituais de reconhecimentos e transculturações aprimorados, considerariam sociedades antropeômicas (que rejeitam o outro) como bárbaras, justamente pela exclusão completa do outro e sua cosmovisão. Uma lógica que, como pudemos observar, é acionada também a partir de paradigmas abissais.

No entanto, a própria antropofagia carece de uma desterritorialização, um caminho já apontado tanto por Oswald de Andrade como por João de Cezar Castro Rocha, entre outros pensadores. A antropofagia precisa ser considerada para além de seu contexto e criação brasileira. Se perspectivarmos a América Latina, por exemplo, o gesto antropofágico de assimilação criativa e transculturação crítica é diversas vezes acionado. Inclusive o próprio termo transculturação cunhado pela primeira vez por Fernando Ortiz (1940).

Longe de buscar negar a importância e relevância dos pensamentos modernistas brasileiros, em especial de Oswald de Andrade, a Antropofagia, tal como foi cunhada por estes, só pode ser compreendida em tais parâmetros se revista dentro de um arcabouço transdisciplinar que necessariamente supera os limites da identidade nacional. Como afirma o autor, “a antropofagia não se cumpriu com mais vigor nos Estados Unidos? Então porque considerá-la ‘uma dimensão de nossa cultura’” (ROCHA, 2011b, p.666). Com isso o autor não buscava

desconsiderar os fatores nacionais brasileiros, mas amplia-los em perspectivas múltiplas, pensando uma antropofagia como operação cultural específica ou mesmo uma teoria de exportação. “Logo, e sem nenhum escândalo, ela pode ser mais norte-americana num período e menos brasileira noutra: o ponto fundamental, no entanto, consiste precisamente em não identificá-la segundo critérios nacionais” (ROCHA, 2011b, p.666).

Nos chama atenção, especialmente neste trabalho, a visão que se estende da antropofagia para Os Estados Unidos, especialmente porque buscamos falar sobre uma linguagem específica criada por lá. Nos próximos capítulos iremos abordar o próprio podcast em perspectiva antropofágica, a partir das buscas por desestabilização de características identitárias do rádio, de sua produção e circulação, mas também, por todo o modo como tais movimentos, presentes em diversos e determinados territórios nos possibilitam pensar tais (trans)territorialidades desestabilizadoras, capazes de invocar possibilidades criativas de assimilação crítica. Ao falar sobre a pódosfera e o podcast, nos aprofundaremos neste tópico, mas de antemão, já deixamos registrado que, se a antropofagia é este procedimento cultural de contínua assimilação da alteridade, trata-se também de um constante processo de mudança e de novas incorporações (ROCHA, 2011b), o que nos justifica a própria devoração do podcast com as (trans)territorialidades brasileiras.

Se desterritorializada, a antropofagia surge necessariamente em alguns contextos de (trans)territorialidades específicas, como temos demonstrado ao longo deste capítulo: trata-se de estratégias empregadas para assimilação de conteúdos que foram em um primeiro momento impostos, parte da ação de sujeitos periféricos, buscando assim, transformar a natureza desta ação,

contra a imposição de dados, a violação no ato de devorá-los. É óbvia a importância de tal procedimento num mundo globalizado; circunstância que pode criar condições favoráveis para uma formulação teórica renovada da antropofagia. Sob essa luz, a antropofagia pode transformar-se em paradigma teórico da alteridade (ROCHA, 2011b, p. 667).

Não é possível nos territorializarmos pelo movimento? O podcast e a antropofagia nos indicam a possibilidade desse caminho. Territorialidades ditas cada vez mais instáveis, não nos oferecem, como num passado, referenciais estáveis

para a construção de nossas identidades (HAESBAERT, MONDARDO, 2010). Se o podcast é um território em sobreposição, ele também problematiza conflitos identitários ligados a sobreposição de múltiplas territorialidades de seus sujeitos.

De alguma forma, podemos pensar a ecologia dos saberes proposta por Boaventura através de uma metodologia antropofágica, ou com um viés teórico antropofágico? Ou, em que ponto, podemos fazer uma separação teórica-metodológica entre transculturação e antropofagia? O caminho de encarar a categoria para além de uma vanguarda, ampliar a perspectiva transpassando o trabalho de Oswald de Andrade e encarando todo o potencial que a antropofagia assume enquanto uma teoria cultural nos apresenta como árduo. Não somos os primeiros e certamente não seremos os últimos a propo-lo, de qualquer forma, nos parece uma jornada desestabilizadora de preceitos teórico-epistemológicos hegemônicos válida o bastante para percorrer.

E neste ponto, encontramos mais uma vez sintonia entre a Ecologia dos Saberes, proposta por Boaventura e a Antropofagia pensada por Oswald e tantos outros, a capacidade de sujeitos periféricos de desestabilizar estruturas violentas, encarando os trânsitos e seus potenciais criativos regenerativos. É como afirma Santos (2010, p.54)

A ecologia dos saberes é uma epistemologia desestabilizadora no sentido em que se empenha numa crítica radical da política do possível, sem ceder a uma política impossível. A ecologia dos saberes é a capacidade do desvio, da desestabilização, da não aceitação conformista e rotineira que se reduz ao existente. A ecologia dos saberes é feita por sujeitos desestabilizadores e ao mesmo tempo, constitutiva deles. A própria construção social de tal subjetividade implica necessariamente recorrer a formas excêntricas ou marginais de sociabilidade ou subjetividade dentro ou fora da modernidade ocidental, as formas que recusam ser definidas de acordo com os critérios abissais (SANTOS, 2010, p. 54).

Se falamos de uma ecologia de saberes, podemos problematizar (trans)territorialidades antropofágicas epistêmicas? Esta é a proposta que desenvolvemos neste próximo subcapítulo. Trazendo o debate para considerações acerca de epistemologias antropofágicas amazônicas, podemos compreender a produção científica-epistêmica enquanto produção em três grandes contextos. O primeiro sendo o discursivo, em que se identificam modelos, paradigmas,

instrumentos, temáticas dentro de determinado campo. Tratamos esse contexto como a própria história de um campo científico e todo seu processo de formulação, tendo como base tradições e rupturas (LOPES, 1997).

Podemos também considerar o contexto institucional, aquele que se configura como mecanismos de mediação entre variáveis através de dispositivos organizativos de distribuição de recursos e de poder para a comunidade científica. Soma-se a estes dois, o contexto histórico-social, em que variáveis geográficas, históricas e sociais incidem sobre a pesquisa científica, especialmente se considerarmos as relações entre comunidade científica e outras comunidades (LOPES, 1997).

Sobre tais contextos, podemos problematizar que uma epistemologia da comunicação no Brasil nos imbrica relações de colonialidade, de pensar a periferia tanto em uma escala nacional, como no caso do Brasil com a região Amazônica, mas também para pensar os países de um norte e de um sul global. Partimos da consideração que nosso contexto discursivo é forjado no exterior e que pouco considera nossa história com a comunicação para formular seus paradigmas. Sobre um contexto institucional, o norte e a Amazônia brasileira enfrenta assimetrias em relação a outras regiões do país em que as condições de produção de ciência são mais favoráveis. Na ótica do contexto social, estamos em busca de tornar inteligíveis as territorialidades nortistas, para pensar atualizações no campo científico.

Immacolata Lopes (1997) nos indica que o conhecimento científico é sempre resultado desses (e outros) múltiplos fatores, que constituem as condições concretas para sua produção. É através dessa perspectiva que propomos então uma visão epistêmica que parte dessas territorialidades específicas. Buscamos uma abordagem antropofágica, por esta considerar os desajustes a norma enquanto nossa capacidade ativa de desterritorialização diante das lógicas colonizadoras. Tomamos então a epistemologia pela periferia.

4.1 Epistemologias Periféricas

Uma proposta epistêmica antropofágica da comunicação não pode se consolidar sem uma referência. Isso porque considera a antropofagia como o

resultado do deglutir de partes, mas também porque pensar atualizações no campo da comunicação. Por isso, precisamos passar, ainda que de forma rápida, por alguns pressupostos de uma epistemologia comunicacional. No entanto, nossa abordagem aqui já é crítica-antropofágica, problematizando o que podemos considerar como indícios de colonialidade, enquanto fazemos estas revisões.

Tomamos mais uma vez o contexto discurso nas práticas científicas (LOPES, 1997). A comunicação possui seus paradigmas, porém, como indicam alguns autores, estes paradigmas em si, apresentam algumas especificidades notórias. Braga (2016, p.63) conceitua o campo enquanto uma espécie de “terreno vazio, sem outra existência senão pelo fato de que todas as disciplinas humanas e sociais tivessem alguma coisa a dizer sobre o tema”.

Esta interpretação nos é interessante por dois pontos. Primeiro, por nos colocar mais uma vez em um território a ser territorializado pelo outro que vem de fora. Assim como o Brasil, como já relatado anteriormente, a comunicação ainda é um campo de intensa disputa por sua constituição e que, ao menos segundo o autor, parece ser forjada de fora. De certo modo, são as outras ciências que nos indicam como proceder nas investigações em comunicação. É o olhar de fora que dá inteligibilidade ao nosso fazer. É também esse olhar de fora que hierarquiza as ciências e coloca a comunicação nessa perspectiva de “quase-ciência”. Um segundo ponto a observar é, podemos encarar a comunicação como um território em que referências antropofágicas podem ser muito úteis, especialmente considerando essas relações de alteridade. Da mesma forma, pensar o campo da comunicação no Brasil (ou na América Latina) se mostra não somente como campo promissor, mas também privilegiado, mais uma vez encarando uma ótica antropofágica, a partir das linhas abissais que dividem o mundo.

Braga continua, ao dizer que outros campos científicos se encontram na comunicação “para trocar seus pontos de vista específicos” (2016, p.63), o que mais uma vez nos remete a uma lógica parecida com a “brasileira” enquanto um território de troca (ou comércio). Podemos também problematizar acerca da concepção de “terreno vazio”, uma vez que a colonização brasileira manipulou essa ordem discursiva para justificar seus processos de dominação. O Brasil enquanto território

primitivo, vazio e desprovido de vidas inteligíveis, é justificadamente passível de um processo cruel de colonização. A comunicação, enquanto um espaço vazio a ser territorializado, também justifica tais processos de colonialidade acadêmica e intelectual.

Mas esta visão de “lugar vazio” acadêmica, ainda encontra resquícios na ordem discursiva colonial do próprio território latino. Podemos trazer para a interpretação o conceito de “Ecologia dos Saberes” de Boaventura Santos (2010), que problematiza justamente a relação hierárquica imposta sobre uma forma de saber/conhecimento sobre outra. Como demonstra o contexto institucional epistêmico da comunicação, este ainda é um campo a se desenvolver sob os parâmetros de outras ciências, porém, o que outras formas de saber, para além das inteligibilidades do outro lado da linha, tem a nos dizer sobre a comunicação? A comunicadora indígena Ariene Lima (2019) nos demonstra a importância da comunicação para as comunidades indígenas, que se utilizaram dela por gerações na luta por seus territórios e seus processos de territorialidades. Porém, como já indicado por Boaventura Santos (2010), tantos os processos, quanto as próprias produções, não são reconhecidos do outro lado da linha, por não seguir os paradigmas definidos por estas.

Estas lógicas ainda se apresentam ao pensar comunicação no Brasil. Martino (2016), ao falar de uma epistemologia da comunicação, demonstra essas relações coloniais, ao apontar que em comunidades “primitivas”, não haviam meios de comunicação que correspondessem a critérios técnicos e sociais (MARTINO, 2016). O autor chega a encarar as comunicações antes da escrita como “protomeios”. Para o autor, a sociedade tradicional é aquela que se pauta na escrita, cujo ele considera como o primeiro meio de comunicação. Martino vai considerar que é apenas nas sociedades complexas que os meios de comunicação alcançam um sentido pleno intrinsecamente ligados à organização social.

Não buscamos aqui desvalidar as considerações do autor, mas é necessário que se pense por uma perspectiva antropofágica. A partir dela, o primitivo deixa de ser algo considerado como negativo, até porque o antropófago, se dedica a desestabilização das normatizações (com enfoque especial para as relações

coloniais). Para o antropófago o interesse está na destruição e empobrecimento das culturais pretéritas, impelindo a elas o novo. Transformando o tabu em totem, a sociedade antropofágica viola o intocável e rompe com os limites, reterritorializa-se em um espaço em que a multiplicidade não é simplesmente um estorvo, mas condição de existência e recriação não estabilizado no novo (HAESBAERT, MONDARDO, 2010).

O primitivo deixa de ser visto como estágio menos evoluído hierárquica e progressivamente. Ele passa a coexistir na ecologia dos saberes. Desta forma, também é possível dizer que a comunicação é presente de forma metódica, técnica e social antes da escrita, especialmente se considerarmos o histórico de lutas dos povos indígenas (este sendo apenas um exemplo). As culturas de oralidade se organizavam e projetavam seus traços culturais antes da escrita, e tais características devem ser consideradas ao pensar epistemologias da comunicação no Brasil. Ignorar a oralidade e sua potencialidade política na constituição histórica dos sujeitos brasileiros, é passo para perpetuar as relações de colonialidade deste território que vão além de questões físicas e materiais, mas passa também por reconhecer como legítimos os processos de produção das identidades brasileiras.

Em perspectiva pós-colonial antropofágica, alguns autores já criticam a própria centralidade da escrita nos processos de representação da realidade abstrata. Di Felici e Pereira (2017), falam sobre como este processo (também interpretado como colonial) retarda possibilidades múltiplas de interpretação, inclusive da natureza. Os autores renovam uma perspectiva antropofágica, ao relatarem que o advento da internet tem ajudado e resgatar a multiplicidade desses processos, gerando a “emancipação do território em relação interpretações conceituais produzidas por suas representações escritas” (DI FELICE, PEREIRA, 2017, p. 25). Isso porque, com o processo de eletrificação e informação do território, este transforma-se cada vez em uma prática de interação comunicativa. As alterações tecnológicas, alteram também a percepção de espaço, e as formas de interagir com a natureza.

Na tentativa de delimitar o campo epistêmico da comunicação, alguns autores recorrem às normatizações de outras ciências, o que nos parece um caminho

promissor, desde que levados em consideração as especificidades de “nosso” campo. Braga (2016) nos indica que a comunicação é um interesse tão generalizado que não consegue mais caber nos territórios de cada campo particular de outras ciências.

O autor nos propõe pensar a comunicação no campo epistêmico enquanto uma interface, dialogando assim com outras áreas do conhecimento

hoje já não se aceita que “qualquer coisa” possa ser alegada como um estudo de comunicação. Afastada essa perspectiva frouxa, podemos nos dedicar, com muito mais seriedade, a uma questão duplamente interessante, que é o trabalho de **interfaces**. Este corresponde a um verdadeiro e efetivo trabalho de interdisciplinaridade – desde que se leve a sério a busca dos enfoques comunicacionais” (BRAGA, 2011, p. 64).

A tentativa de pensar a comunicação enquanto interface, a partir de uma perspectiva epistêmica, nos parece produtiva, a medida em que esta busca um meio termo entre as normatizações dadas de fora, ao mesmo tempo que mediadas pelas especificidades das próprias lógicas comunicacionais. O autor ainda atenta para que haja uma delimitação, mas que não seja compreendida como “coisas” ou “temas”, mas sim constituídas de processos epistemicamente caracterizados por uma perspectiva comunicacional. O que distingue a comunicação de outras áreas é esse esforço de perceber os processos sociais pela ótica distinta do campo (BRAGA, 2016).

Se considerarmos a América Latina enquanto território geográfico/físico híbrido, podemos perceber as vocações que o território comunicacional possui para também ser interpretado como híbrido. Esta característica, como já indicada pela própria antropofagia, nos indica um olhar para o outro, da mesma forma que refuta o pensamento de que somos um espaço vazio, de assimilação passiva de outras ciências. Talvez nosso olhar deva se voltar para essas relações entre características “primitivas” (antropofagicamente interpretada) da comunicação, com as potencialidades que deglute e outras ciências.

Braga (2016), também, nos auxilia nessa problematização, quando nos coloca que a profundidade das descobertas no campo comunicacional decorre mais de perspectivas elaboradas com enfoque outro, do que aquelas com foco exclusivo. Neste caso, cabe a comunicação uma reconciliação com sua característica de mediação em relação a outras ciências, e não tentativas de aproximação com

lógicas que vão contra ela mesma. Se falamos de um território antropofágico e híbrido, a instabilidade e a constante deglutição entre tradição e exercício de alteridade com o outro, é algo a ser constantemente considerado.

4.2 Comunicação e a interface epistêmica da alteridade

Refletindo sobre a própria epistemologia, é possível dizer que há no exercício epistemologizante, uma característica antropofágica. Bachelard (2006, p.165) nos indica que não há na prática epistêmica um “espaço vazio”, pois “nos conhecemos contra um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos, mal feitos, ultrapassando aquilo que, no próprio espírito, constitui um obstáculo à espiritualização”.

O autor ainda nos diz que, a ideia de partir do zero, ou de um campo vazio, só pode vir de culturas de justaposição e assimilação passiva, nas quais um fato conhecido se constitui imediatamente em uma riqueza. O espírito epistêmico se rejuvenesce à medida que aceita as transformações e atualizações em relação a um passado (BACHELARD, 2006).

Para Bachelard (2006), é fundamental para a prática epistêmica que se saiba formular problemas. Na ciência, os problemas não se formulam por si só, por isso, é através da formulação do problema que o espírito científico se desenvolve. Se pensarmos a partir desta perspectiva para considerar as especificidades do campo da comunicação como uma ciência, é fundamental que pensemos os problemas que tangem as pesquisas em comunicação, e como operam esta dupla articulação entre problematizar considerando as territorialidades epistêmicas e contextuais que influem na pesquisa.

O autor nos faz a distinção entre o historiador da ciência e o epistemólogo. O primeiro é aquele que toma as ideias como fatos, buscando restaurá-las e, de certa forma, preserva-las. Já o segundo, toma os fatos como ideias, como construções da realidade e a partir disso, insere-os em um sistema de pensamento. Desta forma, coloca a cultura em um estado permanente de mobilização, não estático.

Encara assim o conhecimento como aberto e dinâmico, pronto para dialogar ou se relacionar com todas as variáveis experimentais “dando à razão razões para evoluir” (BACHELARD, 2006, p. 169).

A antropofagia neste processo é fundamental, pois há um obstáculo epistêmico a ser considerado: o hábito intelectual. Trata-se do conhecimento não questionado, quando deste hábito não podemos distinguir entre o que ainda é útil e o que já foi outrora. Com o tempo, as ideias se valorizam indevidamente, passando a ganhar o valor indevido por si só. Uma ideia dominante polariza o instinto formativo, que acaba cedendo ao conservadorismo. Em determinado ponto, o espírito gosta mais daquilo que confirma o seu saber do que aquilo que o contradiz. Neste momento, ele prefere mais as respostas do que as perguntas. Por isso, Bachelard nos indica que

o espírito científico deve se formar contra a natureza, contra aquilo que, em nós e fora de nós [...] o espírito científico deve se formar deformando-se. Perante a natureza, ele não pode instruir-se se não purificando as substâncias naturais e ordenando os fenômenos misturados (BACHELARD, 2006, p.170).

A antropofagia é esta ferramenta que nos permite a re-criação constante, o brotar de um pensamento indomável pelo utilitarismo e a domesticação do pensamento das identidades euro-colonizadoras. Domesticação que se dá a partir do território periférico. Por isso, alguns autores a definem como o “ethos da cultura brasileira” (HAESBAERT, MONDARDO, 2010, p. 91). A filosofia antropofágica é aquela que então antecipa uma matriz de pensamento decolonial, preocupada com a contextualização das epistemes pela natureza geo-histórica de sua produção. É ela também que nos indica a possibilidade de problematizar e articular politicamente a criação de dispositivos capazes de reproduzir uma condição subversiva. No centro dessas questões, então os sujeitos periféricos. Antropofágicos.

Um olhar antropofágico se insere, em um primeiro momento, no reconhecimento do outro. Em uma ação de alteridade. O pesquisador deve ser pensado como sujeito concreto, imerso em um sistema social, cultural, político, econômico, geograficamente e historicamente situado. Ele é detentor de conhecimentos e competências construídos em uma trajetória de vida que configura seu modo de sentir, pensar e se relacionar com o mundo (BONIN, 2018).

O conhecimento científico é produto de um sujeito, que no processo investigativo, não caminha sozinho. Ele estabelece relações na construção de conhecimentos com outros sujeitos, relacionando-se com o mundo, seus pares e com os conhecimentos acumulados no campo científico (BONIN, 2018). Por isso, é necessária uma perspectiva crítica neste processo investigativo e nas interações entre sujeito - mundo - campo científico. Além disso, também necessário compreender que há uma batalha manifesta em todo o processo de pesquisa, considerando que ao mesmo tempo que toda investigação é construção do investigador, este também é determinado pelas práticas que evoca em seu processo. Criando assim uma relação entre liberdade e determinismo (LOPES, 1997). Nesta perspectiva, o pesquisador não é um sujeito finalizado, mas em constituição simultânea com o seu objeto de pesquisa. O pesquisador é parte dos fenômenos que pesquisa e se relaciona com seu campo de estudo.

A proposta antropofágica deve colocar em perspectiva: quais os saberes acumulados no campo científico da comunicação? Se a ciência é produto dos sujeitos pesquisadores, o conjunto científico é fruto das interações entre estes e os sistemas sociais, culturais, políticos e econômicos delimitados em um espaço e tempo. Um sujeito pesquisador em processo de investigação na década de 2020 no Brasil, irá interagir com que campo científico acumulado? Em quais condições sociais, culturais, políticas e econômicas estes se inserem? Uma prática decolonial científica não pode se debruçar apenas em clássicos europeus de delimitações divergentes de seu contexto, sem que haja uma perspectiva crítica neste acionamento. Da mesma forma, pode-se problematizar o diálogo com os pares. Quantos professores negros e indígenas ocupam o espaço acadêmico Brasil adentro, dialogando com pessoas que pesquisam sobre sujeitos negros e indígenas? Desta forma, as interações entre sujeito pesquisador e sujeitos sociais de sua contemporaneidade são urgentes nas práticas acadêmicas para efetivar perspectivas de ciência no processo de emancipação dos povos, mas também para possibilitar uma própria atualização do campo científico e seus acúmulos.

Maldonado (2013) e Bonin (2018) reconhecem que existem “sentidos comuns” acadêmicos que precisam ser problematizados e desconstruídos, a favor de uma

crítica aprofundada que se relacione com as realidades comunicacionais contemporâneas. Também reconhecem que existem saberes tradicionais milenares e de sentidos comuns esclarecidos com os quais a ciência deve dialogar, para que “se construa uma razão mais ampla e multifacetada, menos arrogante e mais sensível e empenhada em construir um conhecimento aprofundado e comprometido com a vida em múltiplas dimensões” (BONIN, 2018, p. 16).

Embora implícito nesta perspectiva, é fundamental aqui ressaltar que este diálogo deve se realizar em uma ação e conjuntura dialógica: Trabalhar com atualizações de uma ciência mais abrangente, mas que se permita e estimule a diversidade, especialmente de seus sujeitos pesquisadores. Torna-se menos arrogante implica questionar: a quem serve esta ciência produzida a partir deste diálogo multifacetado? Quem tem acesso à essa produção? Quais as formas de comunicar esta ciência para outras vivências fora dos paradigmas acadêmicos?

Em alinhamento com as perspectivas epistêmicas críticas, consideramos que nossas investigações não podem expulsar de sua episteme a questão dos fins da ciência, do seu papel e do seu sentido. E este sentido tem como um dos seus pontos cruciais a possibilidade de contribuir para a emancipação humana (BONIN, 2018, p. 16).

Dialogamos com Bonin (2018) ao pensar que a pesquisa necessita ter em sua concepção seus fins sociais, porém consideramos que o conhecimento produzido nesta relação já se constitui na própria relação, através das vivências de seus sujeitos, e não apenas na experiência daquele postulado como pesquisador. A ciência não deve ser pensada apenas como devolutiva em seu produto, mas como devolutiva na constituição da pesquisa junto aos sujeitos, abrindo assim a possibilidade de múltiplos autores. Ou, de múltiplos narradores de um fazer científico que se dá nas interações.

Paulo Freire (1987) nos convida a pensar essa relação da ciência com seus sujeitos, a partir de uma perspectiva do letramento e da alfabetização. Em perspectiva antropofágica, este instrumento que serviu de dominação e divisão social dos sujeitos, pode-se converter em ferramentas para sua emancipação. Especialmente quando consideramos o conceito de alfabetização trazido pelo autor:

“aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha da sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se” (FREIRE, 1987, p.6).

Se a ciência e a epistemologia são construções da realidade, formas de territorialidades materiais e imateriais, a sua produção, tal como a comunicação, pode ser encaradas a partir desta possibilidade de existenciar-se. Novamente trazemos as considerações de Boaventura Santos (2010), pois abre-se assim a possibilidade de instituir um campo de inteligibilidades das expressões de vida deste lado da linha que não precisam ser “traduzidas” ou forjados pelo outro. Que pode se forjar na relação do outro, mas com o protagonismo dos sujeitos periféricos.

Este protagonismo em uma perspectiva antropofágica, deve ser encarado a partir da estilização dos sujeitos em seus processos de históricos de constituição. Esta lógica está contida em um campo dinâmico de territorialização que ao mesmo tempo que cria obstáculos, incentiva a superação dentro desta lógica de dominação (FREIRE, 1987). Podemos encarar essas territorializações enquanto a multidimensionalidade expressa por meio de um conjunto de relações funcionais e simbólicas entre sociedade e espaço (HAESBAERT, MONDARDO, 2010).

O processo de emancipação e protagonismo dentro de um campo acadêmico, pode ser analisado na conhecida perspectiva de Paulo Freire (2005): a) movimentos internos que unificam elementos de uma metodologia e que os excede em amplitude de uma outra metodologia humanista; b) este movimento reproduz e manifesta um processo histórico em que os sujeitos se reconhecem, onde se dá a tomada de consciência; c) os rumos possíveis deste processo são viáveis projetos, e por consequência, a conscientização não é apenas conhecimento ou reconhecimento, mas opção, decisão e compromisso.

Cabe então aos sujeitos subalternos, periféricos e antropófagos, um exercício crítico de uma fazer epistêmico. Capaz de reconhecer o que vem de fora, selecionar o que lhe é produtivo, deglutir com seus traços primitivos, e transformar mais uma vez o campo epistêmico. Em um contexto pós-colonial, culturalmente tão rico e complexo como a América Latina, o Brasil e os territórios indígenas, o hibridismo não é apenas um instrumento de ruptura com a matriz do colonizador, mas representa também formas de resistência e de reterritorialização, recriando pela mistura, e às

vezes pela gambiarra, outras formas de construção e de identificação com o território.

4.3 Podcast dos Comunicadores Indígenas de Roraima: Evidências da (trans)territorialidades

Como podemos produzir, politicamente, articulações que instiguem a criação de espaços capazes de subversão, quando as lógicas em que estamos inseridos, nos remetem a processos de colonialidade, dominação, apropriação e violência? Como podemos encarar o protagonismo de sujeitos indígenas em produções de comunicação, no formato podcast, tendo em vista a podosfera enquanto um território conflituoso e em relação contínua com outras territorialidades complexas, como no caso da Amazônia brasileira?

Por meio dessas problematizações temos como proposta tensionar territorialidades indígenas em produções de podcast. Para isso, selecionamos algumas experiências de produções amazônico-roraimenses realizadas por Comunicadores Indígenas em dois momentos distintos: primeiro no I Encontro Estadual de Comunicadores Indígenas de Roraima, promovido pelo Conselho Indígena de Roraima (CIRR), em janeiro de 2020; e segundo, na oficina preparatória para produção do podcast do CIRR, ministrada a partir de julho de 2021.

Dos trabalhos elaborados no *Encontro dos Comunicadores Indígenas* selecionamos duas produções de podcast realizadas durante a oficina. Da capacitação com o CIRR, selecionamos o piloto e descrevemos os bastidores do processo de formação e produção das comunicações. A oficina foi a principal atividade da programação do Encontro, no dia 30 de janeiro 2020, e teve duração de 10 horas, divididas em três unidades: a) apresentação do conceito de podcast, seus usos e potencialidades; b) ferramentas para a construção de um programa em formato podcast e; c) elaboração dos programas. Estas etapas vislumbraram uma visão ampla da linguagem, dando condições para que os participantes conhecessem todos os processos de produção de podcast após as 10 horas de atividades, passando pela elaboração de uma pauta, até a gravação e edição. As unidades A e B foram feitas por todo o grupo de forma simultânea. Durante a unidade C, os

comunicadores foram divididos em grupos, para que pudessem produzir as comunicações. Ao final do dia, cada grupo compartilhou sua produção com os demais.

Os dois programas de podcast trazidos para interpretação neste capítulo são: “Grupo A - Cultura indígena e o avanço da tecnologia” e “Grupo B - Terceira Idade e Cultura Indígena”. Ambos trazem as territorialidades indígenas para o centro das discussões, buscando agenciar as potencialidades da linguagem podcast. Os programas foram compartilhados pelos participantes com outros membros de suas comunidades através do aplicativo *WhatsApp* e fazem parte do acervo do Conselho Indígena de Roraima e da Agência de Produção de Podcasts da Amazônia - AmaCast.

Durante a abertura da programação do dia, enquanto nos preparávamos para ministrar a oficina, o então Coordenador Geral do CIRR, Enock Taurepang, esteve presente com a turma e relatou a visão da coordenação em relação à promoção da oficina. Ele explicou que a proposta é compreender como as tecnologias desenvolvidas fora das comunidades, podem ser utilizadas também como ferramentas de luta pelos comunicadores indígenas; falou sobre a importância da comunicação para batalhas futuras; e que essa iniciativa se soma a outras já em andamento, como a luta por ocupar espaços universitários e atualizar conhecimentos junto com os tradicionais indígenas. Sua fala inicial serviu como base e aproximação para todo o conteúdo que havíamos proposto e preparado para aquele momento.

Dessa forma, adotamos a perspectiva antropofágica como metodologia de construção comunicacional decolonial a partir da ética, da estética e da política na sua relação com estruturas sociais e de poder. Logo, desenvolvemos uma crítica da pódosfera, buscando compreender as experiências estéticas comunicacionais nos seus trânsitos entre a produção e consumo de podcasts.

Algumas semanas após a primeira oficina, todo nosso planejamento de continuidade e de outras propostas de formação e criação foi interrompido por conta da pandemia causada pela COVID-19 e da perda de diversas lideranças indígenas.

Junto com os desafios impostos por este cenário, algumas propostas de comunicação e integração foram apresentadas para os coordenadores, como, por exemplo, difundir os protocolos de segurança para as comunidades espalhadas ao redor do estado, como isolamento social, usar máscara e álcool em gel e também o combate às *fake news* que circularam aos montes nos grupos de *Whatsapp* em diversas comunidades.

Paralelamente aos cuidados e o isolamento, o podcast se apresentava cada vez mais como uma linguagem emergente. O distanciamento social fez com que sua tendência de crescimento se potencializasse, e cada vez mais pessoas têm produzido podcasts e falado sobre - cenários esses que não imaginávamos quando começamos a abordar o tema ainda em 2017.

Em 2021, a nova coordenação geral do Conselho Indígena julgou possível e necessário uma retomada nos processos de formação de comunicadores para a produção de podcast, investindo agora na produção de um produto para o próprio CIRR. A proposta foi de se criar, inicialmente, um podcast mensal para levar informações de temas variados para diversas comunidades, com partes ou versões dessas produções em línguas indígenas, como Wapichana e Macuxi. Os programas seriam veiculados por tocadores na internet, mas especialmente por meio do *Whatsapp*.

Tal perspectiva se alinha com os resultados iniciais de um processo que teve, como um dos primeiros pontos, a Oficina para Comunicadores Indígenas, ministrada em 2020, também em parceria com o CIRR. Nos voltamos à análise destas produções, evidenciando pistas desse processo de comunicação e organização política a partir de uma metodologia decolonial crítica antropofágica.

Desta maneira, o primeiro programa que analisamos (Podcast A) trata justamente da relação da identidade indígena na comunidade Barro, região Surumu, em Roraima, sua relação com a agropecuária e as transformações do processo de manutenção das identidades indígenas roraimenses. O episódio é composto por quatro vozes, sendo elas de Tais Cristina Barbosa, da comunidade Barro, região Surumu (narrador 01); Ricardo Peterson Rodrigues, comunidade Tabalascada, região Serra da Lua (narrador 02); Ronilson Souza Queiróz, comunidade Pedra

Branca, região Serra (narrador 03) e Elissiane Henrique Olveira, da comunidade Barro, região Surumu.

O podcast é composto por dois momentos. No primeiro, cada um fala sobre suas percepções acerca da manutenção da cultura indígena local em contraste com a tecnologia. Nessa etapa, podemos identificar dois tipos de discursos presentes nas falas dos narradores. O discurso inicial dos narradores contextualiza as temporalidades indígenas contemporâneas, dizendo “que a cultura indígena era mais respeitada antigamente” (narrador 01); “vivia-se mais em coletividade, em comunidade e união” (narrador 02). “Um sempre ajudava o outro” (narrador 03) e “a tecnologia começou a mudar essa união. As comunidades que agora tem *wi-fi* deixaram um pouco de lado as tradições” (narrador 04).

Saquet (2010) indica que a sociedade, construindo o território, se relaciona com o ambiente historicamente. O autor define identidade como “código genético local, material e cognitivo: é um produto social, da territorialização, e se constitui no patrimônio territorial de cada lugar, economia, política, cultural e ambientalmente” (2010, p. 148). As identidades são definidas e consolidadas através de línguas, mitos e ritos, religião e pelos atos territorializantes dos atores sociais históricos. Como podemos observar nestes quatro primeiros discursos do podcast A, existe essa preocupação na manutenção das identidades indígenas locais em relação às suas territorialidades e suas formas de expressão contemporâneas.

Porém, também é importante ressaltar que a identidade, assim como as territorialidades e temporalidades, não é estanque ou essencialista, mas constantemente reconstruída, histórica e coletivamente, e que ganha sua materialidade especialmente através de ações políticas e culturais. Considerando este pensamento, podemos acionar o outro tipo de discurso presente no podcast A, introduzido pelo terceiro narrador, Ronielson, que segue uma linha de conciliação entre costumes antigos e mudanças trazidas pelas novas tecnologias: “A tecnologia também veio ajudar, principalmente quando usamos para os estudos. Podemos ver muitas coisas boas [...] O desafio é tentar conciliar a tecnologia e a cultura, mostrar como podemos resgatar a nossa cultura através dela”.

Observamos que este discurso entra em sintonia com a proposta da oficina de pensar as novas ferramentas tecnológicas (e no caso específico, da comunicação) com formas de preservação e a atualização das territorialidades indígenas locais. Neste ponto do podcast A, os narradores trazem um exemplo de como estes aspectos podem andar juntos nas comunidades locais, citando a Escola do Centro de Formação Indígena, que fica na comunidade Barro, da região Surumu, cuja proposta é apresentar uma educação diferenciada e específica pensando as territorialidades indígenas. Como explica o segundo narrador, Ricardo Peterson Rodrigues, "além do suporte técnico para as comunidades, existe a formação de lideranças, que busca o resgate da identidade dos povos indígenas".

É interessante notar que, neste momento, o podcast muda sua dinâmica narrativa. Se na primeira parte os discursos dos narradores eram voltados a um público externo, neste segundo momento a dinâmica assumida é mais interna, parecida com uma roda de conversa, em que os protagonistas perguntam e respondem curiosidades entre si. Aqueles que não frequentaram a Escola do Centro de Formação têm então a curiosidade de saber mais sobre seu funcionamento. O narrador 01 problematiza: "como a diversidade é ensinada? Como levar para casa o que se aprende no centro?"

Existe também uma demarcação no campo cultural que permeia as falas dos narradores nos últimos minutos do podcast. O narrador 02 então questiona e logo em seguida complementa: "E essa cultura que tu fala é de que tipo? São cultivos, né?! Cultivos de plantas, tipos de solo das diferentes regiões. Saber de tudo isso resgata a cultura indígena, é uma forma de nos fortalecer. Não são todas as escolas que ensinam". O debate então segue com um detalhamento sobre os cultivos indígenas e como eles são acionados dentro desse ensino específico.

Podemos interpretar essa demarcação do campo cultural associada ao cultivo agrário e sua relação com a produção do podcast como uma forma em que a natureza passa a ter significações inéditas a partir do desenvolvimento de novas tecnologias. Para isso, compreendemos a comunicação em rede, que permite a constituição de circuitos e interações, que manifestem conexões de várias naturezas, nas quais os sujeitos, os media e o território estão imersos de forma

indissociável em uma dimensão que os conecta e envolve, ao tempo que também lhes constitui. Desta forma, “a prática comunicativa não é mais aquela do sujeito com a natureza, mas aquela complexa e interativa entre sujeito-media-circuitos informativos-territorialidades” (DI FELICE, PEREIRA, 2017, p. 27).

O exercício podcasting, dentro dessa dinâmica, também nos possibilita pensar uma multiplicidade que a dimensão território-sujeito se inscreve junto com os media, para além da linguagem escrita. Por meio da ação humana, por muito tempo, a natureza esteve submetida à inteligibilidade da sua representação por uma lógica da centralidade da escrita. O ambiente tornou-se texto, realidade conceitual abstrata. A partir da eletricidade e o desenvolvimento de novas tecnologias, como no caso das redes digitais, “a natureza moderna passa a adquirir multiplicidade informativa, gerando a emancipação do território em relação interpretações conceituais produzidas por suas representações escritas” (DI FELICE, PEREIRA, 2017, p. 25). Com esse processo de eletrificação do território, este transforma-se cada vez mais em interação comunicativa, o que gera, por consequência, alterações na percepção de espaço e as formas de interagir com a natureza (DI FELICE, PEREIRA, 2017).

Tais considerações encontram reforço nos dizeres finais do podcast A: “Assim percebemos a grande importância da cultura dentro da nossa comunidade. E que a tecnologia possa nos ajudar a divulgar a cultura em si” (narradora 01, Tais Cristina). Desta forma, podemos trazer brevemente as considerações acerca desses processos de centralidade de aspectos da urbanidade, como no caso da eletrificação da natureza. Pensando as relações de acesso e possibilidade de produção, a adaptação de processos podcasting pode se consolidar como estratégia de comunicação, inclusive de significação das territorialidades indígenas, o que nos leva a problematizar: Quais as potencialidades do podcast para tratar a multiplicidade da natureza, do território e das territorialidades indígenas?

Essa multiplicidade narrativa também pode ser colocada em perspectiva quanto a outro traço de territorialidade dos povos indígenas: a língua materna. Este é o assunto central do podcast B, intitulado “Terceira idade e cultura indígena”. O mesmo também segue uma estrutura com quatro narradores, sendo eles: Vanderson da Silva Machado, Wapichana da região Amajari (narrador 01); Carlos Henrique,

Macuxi da comunidade Serrinha (narrador 02); Beatriz Silva Bento, Macuxi, comunidade Anta 2 (narrador 03) e; Elivanilda da Silva, Wapichana, comunidade Pium (narrador 04). Durante o podcast, os quatro conversam entre si, no formato “mesa redonda”. Mais uma vez, há a indicação do conflito entre preservação da cultura local e as novas tecnologias de comunicação, mas, desta vez, com foco nos sujeitos da terceira idade, como importantes agentes diante dessa dinâmica.

A problemática central deste episódio gira também em torno de pensar as novas tecnologias de comunicação como ferramentas, mas não apenas como estratégia de luta, preservação de identidades, mas também como forma de aproximar gerações. “Os idosos são os verdadeiros protagonistas para que as conquistas da era digital pudessem acontecer [...] A população indígena hoje é muito jovem e não liga muito para a nossa história, para como conquistamos o que temos hoje”, relata a narradora 03.

“Aconteceu de alunos não quererem fazer a formatura deles aqui no malocão da comunidade, que é o nosso cartão postal. Em toda a minha vida eu nunca falhei em nenhuma formação que tive aqui dentro da comunidade. Hoje estou na área da medicina, mas nunca falhei com nenhum curso aqui. Toda a minha formação foi aqui dentro”, relata a narradora 04.

É interessante pensar tais problematizações trazidas pelos protagonistas, especialmente quando pensamos em uma abordagem múltipla do território, que reconhece inclusive sobreposições em uma mesma zona. Saquet (2010) define quatro visões sobre o território que nos permitem compreender essas reivindicações. Assim, podemos pensar um território cotidiano, que é local de uma territorialidade imediata, banal e original. É o cotidiano vivido simultânea, territorial e linguisticamente (SAQUET, 2010). Quando a narradora propõe pensar que “o mais importante é a língua materna”, evoca justamente as territorialidades presentes nos cotidianos das comunidades. Como consolidar estratégias políticas a partir do uso cotidiano das línguas maternas? Essa evocação problematiza as relações de poder sócio-históricas dos povos indígenas que tiveram, em vários momentos de conflito com o “povo branco”, esse traço destituído.

O podcast, a partir de suas potencialidades, pode ser uma ferramenta nessa constituição estratégica de retorno das línguas maternas indígenas em seus cotidianos digitais, além de ser uma ponte entre gerações. Saquet (2010) também define um território das trocas, em que há um fluxo contínuo entre articulações do que é regional, nacional e internacional. Nesta perspectiva, podemos pensar as próprias negociações da língua portuguesa no território brasileiro e nos territórios indígenas, mas também os usos e apropriações do podcast nesses constantes processos de territorialidades.

Consideramos os territórios de referência, articulados de forma material e imaterial. Não se trata de um território que se habita, mas sim aquele que se habitou, evocado a partir das manifestações culturais ou das narrativas históricas dos povos indígenas. “São imagens que nutrem a identidade atual” (SAQUET, 2010, p. 150).

A narradora 03 conta um pouco sobre algumas relações entre esse território de referência e problemáticas que devem ser consideradas para que se efetue seu acesso: “Os jovens só nos procuram quando precisam fazer alguma atividade da escola que vale ponto”, e é complementada pela quarta narradora: “Eles falam, ‘não vou na casa daquele vovô não, porque ele é chato, fala muito, não para mais de falar’, mas isso é bom, porque é o passado que está nos ensinando”.

O narrador 02 então complementa: “Quem mais batalha para que a gente mantenha a língua materna é a 3ª idade [...]. São pessoas que não tiveram a oportunidade de conhecer essas novas ferramentas [...] e que precisam de ajuda dos mais jovens”. Tal problemática reforça a potencialidade que a prática podcasting pode assumir dentro dessas relações inter-geracionais. Além disso, reforça também os esforços estratégicos dos protagonistas em manter e atualizar este território de referência das territorialidades indígenas locais.

O podcast, então, é encerrado com o depoimento da narradora 04, Elivanilda da Silva, em língua Wapichana, que utiliza o momento de podcasting para forjar o que Saquet (2010) denominou como território sagrado, ligado a aspectos políticos e de religião, a partir dos rituais de identidade localizados em determinados territórios. Ao fazer este gesto de grande simbologia, sua narrativa atualiza traços do próprio

podcast, das territorialidades indígenas e torna possível uma ação política como resultado dessa hibridização.

Como já indicado, ao final da oficina foram reproduzidos os podcast para que todos os participantes pudessem contemplar e comentar. No geral, os comunicadores sentiram-se satisfeitos com suas produções, tanto em âmbito técnico, como em relação ao conteúdo produzido. Nos comentários finais, prevaleceu a interpretação de que a linguagem de podcast pode-se configurar enquanto uma ferramenta de comunicação na luta por emancipação dos povos indígenas, assim como a importância de consolidar espaços de interculturalidade crítica, como no caso da oficina.

Considerações

Não pensamos aqui em considerações finais, mas sim reflexões sobre parte do caminho. Este trabalho, tão pouco inaugura nossos processos de pesquisa, como não somente finaliza-os. Ainda indicamos, até mesmo, ao longo do texto, a necessidade de outros movimentos que possam somar. Consideramos então, esta pesquisa como o recorte flagrante de um movimento contínuo e ininterrupto, que inclusive faz parte da própria territorialização da podosfera, o que nos indicará tensionamentos, rupturas e continuidades. Mesmo assim, o caminho até aqui percorrido nos permite fazer alguns apontamentos iniciais.

Nosso movimento de conceituar o podcast enquanto uma linguagem híbrida vai ao encontro de pesquisas mais recentes no campo da comunicação, que para além de uma associação com a linguagem radiofônica, conseguem abordar outras perspectivas e agenciamentos da própria podosfera. Esse tipo de movimento é fundamental para que possamos compreender as complexidades e controvérsias que se relacionam a partir das instabilidades intrínsecas à própria linguagem.

Como discutimos ao longo do texto, existem diversas linhas do tempo possíveis que podem ser adotadas para dar conta da linguagem, suas territorialidades e historicidades. Essa característica reforça inclusive elementos próprios da linguagem, como a instabilidade de uma mídia híbrida. Em certa medida podemos até considerar o próprio podcast e a podosfera enquanto território antropofágico - híbrido por constituição, mas sempre com apetite de devorar outros elementos estrangeiros, que passam então a constituir esse território em constante trânsito, um (trans)território.

Nossa estratégia estética da escrita do trabalho converge para a mesma direção, uma vez que, buscou um constante devorar de autores e conceitos que, nos encontros possibilitados pelos diálogos construídos, permitem outras conexões. Essa maneira de encarar a podosfera foi fundamental para que consigamos fazer recortes múltiplos de suas disputas de (trans)territorialidades.

Podemos interpretar o uso das tecnologias e do próprio podcast nas comunidades indígenas enquanto uma diluição de territorialidades indígenas, mas se

pensarmos as concepções de instabilidade das identidades, trazendo ainda uma perspectiva antropofágica, podemos considerar a ressignificação de tecnologias estrangeiras para a atualização das territorialidades indígenas. Podemos interpretar o uso das tecnologias e do próprio podcast nas comunidades indígenas enquanto uma diluição de territorialidades indígenas, mas se pensarmos as concepções de instabilidade das identidades, trazendo ainda uma perspectiva antropofágica, podemos considerar a ressignificação de tecnologias estrangeiras para a atualização das territorialidades indígenas. Ao mesmo tempo cria novos espaços, estruturas e cenas, homogeneizando-as a partir de suas subversões, traduções e transformações. Se podemos pensar, no campo da podosfera contemporânea, relações de poder que institucionalizam algumas práticas, - normalizando-as - também podemos pensar negociações, como as encaradas nas territorialidades amazônicas expressas nestes exercícios de fazer podcast.

Propor a podosfera enquanto um território nos auxilia a reconhecer os diversos sujeitos de seu ecossistema, seus movimentos de disputa e como estes podem estar ligados a outros movimentos sociais, como a busca de sujeitos periféricos a uma cidadania efetiva e uma comunicação como processo emancipatório.

A antropofagia de Oswald de Andrade encara o desajuste à norma como algo a ser encorajado e exaltado. Subversiva. Regenerativa. Criativa. Híbrida. E, por que não, resiliente? Diante da falta de recursos: a gambiarra. Ela indica uma vontade de fazer, apesar do modelo hegemônico, apesar das condições adversas. Ela nos entrega reapropriações e usos do cotidiano, e reivindica espaços e bens que nos foram historicamente negados.

Mas, se é o brasileiro antropófago por vocação, seu apetite não é pelo saciar da fome de sobrevivência, mas sim pelo ritual: o outro já não é mais outro, mas elemento híbrido, digerido e deglutido juntamente com o sujeito antropófago. De tanto abrir os dispositivos, repará-los e fragmentá-los à sua conveniência, deixam de zelar pelos signos, pela unidade e identidade do projeto estético ao qual este pertencia.

Acionando a antropofagia nos processos metodológicos de pesquisa em comunicação e podcast assim como utilizando-a como teoria para embasar a análise crítica, estamos nos referindo a um posicionamento político decolonial. A antropofagia, enquanto uma teoria cultural, inaugurou uma perspectiva política no campo científico, uma vez que delimita uma postura colonial da relação entre Brasil e outros países a partir da transformação do tabu em totem e, assim fazendo, a antropofagia a transgride.

Esse processo é capaz de romper com a dicotomia entre os pólos Emissor-Receptor, considerando as singularidades da podosfera que configura, de maneira mais visível, uma zona de trânsito entre os sujeitos comunicantes. Estas problematizações possibilitam se aproximar de campos de conhecimento em comunicação, tais como o podcast e a antropofagia, para pensar uma comunicação brasileira decolonial e capaz de se efetivar como uma ferramenta de emancipação social a partir da comunicação.

Em um contexto decolonial, o hibridismo não é apenas um instrumento de ruptura com a matriz do colonizador, mas representa também formas de resistência e de reterritorialização, recriando pela mistura outras formas de construção e de identificação com o território.

Compreendendo a podosfera como campo que o trânsito entre sujeitos comunicantes é mais notório, este configura-se como um tensionamento das legitimações de quem pode comunicar e como pode comunicar. Esses sujeitos são convidados a construir narrativas a partir de suas vivências, que muitas vezes, não se ajustam com um padrão estético moralmente partilhado. A atitude crítica é acionada neste quesito como maneira de dar limite, encontrar as medidas que cercam determinadas governanças, buscando nesse exercício, mostrar os alicerces fundantes, deslocá-los e ampliá-los.

Tal posicionamento, no entanto, é algo que tem como fundamento a estilização do eu, ou seja, o posicionamento pessoal e individual de cada sujeito em relação aos consensos, às regras e preceitos. Esses questionamentos se dão pela experiência de produção, e a partir deles se inicia um movimento de transformação

da comunicação como ferramenta para emancipação social - através de um posicionamento estético.

Desse modo, é importante dar ênfase a produtos antropofágicos, capazes de articular subjetividades sonoras que ampliam as potencialidades da linguagem, assim como, reforçam espaços de reconhecimento identitário de atores sociais envolvidos na experiência de criação.

Logo podemos perceber, que a podosfera é território em sobreposição de disputa e instabilidades e é um lugar privilegiado para observarmos movimentos (ainda que tímidos e desorganizados) de emancipação humana por meio da comunicação. Afinal, as lógicas de emancipação transbordam as necessidades de sobrevivência, e passam por movimentos de reconhecer a ética, estética e política de diferentes comunidades.

Referências

ABPod. Podpesquisa 2018. Associação Brasileira de Podcasters. Disponível em: <http://www.abpod.com.br/media/docs/PodPesquisa-2018.pdf>. Acesso em: 05 março 2020.

AGUIAR, Lisiane Machado. **Cartografia: deriva metodológica**. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Orgs.). *Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008.

ANDERSON, C.W; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Jornalismo Pós-industrial: Adaptação aos novos tempos**. Tradução Ada Félix. Revista ESPM, São Paulo, Ano 2, Número 5, Abril / Maio / Junho de 2013, p. 30-89, 2013.

Assis, Pablo de. **O Imaginário do Áudio e o podcast: e-imaginando o potencial da produção e distribuição de áudio na internet**. Dissertação (mestrado em comunicação) - Programa de pós-graduação em Comunicação e Linguagens. Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba. 2011. 153f.

ATHIAS, Renato. 2007. **A noção de identidade étnica na antropologia brasileira: de Roquette Pinto à Roberto Cardoso de Oliveira**. Recife: Ed. UFPE.

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2006. p. 15-19; 165-173.

BECKER, Bertha K. **Amazônia**. 2 ed. São Paulo: Ed. Ática, 1991.

BENATTI, Julia Pinheiro. **Estratégias Transmidiáticas por meio do fracionamento de conteúdo: Uma análise do portal jovem nerd**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. 170f.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERRY, Richard. **Podcasting: Considering the evolution of the medium and its association with the word 'radio'**. The Radio Journal – International Studies in Broadcast & Audio Media, v. 14, n. 1, p. 7-22, 2016.

BRAGA, José Luiz. **Metodologia da pesquisa em comunicação: Estudo bibliográfico em disciplinas de pós-graduação**. In: *Pesquisa em comunicação: Metodologias e práticas acadêmicas*. Org. Cláudio Peixoto de Moura e Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Edipurcs. porto Alegre. 2016.

BONIN, Jiani Adriana. Processos e Percursos de Construção de Pesquisas em Recepção: algumas reflexões epistêmico-metodológicas. In: **Conexão**: Comunicação e Cultura, Caxias do Sul, v. 17, n. 34, p. 13-25, jul-dez de 2018.

BONINI, Tiziano. **The 'Second Age' of Podcasting**: reframing Podcasting as a New Digital Mass Medium. Quaderns del CAC, n. 41, v. XVIII, p. 21-30, 2015.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOUFLEUR, R. **Fundamentos da Gambiarra**: A Improvisação Utilitária Contemporânea e seu Contexto Socioeconômico. São Paulo: Tese-FAU/USP, 2013.

BUFARAH JUNIOR, A. **Rádio na internet, convergência de possibilidades**. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26, 2003, Belo Horizonte, Anais eletrônicos...São Paulo: Intercom, 2003.

BUTLER, Judith. **O que é crítica?** Um ensaio sobre a virtude de Foucault In: INGRAM, David (ed.). *The Political: Readings in Continental Philosophy*. Londres: Basil Blackwell, 2000.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos – conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1996.

CARVALHO, Marcia. **A Trilha Sonora do Cinema**: Proposta para um “ouvir” analítico. Caligrama: Revista de Estudos Revista de Estudos e Pesquisa em Linguagem e Mídia. V.3, N.1. USP: São Paulo. 2007.

CARVALHO, Paula Marques de. **Procedimentos de Construção de Podcasts**: O caso nerdcast. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. 118f.

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das Mídias. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Clara Isabel de Andrade. **Podcasts e construção de sentido**: acontecimento, narrativa e reverberações na série jornalística *Serial*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. 131f.

CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley. **Breve Gramática do Português Contemporâneo**. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1998.
<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-significado-de--eiro/16633>

CUNHA, Marcelo de O. Terra. **Emaranhamento**: dos gatos de Chrödinger à Álgebra Multilinear. Salvador: II Bienal da SBM. Outubro de 2004.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. **Bergsionismo**. São Paulo: Editora 34, 1999.

DI FELICE, Massimo Di; PEREIRA, Eliete. **Redes e Ecologias Comunicativas Indígenas: as contribuições dos povos originários à teoria da comunicação**. São Paulo: Paulus Editora, 2017.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio no ar: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Qu'est-ce que la critique?** Critique et Aufklärung Bulletin de la société française de philosophie, Vol. 82, nº2, pp.35-65. Tradução de Gabriela Latefá Borges. 1990.

_____. **Segurança, território, população:** curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.^a edição.

HAESBAERT, R. ; MONDARDO, M. L. . Transterritorialidade e antropofagia: territorialidades de trânsito numa perspectiva brasileiro-latino-americana. **GEOgraphia** (UFF), v. 12, p. 19-50, 2010.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. Ed. São Paulo: Aleph, 2008.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura Transmedia: La creación de contenido y valor en una cultura en rede**. 1. Ed. España: Gedisa, 2015. 350 p.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; MODESTO, Cláudia Figueiredo. Interações e mediações— Instâncias de apreensão da comunicação radiofônica. *Questões Transversais-Revista de Epistemologias da Comunicação*, v. 2, n. 3, 2014.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. I Seminário Internacioanl de Educação de Campinas. Revista brasileira de educação. N19. Campinas. 2002.

LIMA, Ariene (Susui) dos Santos. **Da fala à internet: as práticas comunicacionais dos indígenas da comunidade Truaru da Cabeceira em Roraima**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação – Jornalismo) – Centro de Comunicação, Letras e Artes Visuais, Universidade Federal de Roraima, 2019.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Um percurso epistemológico para a pesquisa empírica de comunicação In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (org.). **Epistemologia**

da Comunicação no Brasil: trajetórias auto-reflexivas. São Paulo: ECA USP, 2016, pp. 185-208.

MALDONADO, Alberto Efendy. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: _____. BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins. **Perspectivas metodológicas em comunicação:** novos desafios na prática investigativa. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2013.

MALERBA, João Paulo. **Rádios Comunitárias no Limite:** Crise na política e disputa pelo comum na era da convergência midiática. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) UNiversidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MARTEL, Frédéric. **Smart - O que você não sabe sobre a internet.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações.** Editorial Gustavo Gili: Barcelona, 1987.

MARTINO, Luiz. **As epistemologias da Comunicação: um percurso intelectual.** In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (org.). Epistemologia da Comunicação no Brasil: trajetórias auto-reflexivas. São Paulo: ECA USP, 2016, pp. 159-184.

MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na Era da Informação.** Coimbra: Minerva, 1999.

MILLS, C. Wright.. **A Imaginação Sociológica,** Rio de Janeiro: Ed. Zahar Editores, 1982.

MORAIS, V. M. I. DE; SANTOS, L. C. C. MEDIAÇÕES E CIBERCULTURA: ESTUDO DE COMENTÁRIOS EM MATÉRIA JORNALÍSTICA SOBRE A IMIGRAÇÃO VENEZUELANA EM RORAIMA. **Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação,** v. 1, n. 2, p. 120-144, 30 ago. 2017.

MOURA, Manoela Mendes. **Rádio Online:** Um estudo ecossistêmico do meio radiofônico na *internet*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015. 164f.

MURTA, Cíntia Maria Gomes. **Um Estudo sobre Podcasteros de Game Of Thrones.** Dissertação (Mestrado em Imagem e som) Universidade Federal de Carlos, São Carlos, 2016.

OBICI, G.L. **Gambiarra e Experimentalismo Sonoro.** 2014. 184p. Tese (Doutorado em Música) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, Edilene Mafra Mendes de. **A divulgação Científica Radiofônica em tempos de Internet:** Um estudo das adaptações do Rádio com Ciência ao ambiente da Web. 2011. 193f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

OLIVEIRA, Paula Cristina Janay Alves de. **A nova era de ouro do rádio?** Historicidades, tecnicidades e sensibilidades de podcasts brasileiros. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) Universidade Federal da Bahia, Belo Horizonte, 2018. 171f.

OROZA, E. **Desobediencia tecnologica de la revolucion al revolico.** online:<http://www.ernestooroza.com/desobedienciatecnologica-de-la-revolucion-al-revolico/>, 2012

PIAUI. **Quatro a cada dez internautas já ouviram podcast no Brasil.** 2019 (online). Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/quatro-em-cada-dez-internautas-ja-ouviram-podcast-no-brasil/>

PRADO, Paulo. Poesia Pau-Brasil. In: ANDRADE, Oswald. **Pau Brasil.** São Paulo: Globo, 1990.

PRATA, Nair. **Webradio:** novos gêneros, novas formas de interação. Florianópolis: Insular, 2009.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0.** E- Compós (Brasília), v. 9, p.1-21, 2007.

_____. Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. Intexto. Porto Alegre, n. 13, 2005.

RANCIÈRE, J. **A comunidade estética.** Revista Poiesis. 17. 2011.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível:** Estética e política. Tradução de Monica Costa Netto. São Paulo: Editora 34. 2ª edição, 1999.

RANCIÈRE, Jacques. Contemporary art and the politics of aesthetics. In: HINDERLITER, Beth et al (org). *Communities os Sense.* Duke University Press, Durkan e London, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. São Paulo, 2012.

REVISTA PIAUI. **Interação com o público ajuda ganhar e manter audiência.** 2019. (1h01m39s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EQMhiVTZwL8&list=PLn_YkZF2TTNs2aqIZscZ6zeV2ZD1TEbpf&index=3

ROCHA, Diogo Tognolo. **Para além de uma dúvida razoável: Serial** e a busca da verdade. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. 147f.

ROCHA, Luiz Gusthavo Nunes Silva. **Jornalismo, podcast e música:** alternativas para a construção de discursos musicais via podcasts em empresas de mídia. Dissertação, Mestrado Profissional em Produção Jornalística e Mercado, São Paulo, 2019. 82 f.

ROCHA, João Cezar de Castro. Oswald em Cena: o pau-Brasil, o Brasileiro e o Antropófago. *In*: RUFFINELLI, Jorge. ROCHA, João Cezar de Castro. **Antropofagia Hoje: Oswald de Andrade em Cena**. São Paulo: É realizações, 2011a. P. 11-15.

ROCHA, João Cezar de Castro. Uma Teoria de Exportação? OU: “Antropofagia como visão de mundo”? *In*: RUFFINELLI, Jorge. ROCHA, João Cezar de Castro. **Antropofagia Hoje: Oswald de Andrade em Cena**. São Paulo: É realizações, 2011b. P. 647-668.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental da América**: produção do desejo na era da cultura industrial. 250f. Tese. (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, 1987.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010.

SANTOS, Luan Correia Cunha. A estética da podosfera brasileira: Os devires e atualizações de uma comunidade sensível. **Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Social**, São Paulo, V. 9, N. 3. Outubro, 2020.

SANTOS, Luan Correia Cunha. **Podcasting Macunáima**: atualizações da estética antropofágica para a linguagem híbrida do podcast. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2019.

SANTOS, L. C. C.; SANTI, V. J. Relações Sincrônicas e Diacrônicas na Prática Jornalística: Do período Industrial ao Pós-Industrial. **Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, v. 1, n. 3, p. 62-86, 10 dez. 2017.

SANTOS, Luan Correia Cunha. ARAÚJO, Bryan Chrystian da Costa. LIMA, Ariene dos Santos. AGUIAR, Lisiane Machado. **Podcast Antropofágico**: uma proposta metodológica para produções sonoras em comunicação. ANAIS 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Joinville, SC. 2018.

SANTIAGO, Silviano. Nas Malhas da Letra. Rio de Janeiro: Rocco. 2000. SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. *In*: **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre a dependência cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p.16. (1ª. Edição 1978).

SCHAWARZ, Roberto. Nacional Por Subtração. Que horas são? São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp.37-38.

SODRÉ, Muniz. As estratégias sensíveis. São Paulo: Vozes, 2006.

SOUZA, Leonardo Costa. **Os vínculos sonoros no ambiente comunicacional do Podcast Mamilos**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2019. 84 f.

SPINELLI, M. **Filósofos pré-socráticos**: primeiros mestres da filosofia e da ciência grega. 2ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

YOSHIMOTO, Eduardo. **Das ondas do rádio à teia da rede**: Podcast Café Brasil. Mestrado em Linguística. Universidade de Franca. 2014.